
O GRANDE PERIGO ALI ERA EU
Nunca achei que me veria numa situação dessas
O QUE MARTIN FARIA?
SE NADA NO MUNDO MUDAR, QUE TIPO DE PESSOA EU PREFIRO SER?
A SOCIEDADE NÃO É TÃO IGUALITÁRIA QUANTO AS PESSOAS GOSTAM DE DIZER?
É DIFÍCIL SER PRETO, NÃO É?
Não posso continuar fingindo que não tem nada ERRADO
Sei que SOU uma pessoa BOA, Martin
O QUE TERIA SIDO DIFERENTE SE EU NÃO FOSSE NEGRO?
QUEM MARTIN SERIA?
Você era o cara, Martin
O CARA
Estou com a sensação de que TUDO que eu faço é uma batalha PERDIDA
E eu quero ser como VOCÊ
NIC STONE
CARTAS PARA MARTIN

Nic Stone

Cartas para Martin

Tradução de Thaís Paiva



Copyright do texto © 2017 by Andrea Nicole Livingstone
Publicado mediante acordo com The Deborah Harris Agency.

TÍTULO ORIGINAL
Dear Martin

PREPARAÇÃO
Isis Batista Pinto
Sheila Louzada

REVISÃO
Rayana Faria
Luiz Felipe Fonseca

ARTE DE CAPA
Limão/@limaocomvodka

DESIGN DE CAPA
Anderson Junqueira

REVISÃO DE E-BOOK
Maíra Pereira

GERAÇÃO DE E-BOOK
Joana De Conti

E-ISBN
978-65-5560-040-7

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Sumário
Dedicatória
Epígrafe

PARTE UM
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14

PARTE DOIS
- Capítulo 15

Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Quatro meses depois

Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também

Para K. e M.
Sejam a melhor versão de si.

&

Para Casey Weeks.
Considere isto meu quietus.

EU ACREDITO QUE A VERDADE DESARMADA E O AMOR INCONDICIONAL TERÃO A ÚLTIMA PALAVRA SOBRE A REALIDADE.

— Reverendo Dr. Martin Luther King Jr., em seu discurso de agradecimento pelo Prêmio Nobel da Paz, em 10 de dezembro de 1964

PARTE UM

CAPÍTULO 1

Do outro lado da rua, Justyce consegue vê-la bem: Melo Taylor, ex-namorada, caída ao lado de seu carro, no chão de concreto úmido do estacionamento do Walmart. Está sem um sapato, os pertences da bolsa espalhados ao redor como confetes. Jus sabe que está completamente bêbada, mas até mesmo para os padrões dela isso já é demais.

Jus balança a cabeça, lembrando-se do olhar de reprovação do melhor amigo, Manny, quando saiu de sua casa, menos de quinze minutos atrás.

O sinal de pedestres abre.

Quando ele está atravessando, ela abre os olhos, e ele acena, tirando os fones de ouvido bem a tempo de ouvi-la dizer:

— O que é que você tá fazendo aqui?

Justyce se faz a mesma pergunta, observando Melo tentar, em vão, ficar de joelhos. Ela tomba de lado, batendo o rosto na porta do carro.

Ele se agacha ao lado dela e faz menção de tocar seu rosto, que está do mesmo tom vermelho-cereja do carro.

— Cacete, Melo, você tá bem?

Ela afasta a mão dele.

— Não te interessa.

Justyce respira fundo, magoado. Ele se interessa, e muito. Óbvio. Se não se interessasse, não teria caminhado os quase dois quilômetros da casa de Manny até ali, às três da manhã (o amigo acha que Melo foi “a pior coisa que já aconteceu” na vida de Jus, então é claro que ele se recusou a levá-lo de carro), tudo para impedir a ex de pegar no volante caindo de bêbada.

Ele deveria dar meia-volta e ir embora nesse instante, deveria mesmo.

Mas não vai.

— A Jessa me ligou — explica ele.

— Aquela filha da...

— Não faz assim, gata. Ela só me ligou porque se importa com você.

A amiga até tentou levá-la para casa, mas Melo armou um escândalo, ameaçando chamar a polícia e dizer que estava sendo sequestrada se Jessa não a deixasse ali, onde tinha estacionado seu Mercedes vermelho metálico.

Melo pode ser um tanto quanto dramática quando bebe.

— Nossa, eu vou *muito* bloquear aquela escrota. — (Confirmando a informação anterior.) — Na internet *e* na vida. Piranha intrometida.

Justyce balança a cabeça de novo.

— Só vim aqui para ter certeza de que você ia chegar em casa bem.

Só então ocorre a Justyce que, mesmo que consiga levar Melo em casa, ele não tem ideia de como vai fazer para voltar de lá. Ele fecha os olhos, as palavras de Manny ainda ecoando na cabeça: *Você vai acabar se ferrando se continuar a bancar o herói dessa doida*.

Ele volta a olhar para Melo, agora sentada no chão. Está recostada na porta do carro, a cabeça jogada para trás, meio dormindo, a boca aberta.

Justyce suspira. Não pode negar que, mesmo bêbada, é a garota mais gata em que ele já pôs os olhos — sem mencionar as *mãos*.

Ela começa a escorregar para o lado, mas Justyce consegue pegá-la pelos ombros a tempo. Ela acorda de sobressalto, encarando-o com os olhos arregalados, e nesse momento ele tem um vislumbre de todas as coisas em Melo que chamaram sua atenção no início. O pai dela era jogador de futebol americano (daqueles negões gigaaaaantes) e chegou a entrar no Hall da Fama, mas a mãe é norueguesa. Por isso, Melo tem a pele clara dos nórdicos, cabelo ondulado cor de mel e incríveis olhos verdes, meio arroxeados nas bordas, ao mesmo tempo que ostenta uma

boca carnuda, cinturinha fina, curvas incríveis e a melhor bunda que Jus já viu na vida.

Isso é parte do problema. Ele fica cego diante de tanta beleza. Nem em seus sonhos mais loucos Jus imaginaria que uma garota como ela daria bola para *ele*.

Mesmo agora sente vontade de beijá-la, ainda que a ex esteja com os olhos vermelhos, o cabelo desgrenhado e cheirando a vodca, cigarro e maconha. Quando ele tenta tirar o cabelo dela do rosto, ela empurra a mão dele outra vez.

— Não encosta em mim, Justyce.

Ela começa a mexer nas coisas espalhadas no chão: lenços de papel, absorventes, um daqueles troços redondos com maquiagem de um lado e espelho do outro, um batom.

— Cadê minha chaveeeeee?

Justyce encontra as chaves em frente à roda traseira e as pega, apressado.

— Você não vai dirigir, Melo.

— Me dá.

Ela tenta pegar as chaves, mas acaba caindo nos braços dele. Justyce a apoia no carro para pegar o resto das coisas e enfiar na bolsa dela — tão grande que daria para carregar as compras de mercado de uma semana inteira (por que as mulheres amam essas bolsas do tamanho de malas de viagem?). Ele abre o carro, joga a bolsa no piso e tenta levantá-la.

E é aí que tudo dá muito errado, muito rápido.

Primeiro, ela vomita nele, sujando seu casaco todo.

Que pertence a Manny. Que foi muito específico ao avisar: “Não me volte aqui com o meu casaco todo vomitado.”

Perfeito.

Jus tira o casaco e o joga no banco de trás.

Quando tenta levantar Melo outra vez, ela dá um tapa nele. Com força.

— *Me deixa em paz, Justyce!*

— De jeito nenhum, Melo. Se você tentar dirigir, não vai chegar viva em casa.

Ele tenta levantá-la pelas axilas, mas ela cospe no rosto dele.

Mais uma vez, ele fica tentado a ir embora. Poderia ligar para os pais dela, meter a chave do carro no bolso e dar o fora. Oak Ridge deve ser o bairro *mais* seguro de Atlanta, não aconteceria nada durante os vinte e cinco minutos que o sr. Taylor levaria para chegar até ali.

Mas ele não pode fazer isso. Apesar da opinião de Manny de que Melo precisa “pagar pelos seus erros uma vez na vida”, não seria certo deixá-la ali totalmente vulnerável. Então ele a pega no colo e em seguida a apoia no ombro.

Melo reage com sua delicadeza de sempre: gritando e esmurrando as costas dele.

Justyce consegue, a muito custo, abrir a porta do carro e está tentando colocá-la no banco quando ouve o breve *wuuuuuup* da sirene e vê as luzes azuis. Nos poucos segundos que a viatura leva para parar atrás dele, cantando pneu, ele consegue pôr Melo no carro.

Agora ela está catatônica.

Justyce ouve os passos se aproximando, mas está concentrado em colocar o cinto em Melo. Quer deixar *claro* para o policial que ela não pretendia dirigir, para não encrencarem com ela ainda mais.

Ainda está com a corpo dentro do carro quando sente o puxão na camisa. Ele bate a cabeça na porta ao mesmo tempo que o agarram pela nuca, e é atirado com tanta força contra a traseira do automóvel que acaba mordendo a bochecha por dentro, a boca se enchendo de sangue.

Jus engole o sangue, zonzo, sem conseguir entender o que está acontecendo. O metal gelado nos pulsos o traz de volta à realidade.

Algemas.

Então ele compreende: por causa do álcool, Melo está desacordada no banco de trás de um carro que *ela* tinha toda a intenção de dirigir, mas quem é algemado é *ele*.

O policial o joga no chão ao lado da viatura enquanto pergunta se Justyce entendeu seus direitos. Justyce não se lembra de ter ouvido o policial citando direito nenhum, mas as duas pancadas na cabeça deixaram seus ouvidos zunindo, então *talvez* só não tenha ouvido. Ele engole mais sangue.

— Senhor, tudo isso é um grande mal-enten...

Mas Justyce é interrompido por um soco no rosto.

— Não vem com história pra cima de mim, não, seu filho da puta. Eu saquei que você não prestava logo que te vi andando por aí cobrindo a cara.

Então o capuz foi uma má ideia. Assim como os fones de ouvido. Sem eles, Justyce provavelmente teria notado que o policial o seguia.

— Mas, senhor, eu...

— Cala essa boca. — O policial se agacha, aproximando o rosto do de Justyce. — Conheço bem seu tipo. Tem sempre uns marginaizinhos que nem você rondando os bairros dos bacanas, só de olho. Não resistiu à garota branca bonitinha que ficou presa fora do carro, né?

Só que isso nem faz sentido. Se Melo tivesse deixado as chaves no carro, Jus não teria conseguido colocá-la ali dentro, certo? Ele vê o nome na identificação do policial: CASTILLO, mas o cara não parece latino. A mãe de Justyce o ensinou a lidar com esse tipo de situação, embora ele admita que não esperava um dia precisar das orientações dela: “Seja respeitoso, controle a raiva, deixe as mãos sempre à vista do policial” (embora esta última seja impossível no momento).

— Sr. Castillo, com todo o respeito...

— Eu mandei calar a boca, vagabundo!

Ele lamenta não conseguir ver Melo, pois poderia pedir a ela para contar a verdade ao policial. Mas o policial está bloqueando sua visão.

— Agora, se você não quiser complicação pro seu lado, vai ficar quietinho e sem se mexer. Resistir só vai piorar as coisas. Entendeu?

Justyce leva na cara perdigotos e o bafo de cigarro do policial, mas mantém os olhos fixos no letreiro luminoso do Walmart.

— Olha pra mim quando eu estiver falando com você, moleque. — Ele pega o queixo de Justyce. — Eu te fiz uma pergunta.

Justyce engole em seco. Seu olhar encontra a frieza dos olhos azuis de Castillo. Ele pigarreia e responde:

— Sim, senhor. Entendi.

25 de agosto

MEU CARO MARTIN (OU “DR. KING”),

Antes de mais nada, quero que saiba que não é por desrespeito que me dirijo a você com certa intimidade, mas é que no primeiro ano pesquisei sobre sua história e seus ensinamentos para um trabalho, então, para mim, sinto como se você fosse de casa. Espero que não se incomode com isso.

Uma rápida apresentação: meu nome é Justyce McAllister, tenho dezessete anos, moro em Atlanta e estou no último ano da Escola Preparatória de Braselton, onde tenho bolsa de estudos integral. Sou o quarto colocado entre os oitenta e três alunos do meu ano, sou capitão da equipe de debate, fiz pontuações excelentes nos exames de admissão e, apesar de ter crescido numa área “ruim” da cidade (não muito longe de onde você morou), é muito provável que meu futuro inclua uma das melhores universidades do país, um diploma em Direito e uma carreira na administração pública.

Infelizmente, hoje de madrugada nada disso teve valor algum.

O que aconteceu, em resumo, foi que eu tentei fazer uma boa ação e acabei sendo atirado no chão e algemado. Minha ex-namorada é que estava doidona, mas, pelo visto, o grande perigo ali era eu, com meu casaco de capuz, a ponto de o policial que me abordou até ter chamado reforço.

Eu pensei que tudo fosse se resolver quando os pais da minha ex chegassem, mas o mais louco disso tudo é que os policiais não queriam me soltar por nada nesse mundo, não importava o que o sr. e a sra. Taylor dissessem. Quando o sr. Taylor avisou que ia ligar para a minha mãe, os caras deixaram muito claro que, como eu tenho dezessete anos, pela lei americana já sou considerado maior de idade em casos de infração legal — ou seja, não havia nada que a mamãezinha pudesse fazer por mim.

Ele acabou ligando para a mãe de uma amiga minha, a SJ. A sra. Friedman é advogada e teve que ir até a delegacia vomitar na cara

deles um monte de termos legais para conseguir que eles tirassem minhas algemas. Já estava amanhecendo quando finalmente me liberaram.

Foram horas, Martin.

A sra. Friedman não falou muito enquanto me levava para o alojamento da escola, mas me fez prometer que eu ia passar na enfermaria para pegar compressas frias para botar nos meus pulsos inchados. Liguei para minha mãe e contei o que tinha acontecido. Ela disse que a primeira coisa que vai fazer amanhã é registrar uma ocorrência, mas duvido que dê em alguma coisa.

Sinceramente, não sei bem como deveria me sentir. Nunca achei que me veria numa situação dessas. Teve o caso de um garoto, Shemar Carson... negro, da minha idade... foi morto por um policial branco em Nevada, em junho. Não se sabem muitos detalhes, já que não houve testemunhas, mas tudo indica que o policial atirou num garoto que não estava armado. Quatro vezes. A história ficou ainda mais suspeita porque, de acordo com os médicos-legistas, houve um intervalo de duas horas entre a hora estimada do óbito e o momento em que o policial reportou o ocorrido.

Antes do Incidente (essa história de ontem), eu nunca tinha pensado muito sobre essas coisas. As informações que a gente encontra são conflitantes, então é difícil saber no que acreditar. A família e os amigos de Shemar dizem que ele era um bom garoto, que ia para a faculdade, que participava do grupo de jovens da igreja... mas o policial alega que o flagrou tentando roubar um carro. Houve confronto físico (diz ele), e aí, de acordo com os registros, Shemar tentou pegar a arma do policial, que então atirou no rapaz, em legítima defesa.

Sei lá. Eu vi umas fotos do Shemar Carson, e ele meio que tinha mesmo cara de bandido. Acho que pensei que nunca precisaria me preocupar com esse tipo de coisa, porque, comparado a ele, eu não pareço nada “ameaçador”, sabe? Não ando com a calça lá embaixo nem uso aquelas roupas largonas. Frequento uma boa escola, tenho objetivos de vida e “a cabeça no lugar”, como diz minha mãe.

Tudo bem que eu cresci numa área violenta, mas sei que sou uma pessoa boa, Martin. Sempre pensei que, se eu me esforçasse

muito e fosse um cidadão exemplar, não passaria pelas coisas que os OUTROS negros passam, sabe? É difícil aceitar que eu estava enganado.

Agora, eu só consigo pensar o seguinte: “O que teria sido diferente se eu não fosse negro?” Até entendo que, de cara, o policial só podia confiar no que estava vendo (que realmente parecia meio suspeito), mas nunca tinham duvidado do meu caráter dessa forma.

A noite passada mudou algo em mim. Não é que eu vá sair por aí todo revoltado e fazendo mer... quer dizer, fazendo besteira, mas sei que não posso continuar fingindo que não tem nada errado. Pode até não haver mais bebedouros separados para as pessoas “de cor”, e racismo hoje em dia é crime, mas, se eu ainda posso ser forçado a sentar no chão de concreto com algemas apertando meus pulsos mesmo sem ter feito nada errado, é bem óbvio que temos um problema. Que a sociedade não é tão igualitária quanto as pessoas gostam de dizer.

Preciso ser mais atento, Martin. Começar a enxergar a realidade e escrever sobre essa questão. Entender o que posso fazer. É por isso que estou escrevendo para você. Você sofreu coisa muito pior que ficar algumas horas algemado, mas mesmo assim estava sempre pronto para o ataque. Na verdade, sempre pronto para a paz.

Quero tentar viver como você. Agir como você agiria. Quero ver aonde isso me leva.

Tenho que encerrar por aqui, porque meu pulso está doendo, mas obrigado por me escutar.

Um grande abraço,
Justyce McAllister

CAPÍTULO 2

Justyce se joga no sofá de couro do porão da casa de Manny e pega o joystick no pufe gigantesco à sua frente.

— Tá tudo bem, cara? — pergunta o amigo.

Manny aperta furiosamente os botões do controle. As rajadas de metralhadoras preenchem o ambiente, penetram nos ouvidos de Justyce e ficam quicando dentro da cabeça dele sem parar. Jus sente o som pulsando no peito: *TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ*.

Ele engole em seco.

— Aham. Tudo bem.

— Você vai jogar ou não?

O avatar de Manny troca de armas numa sucessão frenética, investindo contra as tropas inimigas.

Granada: *BUM*.

Glock 26: *POU POU POU*.

Lança-chamas: *VUUUSH*.

Bazuca: *FUUUMP... BUUUUUUM*.

Tantas armas. Como a que Castillo empunhava enquanto o tratava como marginal. Sem hesitação. Um único movimento em falso e Jus facilmente poderia ter sido o próximo Shemar Carson.

Ele estremece.

— A gente pode jogar algo menos... violento? — pergunta.

Manny pausa o jogo e se vira para o amigo.

— Desculpa — diz Justyce, de cabeça baixa. — Não tô muito no clima de tiro e tal.

Manny dá aquele aperto camarada no ombro de Jus e troca de jogo. O Madden novo. Que ainda nem foi lançado, só na semana que vem.

Justyce imagina como seria se tivesse a vida de seu melhor amigo. Deve ser bom ser filho do vice-presidente de uma grande corporação financeira.

Cada um monta seu time. Manny vence no cara ou coroa e escolhe começar na ofensiva. Ele pigarreia.

— Quer conversar? — pergunta.

Justyce suspira, não responde.

— Você sabe que... bem, que eu tô aqui para o que precisar. Não sabe?

— Sei, Manny. Valeu. Só não sei bem o que dizer.

— Entendi.

Manny dribla a defesa de Justyce e consegue a primeira descida.

— O pulso melhorou?

Justyce resiste ao impulso de olhar para os braços. É difícil ver os hematomas na pele escura, mas ainda estão ali, mesmo depois de uma semana.

Às vezes ele pensa que as marcas nunca vão sumir.

— Aham, melhorou. Melo me deu uma pomada bizarra, da Noruega. Tem cheiro de meia suja com bala de hortelã, mas está funcionando.

Manny faz um passe longo, mas a bola não chega. Justyce rouba a bola.

— A gente voltou. Ontem de noite — conta Justyce.

Manny pausa o jogo e se vira para ele.

— Tá de sacanagem.

Justyce se estica para apertar o botão triangular no controle de Manny. Ele faz o quarterback lançar a bola para o running back, que não está marcado, já que Manny está ocupado calcinando um buraco no rosto de Jus com o olhar. O jogador virtual corre até fazer um touchdown fácil.

Ele acerta o chute.

Manny pausa de novo.

— Jus.

— Relaxa, cara.

— Relaxar? Sério? Foi por causa daquela vagabunda que você passou *três horas* algemado, e agora quer que eu *relaxe*? Tá de

sacanagem.

— Para de chamar minha namorada de vagabunda.

— Irmão, você flagrou essa garota com a mão dentro da calça de outro cara. Acorda!

— Agora vai ser diferente.

Justyce recomeça o jogo e tenta agir com naturalidade, mas os jogadores de Manny não se mexem, porque ele ainda está encarando Justyce boquiaberto, como se tivesse acabado de ouvi-lo confessar um assassinato.

— Peraí — continua Manny, pausando o jogo e atirando longe o controle, para Jus não mexer. — Você tá me dizendo que mesmo depois que essa garota ficou lá *sentada* vendo o policial esculachar você...

— Ela ficou com medo, cara.

— Inacreditável.

— Ah, esquece.

Justyce fica olhando para a imensa tela plana da TV, onde a bola está congelada no ar. Ele não tem uma fila de garotas atrás dele como acontece com Emmanuel Rivers, o Manny, capitão do time de basquete da escola e um dos caras mais bonitos que Jus conhece. Manny tem muitas coisas que Justyce não tem: pai e mãe com salários de cinco dígitos, um porão inteirinho só para ele, praticamente um apartamento, um carro maneiríssimo, autoestima nas alturas...

O que Justyce tem? A garota mais gata da escola.

— Você não entende, Manny. Você troca de mulher como quem troca de cueca. Não reconheceria o amor nem que ele te desse um chute no saco.

— Em primeiro lugar, o amor *nunca* me daria um chute no saco. E, considerando a quantidade de vezes que a Melo fez isso, metaforicamente falando...

— Ah, cala a boca.

Manny balança a cabeça, incrédulo.

— Odeio ter que te informar isso, parceiro, mas se você for procurar “relacionamento abusivo” na Wikipédia, vai ter uma foto sua com a Melo.

— Você parece uma feminista falando essas coisas.

— Minha mãe é psicóloga — retruca Manny. — Você tem dependência emocional patológica, uma parada assim. Tem que ver isso aí.

— Valeu, Freud.

— É sério, Jus. Não tô aguentando nem olhar pra sua cara. Essa história de você voltar pra ela igual a um cachorrinho toda vez que ela estala os dedos, cara... isso é doença, irmão.

— Quer ficar na sua e jogar?

Nesse momento, a mãe de Manny surge no alto da escada.

— Oi, dra. Rivers — diz Justyce, levantando-se para ir abraçá-la.

— Oi, querido. Você está bem?

— Sim, senhora.

— Vai dormir aqui? O jantar está quase pronto. Frango à caçadora. — Ela dá uma piscadela para Jus.

— Ah, meu preferido...

— Caramba, mãe, o *meu* preferido você não faz, né?

— Não começa, Emmanuel.

— Não precisa ficar bravo só porque a sua mãe gosta mais de mim do que de você, Manny.

— Cala a boca, otário.

O celular da mãe de Manny toca.

— Alô? Sim, é Tiffany Rivers — atende ela, ainda sorrindo para os garotos.

O sorriso não dura muito. A expressão dela muda, deixando claro que não é boa notícia.

Quando desliga, ela leva a mão ao coração.

— Mãe? Tá tudo bem? — pergunta Manny.

— Era a sua tia — responde ela. — Seu primo foi preso.

— De novo? O que ele fez dessa vez?

Ela olha para Justyce, volta a olhar para o filho.

— Está sendo acusado de homicídio.

Manny arregala os olhos.

— Estão dizendo que ele matou um policial — completa ela.

CAPÍTULO 3

Justyce está com a cabeça cheia. É terça-feira, aula de Sociologia. Para começar, ontem a Justiça decidiu não indiciar o policial que matou Shemar Carson. Desde o Incidente, Justyce vinha acompanhando o caso com afinco, e agora... acabou.

Falando nisso, ontem Justyce também descobriu que o policial em quem o primo de Manny confessou ter atirado era ninguém menos que Tomás Castillo.

O que Jus não consegue processar direito é que o primo de Manny é um garoto que ele *conhece*. Quan Banks, um ano mais novo que Justyce. Moram no mesmo bairro. Os dois brincavam juntos numa fase da vida em que tudo que importava era ficar na rua até as luzes dos postes se acenderem. Assim como Justyce, Quan passou no teste para o programa de aprendizado acelerado, mas, no último ano do fundamental, começou a andar com uma galera meio estranha. Quando soube que Justyce ia para a Braselton, ele mencionou que um primo dele estudava lá, mas Jus nunca tinha ligado os pontos. E agora Quan está preso.

Justyce não consegue parar de pensar nisso.

Sim, Castillo era um babaca, mas merecia morrer? Em relação a Quan, e se ele receber pena de morte?

Por outro lado, e se tivesse sido Castillo a matar Jus? Talvez não fosse sequer indiciado.

— Jus, pode vir aqui um instante? — chama Doc, quando Justyce está largando a mochila no chão ao lado da carteira.

Dr. Jarius Dray, o Doc, é orientador da equipe de debate. É o professor preferido de Justyce. É o único homem negro (tem a pele clara) com doutorado que Jus conhece. Ele o admira de verdade.

— Como você está, amigão? — pergunta Doc.

— Já estive melhor.

Doc estreita os olhos verdes.

— Imaginei — diz ele. — Queria avisar que o debate de hoje pode acabar afetando você. Se não quiser participar, fique à vontade. Pode sair da sala se precisar.

— Tudo bem.

Nesse momento, Manny entra na sala, seguido por Jared Christensen. Justyce não é muito fã de Jared (de nenhum dos amigos de Manny, aliás), mas sabe que todos eles são muito próximos desde o jardim de infância, então sempre tenta deixar um pouco de lado a antipatia que sente pelos garotos.

— Fala aí, Doctor Who — cumprimenta Jared, atravessando a sala inteira até achar um lugar.

— Pelo amor de Deus, Jared, senta logo em qualquer lugar e pronto.

Quem disse isso foi Sarah-Jane Friedman. Capitã do time de lacrosse, futura oradora da formatura e parceira de debate de Justyce desde o segundo ano.

— Ah, que fofa! Também te amo, SJ! — retruca Jared.

SJ olha feio para ele, fingindo enfiar o dedo na garganta enquanto se senta à esquerda de Justyce. Ele ri.

O restante da turma vai entrando aos poucos. No instante em que o sinal toca, Doc fecha a porta e une as mãos para dar início à aula.

Doc: Bom dia, pessoal.

Turma: [*Grunhidos variados, acenos e murmúrios.*]

Doc: Vamos começar? O tema para o debate de hoje...

[*Ele digita algo no laptop, projetando na lousa digital a frase "Todos os homens são criados iguais"*.]

Doc: Quem pode me dizer a fonte dessa afirmação?

Jared: Declaração de Independência dos Estados Unidos, ratificada em 4 de julho de 1776. [*Dá um sorriso convencido e*

cruza os braços.]

Doc: Correto. Doze das treze colônias votaram a favor de cortar todos os laços com o trono inglês. O documento conhecido como Declaração de Independência foi elaborado naquela ocasião, e, até os dias de hoje, um dos trechos mais citados da Declaração é este que vocês estão vendo no quadro.

Turma: [*Todos assentem*.]

Doc: Pois bem. Se formos analisar essa frase com nosso olhar do século XXI, quando a gente pensa no contexto histórico da época, alguma coisa parece não se encaixar. Quem pode me dizer por quê?

Turma: [*Cri-cri.*]

Doc: Ah, que isso, pessoal. Vocês não acham nem um pouco estranho que justo *aqueles* caras se preocupassem em afirmar a "igualdade" inerente aos homens?

SJ: Bom, esses mesmos caras dizimaram as populações indígenas e eram senhores de escravos.

Doc: De fato.

Jared: Naquela época, era diferente. Nem os escravos nem os índios...

Justyce: Se você não souber o nome da tribo, o termo é "nativos norte-americanos" ou "indígenas norte-americanos".

Jared: Que seja. A questão é que, naquela época, eles não eram considerados "homens", nem um nem outro.

Doc: Exatamente. Então, a pergunta é a seguinte: considerando a evidente mudança na aplicação dessa frase de 1776 em relação

aos dias de hoje, o que podemos afirmar sobre como nossa sociedade evoluiu?

[*Pausa longa. Ele acrescenta a pergunta à lousa, abaixo da citação. Ouve-se um arrastar de cadeira quando ele ocupa seu lugar habitual no círculo de alunos*.]

Jared: Bem, para começar, hoje em dia os afrodescendentes são obviamente incluídos na aplicação da frase. Assim como os *indígenas nativos norte-americanos*.

Justyce: [*Trinca o maxilar.*]

Jared: E as mulheres! As mulheres também eram excluídas naquela época, mas agora as coisas estão mais igualitárias para elas também.

SJ: [*Riso de desdém*.] Ainda tem muito o que melhorar.

Doc: Desenvolva, por favor, Sarah-Jane.

SJ: É muito simples: as mulheres ainda não são tratadas como iguais aos homens. Principalmente pelos homens.

Jared: [*Revira os olhos.*]

Doc: Certo, os direitos da mulher. E então, gente, há mais alguma área em que ainda não atingimos o estágio de igualdade?

Turma: [...]

Doc: Podem considerar acontecimentos recentes.

SJ: Você daria um péssimo advogado, Doc.

Turma: [*Risos nervosos.*]

Doc: Eu *sei* que vocês sabem aonde estou querendo chegar.

Manny: Sim, mas... você quer mesmo entrar nesse assunto, Doc?

Doc: Esta escola se orgulha de manter um diálogo aberto. Vamos lá.

Turma: [...]

Doc: Vou direto ao ponto, então: vocês acham que atingimos a plena “igualdade” racial?

Turma: [...]

Doc: Vamos lá, pessoal. Este é um espaço de discussão livre. Nada do que dissermos nesta sala vai sair daqui.

Jared: Ok, eu começo. Na minha opinião, sim. Acho que atingimos a igualdade racial.

Doc: Desenvolva, por favor.

Jared: Bom, todos os que nascem no nosso país são cidadãos com plenos direitos. Tem quem alegue que certas “injustiças” são motivadas por questões de raça, mas, se quer saber minha opinião, acho que isso só cria divisão entre as pessoas.

Justyce: [*Respira fundo e esfrega os pulsos.*]

Jared: Não existe mais distinção de cor nos Estados Unidos.

SJ: Claro que *você* acha isso.

Manny: Ih...

SJ: Nunca deixo de me impressionar com caras como você, que só querem saber do próprio umbigo privilegiado...

Doc: Sarah-Jane...

SJ: Desculpa. É só que... Cara, vocês ignoram completamente as dificuldades de qualquer um que não faça parte do círculo social minúsculo de vocês.

Jared: Ah, tá bom, SJ.

SJ: Estou falando sério. E as disparidades econômicas? E o fato de que, proporcionalmente, há mais pessoas não brancas na pobreza do que pessoas brancas? Já parou para pensar nisso?

Jared: Cara, o Manny tem um Range Rover.

Manny: E o que isso tem a ver?

Jared: Não é uma crítica nem nada, só estou dizendo que seus pais ganham muito mais que os meus.

Manny: Eles ralaram muito para chegar aonde estão hoje, então...

Jared: Ninguém aqui está dizendo o contrário, cara. Isso só comprova meu argumento. Neste país, os negros têm as mesmas oportunidades que os brancos se estiverem dispostos a batalhar por isso. Os pais do Manny são um exemplo perfeito.

SJ: É sério, isso? Você acha mesmo que um único exemplo prova que existe igualdade? E o Justyce? A mãe dele trabalha sessenta horas por semana, mas não ganha nem um décimo do que o seu pai gan...

Justyce: Deixa quieto, SJ.

SJ: Desculpa, Jus. O que estou dizendo é que os pais do Manny são uma exceção. Isso deveria ser óbvio. Não sei se você já percebeu que só tem oito alunos negros na escola inteira.

Jared: Ué, se as pessoas fossem mais como os pais do Manny, talvez a situação fosse diferente.

Justyce: [*Respira fundo outra vez*.]

SJ: Ah, tá bom... Então é só as pessoas se esforçarem para subir os degraus do sucesso?

Jared: Exato.

SJ: E como é que alguém que tem que ralar pra botar comida na mesa vai ter condições de procurar a escada e, ainda por cima, subir?

Manny: Ponto pra SJ!

Jared: Tá bom, então. Tem uma galera mamando nas tetas do governo e andando por aí de iPhone, então é óbvio que eles arranjam um jeito quando querem. E não vem querer botar banca de dona da moral, não, que antigamente sua família tinha escravos tanto quanto a minha.

SJ: Errou feio, imbecil.

Doc: Sarah-Jane...

SJ: Desculpa, Doc. Para a sua informação, os *meus* tataravós vieram da Polônia fugindo da guerra. Por pouco eles não foram para Chelmno.

Jared: Pra onde?

SJ: Era um campo de concentração nazista. E você acabou de provar meu argumento outra vez. Inacreditável. Se estivesse disposto a ver além do décimo oitavo buraco do campo de golfe do seu clube de riquinhos, talvez não passasse tanta vergonha cagando pela boca, sabe? Não é tão difícil assim.

Doc: Menos, Sarah-Jane.

Jared: Tá ligada que os pais do Manny são sócios do clube há mais tempo que os meus, né?

Manny: Ei! Qual é.

Jared: Tô mentindo?

SJ: Meu Deus, com gente que nem *você* no comando, Jared, esse país só pode ir para o buraco.

Justyce: [*Risadinha*.]

Jared: Para aqueles que não estão familiarizados com a Constituição americana, a Quarta Emenda diz que todas as pessoas neste país têm direito à vida, à liberdade e à busca pela felicidade...

SJ: Grandes merdas.

Doc: Sarah-Jane!

SJ: Mas é verdade!

Justyce: Pega leve, SJ.

SJ: Você só pode estar de sacanagem.

Justyce: Não.

SJ: Logo *você*, Jus? Você sabe que eu estou certa...

Justyce: Não me mete nisso.

SJ: Beleza. Resumindo: já faz mais de *dois séculos*, e a população afrodescendente *ainda* vive em condições desiguais.

Jared: Até parece.

SJ: Céus. Você não se informa? Não ouviu falar do Shemar Carson?

Jared: Ah, pronto, começou. Nem todo branco mata um negro por perseguição. Aposto que foi isso que ficou provado no julgamento ontem.

SJ: O que ficou “provado” foi que um cara branco pode matar um jovem desarmado e sair impune se esse jovem for negro.

Doc: Conjectura. Você é melhor que isso, Sarah-Jane. E vocês dois estão quase passando do limite.

Jared: Cara, o garoto atacou o policial e tentou pegar a arma dele. E ele tinha *antecedentes* criminais.

Justyce: Peraí. Isso foi o que *o policial* disse. Não tem testemunhas...

Jared: Você não disse que não queria se meter?

Doc: Por favor, Jared.

Jared: Ele falou isso, ué.

Justyce: [*Range os dentes*.]

SJ: Talvez, se você acompanhasse o caso de verdade, em vez de ler só o que postam no Facebook...

Jared: Isso não muda o fato de que o cara já tinha passagem na polícia. Ninguém é preso à toa. Ou seja: o cara era bandido.

SJ: O que consta na ficha dele, que aliás é um documento público e você mesmo pode procurar, é uma infração leve por posse de maconha.

Jared: E daí? Errou, tem que pagar.

SJ: Jared, dois dias atrás você mesmo comprou *trinta gramas* de maconha...

Doc: Não me obrigue a lhe dar uma advertência.

SJ: Eu vi com meus próprios olhos, Doc!

Jared: O que eu faço com o meu dinheiro não é da sua conta nem de ninguém.

Justyce: [*Riso sarcástico.*] Claro que não. Mas o que o Shemar fazia com o dinheiro dele é da conta de todo mundo, não é?

Doc: É melhor vocês voltarem ao tema antes que eu mande todo mundo para fora de sala.

SJ: Meu argumento é que eu *vi* você cometer o mesmo crime que consta na "ficha criminal" de Shemar Carson e que você levantou como argumento.

Jared: Então tá, SJ.

SJ: Sei que você prefere ignorar tudo isso porque *se beneficia* do tratamento desigual, mas o problema não vai desaparecer se você sair por aí fingindo que está tudo lindo, Jared. Você e Manny são iguais em todos os aspectos, tirando a raça, mas vocês dois poderiam cometer o mesmo crime, e é quase certo que ele levaria a pior.

Manny: Por que vocês insistem em enfiar meu nome nessa história?

Jared: Porque você é negro, óbvio!

Turma: [*Risadinhas*.]

SJ: Os números não mentem.

Justyce: [*Esfrega os pulsos outra vez*.]

Jared: Tá bom, tá bom, a gente já entendeu, sua mãe é uma advogada incrível, e por isso você sabe de *tooooodos* os fatos.

SJ: Pode tentar desviar o foco quanto quiser, mas você não tem como negar que pode se safar de um monte de coisas de que o Manny jamais conseguiria.

Manny: Juro por Deus que vou mudar de nome.

Jared: Talvez eu me safe porque não sou burro de deixar que me peguem.

Justyce: Nossa.

SJ: Você se safa porque é branco, seu babaca.

Doc: Sarah-Jaaaane...

Jared: Já se olhou no espelho, SJ? Porque você é tão branca quanto eu.

SJ: Eu sei disso e reconheço os privilégios que isso me traz.

Jared: É mesmo? Porque parece que você está fazendo racismo reverso contra mim.

Justyce: [*Estala os nós dos dedos e balança a cabeça*.]

SJ: Tá bom, Jared, mas o fato é que ninguém olha para nós dois e já presume automaticamente que vamos fazer algo errado.

Turma: [...]

SJ: Nunca vão nos ver como marginais antes de nos verem como gente.

Turma: [...]

Justyce: Vou ao banheiro. [*Levanta-se e sai da sala.*]

CAPÍTULO 4

A sala dos veteranos é decorada como se fosse um restaurante, e é por isso que Jared, Manny e a “galera” deles (Kyle Berkeley, Tyler Clepp e Blake Benson) não veem, ao entrar, Justyce sentado nos fundos, a uma mesa.

Como é de seu feitio, Jared desrespeita a regra de Doc de que “nada sai desta sala” e, já que acredita que estão só ele e os amigos ali, nem se preocupa em falar baixo.

Jared: Dá pra acreditar naquele idiota? Que tipo de professor tem a audácia de dar a entender que não existe igualdade racial para uma turma cheia de millennials?

Kyle: Sério? Ele disse isso?

Jared: Te juro. Deviam demitir aquele palhaço. Estou bem pensando em falar com o meu pai.

Tyler: Bizarro.

Jared: E é claro que a SJ embarcou fácil. Acho que esse lance da mãe dela defender um monte de marginais está começando a afetar a cabecinha dela.

Blake, Kyle e Tyler: [*Riem*.]

Manny: [*Ri atrasado*.]

Jared: Sabe o que eu acho? Que ela está louquinha para o Justyce tirar o cabaço dela.

Kyle: Ah, é, já que *você* não conseguiu...

Jared: Cala a boca. A gente estava no nono ano.

Blake: Mas você ainda é doido pra dar uns pegas nela, pode confessar.

Kyle: Já era... se você está competindo com o Justyce, tá ferrado. Depois que elas pegam um negão, não querem saber de outra coisa, não é não, Manny?

Manny: [*Dá uma risada seca*.]

Tyler: Já era pra SJ também, porque o Justyce já tá com a Melo...

Jared: Isso é ridículo. O que é que uma gostosa que nem a Melo vê num cara que não consegue comprar nem um McLanche Feliz?

Manny: Talvez dinheiro não seja o mais importante.

Jared: Falou o cara que tem um Range Rover.

Blake, Kyle e Tyler: [*Riem*.]

Manny: Que bicho te mordeu hoje, Jared?

Jared: Só estou bem de saco cheio dessa galera dizendo que os afrodescendentes ainda sofrem taaanto. A SJ tá viajando, cara. Os pais do Manny comprovam totalmente que hoje em dia a gente vive em igualdade. *Isso* é que é óbvio.

Blake: É verdade.

Jared: Agora mesmo, nesta sala, nas colinas vermelhas da Geórgia, um filho de ex-escravos e filhos de ex-donos de escravos estão sentados juntos à mesa da fraternidade, cara. O Sonho virou realidade!

Tyler: Que isso, hein, cara. Falou bonito.

Manny: Isso é do discurso do Martin Luther King, Tyler.

Jared: Lembra não, cara? Tive que decorar essa merda para aquela peça no nono ano.

Blake: Ah, é! Nosso grande representante negro aqui ficou doente, não foi?

Jared: Exato.

Kyle: Você só tinha *uma* tarefa, Manny.

Manny: Vai se ferrar.

Jared: Até hoje eu lembro o discurso inteiro, viram só?

Manny: O que você falou foi só uma frase do discurso.

Jared: Mas é a parte principal, e eu me lembro de todo o resto. Pintaram minha cara de marrom e tudo.

Blake: Eu lembro! O pessoal aplaudiu de pé!

Kyle: Tá vendo? As coisas estão igualitárias de verdade. Um garoto branco pode representar um cara negro famoso de boa.

Jared: Exato! Não existem mais cores na nossa sociedade, irmãos... As pessoas são julgadas pelo caráter, não pela cor da pele.

Kyle: Isso aí. Eu nem vejo você como um cara negro, Manny!

[*Manny ri, mas Justyce sente que é uma risada forçada. Ao ouvir aquilo, Justyce pensa nas algemas... Aqueles garotos imbecis podem não "ver" Manny "como negro", mas Justyce sabe muito bem que um policial veria*.]

Jared: Meus irmãos, ergam suas garrafas de Perrier num brinde à IGUALDADE!

Blake: Igualdade!

Tyler: Igualdade!

Kyle: Igualdade, porra!

Jared: Manny? Tá com a gente, irmão?

Grupo: [...]

Manny: Claro, irmão. Igualdade!

[*Tim-tim*]

18 de setembro

MEU CARO MARTIN,

Acabei de chegar no alojamento depois de uma visita de última hora à periferia. Para ser bem sincero, fui para casa na intenção de ficar lá e não voltar nunca mais para o colégio (radical, eu sei).

Quando cheguei, minha mãe estava no sofá com o nariz enfiado em “Como Stella recuperou o rebolado”. Logo que a vi ali, lendo — coisa que ela deu um duro danado para me ensinar —, eu soube que estaria no ônibus de volta para a escola antes de cair a noite. A primeira coisa que ela disse foi: “O que está fazendo aqui, menino? Hoje é dia de semana.” Nem olhou na minha cara, continuou lendo.

Eu respondi: “Não posso mais aparecer sem avisar para matar a saudade da minha velha?” E ela disse: “Quem é velha aqui?” Comecei a rir.

Só então ela fechou o livro. “Quer me contar logo o que está acontecendo?”

Larguei a mochila no chão, suspirando.

“As últimas semanas foram difíceis, só isso”, expliquei a ela. E minha mãe disse: “Vem cá, senta aqui comigo.”

Para falar a verdade, eu não queria. “Senta aqui comigo” significa “desembucha” no idioma Minha Mãe, e eu preferia dar um tiro no pé a falar das coisas que estava tentando esquecer, mas minha mãe, sendo minha mãe (e talvez meio vidente), conseguiu adivinhar direitinho o que se passava dentro de mim: “É por causa daquele dia com o policial?”

Eu me aconcheguei do lado dela. “Um pouco”, respondi. “Não paro de pensar em tudo de ruim que poderia ter acontecido.”

“Você ficou mexido porque o policial do caso Carson não foi indiciado”, disse ela.

Falei: “Aham. Hoje, na aula, tivemos uma discussão que... Sei lá, mãe. Estou com a sensação de que tudo que eu faço de certo é uma batalha perdida.”

Ela assentiu.

“É difícil ser preto, não é?”

Dei de ombros.

“É uma maneira de ver as coisas. Só sei que me sinto um peixe fora d’água. Principalmente na escola.”

“Entendi.”

“É que... Tipo, estou lá desde o início do ensino médio e ainda me sinto um estranho, sabe? Estávamos falando sobre a Declaração da Independência, e eu só conseguia pensar que negaram a Shemar Carson todos os seus ‘direitos inalienáveis’. Fiquei com aquilo na cabeça.”

“Não é à toa”, disse ela.

“Fiz as contas quando voltei para o quarto: foram cento e noventa e dois anos desde a Declaração da Independência e o fim daquela coisa toda de Jim Crow. Agora já vivemos mais de uma década do século XXI, e eu sei, por experiência própria, que pessoas como eu continuam se ferrando.”

Mamãe concordou com um “Siiiiiiiim”.

“Ter que ficar lá ouvindo um riquinho branco se gabando de burlar a lei, sendo que eu passei horas algemado sem motivo nenhum... Não consigo nem dizer como foi difícil, mãe. Parece que não importa o que eu faça, vou sempre sair perdendo.”

Ela cruzou os braços e levantou a cabeça, e naquele momento eu soube que minha mãe não ia me botar no colo e ficar com pena de mim.

“E o que você vai fazer? Fugir de lá com o rabinho entre as pernas?”

Suspirei.

“Não sei, mãe”, respondi.

“Por acaso, você acha que voltar para casa vai simplesmente resolver o problema?”

“Pelo menos eu estaria entre gente que conhece a nossa realidade e os nossos problemas.”

“Garoto, você vai voltar para aquela escola mas é agora.”

“Mas...”

“Nada de mas, Justyce.”

“Eu não pertenço àquele lugar, mãe.”

“Desde que você era pequeno, eu vivo te dizendo que você tem que construir seu lugar no mundo. Achou que fosse bobagem?” Suspirei de novo. “Já pensou que talvez o ideal seja não ‘se encaixar’?”, continuou ela. “As pessoas que fazem a história raramente se encaixam.”

“Ah, pronto. Lá vem você com esse papo de ‘fazer história’.”

“Tchau, Justyce. Não criei você para desistir na primeira dificuldade que aparece. Some da minha frente.”

E então ela voltou a pegar o livro.

“Caramba, mãe, eu não ganho nem um abraço? Nem nada para comer?”

“A cozinha fica no mesmo lugar de sempre. E o abraço você ganha quando estiver de saída.”

Está vendo o que eu passo, Martin?

No caminho de volta, a ficha caiu com força total: ela tinha razão. Não tem para onde correr. Por mais difícil que esteja sendo para mim processar que fui detido + a morte do Castillo + o caso Carson + aguentar aqueles idiotas como o Jared todo santo dia sem me deixar abalar, a verdade é que não tenho alternativa a não ser seguir em frente, certo?

Vou te contar a parte mais difícil do dia de hoje: ficar ali sentado na sala dos veteranos ouvindo o Manny concordar com aqueles babacas. Tudo bem que dava para ver que ele não estava muito à vontade, mas...

Vou ser franco: às vezes eu fico injuriado por ver o Manny andando com esses caras. Sei que eles se conhecem há um tempão, e a vida é dele e tal, mas é difícil ver meu amigo fechando com uns moleques que desrespeitam a gente na maior cara de pau. (Que tipo de pessoa pinta o rosto de uma criança de marrom para interpretar um personagem negro?!) E ele nem diz nada! Talvez isso não o afete tanto, ok, mas daí a concordar que existe igualdade, quando ele SABE o que aconteceu comigo... Quer saber? Isso me deixou furioso.

Fiquei tentando pensar no que você faria no meu lugar se estivesse lá hoje. Sei que, na sua época, os negros que lutavam por

direitos iguais levavam canhão de água na cara, eram espancados, presos e assassinados, e mesmo assim você conseguia manter a dignidade.

Como você conseguiu, Martin? Como eu consigo também? Tem quem olhe para mim e não enxergue um cidadão digno de ter direitos, e eu não sei o que fazer. Ser tratado daquele jeito e depois ouvir Jared dizer com todas as letras que o problema simplesmente não existe? E ainda por cima ver o Manny concordar com ele? É dureza, Martin. Sério mesmo.

O que eu faço? Como vou conseguir lidar com gente como o Jared? Já deu para ver que não adianta argumentar... Será que devo apenas ignorar esse tipo de coisa? Se for assim, como as coisas vão se resolver, Martin? Quero ser a melhor versão de mim mesmo, como diria minha mãe. Como você fez. Só preciso descobrir como...

Tenho que começar a fazer o dever de casa. Espero que eu consiga me concentrar.

Obrigado por me ouvir,
Justyce

CAPÍTULO 5

No instante em que Jared, Kyle, Tyler e Blake aparecem na casa de Manny, fica claro que a Brigada da Igualdade foi uma péssima ideia.

Durante as seis semanas que se passaram desde a discussão que tiveram em aula sobre igualdade racial, Jared embarcou numa cruzada para provar que existe igualdade no Estados Unidos. Na semana anterior, ele contou a Manny e aos outros sua "ideia brilhante":

— No Halloween, cada um vai se vestir de um estereótipo diferente, e vamos sair *juntos*. Tipo uma afirmação política sobre igualdade racial e barreiras rompidas e tal.

O cara ainda teve a coragem de convidar Justyce para participar. Jus não se animou muito com a ideia, é claro, mas... acabou se deixando convencer por Manny.

E já está arrependido.

Não há nada errado com cinco das seis fantasias. Jus é o Marginal, claro: a calça quase na altura dos joelhos, deixando à mostra um bom pedaço da cueca; camiseta com os dizeres VIDA LOKA, corrente de ouro grossa e com um pingente imenso; boné de aba larga. Ele e Manny até fizeram dentes de prata falsos com embalagem de chiclete, para Jus usar na arcada inferior.

Manny é o Negro Que Quer Ser Branco: calça cáqui, mocassim e camisa polo, com um suéter de lã nos ombros e as mangas unidas no peito com um nó frouxo. Ele entrou mesmo no personagem: assim que se vestiu, começou a chamar Jus de "camarada" e "meu rapaz".

Jared é o Yuppie/Político. De terno... até se cortou fazendo a barba e botou um pedacinho de papel higiênico, "para criar um efeito".

Tyler é o Surfista: bermuda de praia e regata, mesmo fazendo uns dez graus lá fora.

Kyle está de Caipira Americano: camisa de estampa camuflada, jardineira, boné de aba curva com a bandeira dos Confederados bordada, bota de caubói surrada. Tem até um mullet, que pediu para a irmã fazer botando uns apliques no cabelo. Olha, essa fantasia está quase no limite do aceitável, mas não chega a cruzá-lo, então tudo bem.

E tem Blake. Que perdeu a mão. Ele se vestiu de membro da Ku Klux Klan: a clássica veste branca com uma cruz branca sobre um círculo vermelho. Tem o capuz pontudo com buracos nos olhos e tudo. Se Jus não soubesse que era uma fantasia, teria um pouco de medo dele.

— Jared, você... hã... posso falar contigo um minutinho? — diz Manny.

Para a surpresa de Justyce, Jared também parece um tanto desconfortável com a fantasia de Blake.

— Claro.

Os dois vão ao quarto de Manny. Justyce fica com os outros.

— Justyce, sua fantasia tá *demais*, irmão! — diz Blake.

(Porque é claro que um cara da KKK chamaria um negro de irmão.)

Jus se contém ao responder:

— A sua tá... hã...

— Espera só eu colocar o capuz. Artigo legítimo, isso aqui.

Ele abre os braços radiante, como se estivesse usando vestes herdadas de Jesus Cristo. Justyce fica tentado a perguntar onde ele arranjou aquele artigo “legítimo”, mas talvez seja melhor não saber a resposta.

Jared volta.

— Ô Justyce, o Manny quer falar contigo.

Justyce dá o suspiro mais longo de sua vida e segue para o quarto de Manny, sentindo nas costas o laser de oito olhos de garotos brancos.

Pois é, um saco.

— Que foi, cara? — pergunta Jus ao entrar no quarto e fechar a porta (embora ele já saiba do que se trata).

— Pô, a fantasia do Blake é... Enfim. Você viu.

Jus dá uma risada seca.

— Vi.

— Se você... tipo... — Manny coça a nuca — não quiser mais ir...

— Tá de boa.

As sobrancelhas grossas de Manny se arqueiam.

— Mesmo?

— Aham.

A verdade é que, quatro horas atrás, Jus estava decidido a desistir, porque a ideia de sair com Jared e os amigos dele, para *qualquer* lugar, parecia muito errada, sabendo o que ele sabia sobre as visões de mundo deles. Mas então ele esbarrou com a definição de integração de Martin ("vivência intergrupos e interpessoal") e decidiu seguir com o plano. Ele ainda não sabe se essa situação se encaixa no que Martin quis dizer, mas o lhe restava fazer?

— Você tá pronto?

Manny pigarreia.

— Ah, eu... Aham.

— Então vamos.

É só uma fantasia, não é? Fraternidade acima de tudo.

Assim que os seis estão juntos, Jared tira várias fotos do grupo e posta na internet.

— Brigada da Igualdade, avante! — exclama ele, e lidera todos até a porta.

Quando chegam ao carro de Manny e Blake põe o capuz e faz a saudação nazista, Justyce percebe que o trem em que acabou de embarcar vai descarrilhar de maneira absurda. Ele entende que, no minuto em que disse que estava tudo bem, cortou os cabos do freio e renunciou a qualquer poder de impedir o desastre de acontecer.

Sua previsão se confirma.

Não faz nem cinco minutos que estão na festa e alguém mete um soco na cara de Blake. A explosão de vermelho visível pelos buracos no capuz chega a embrulhar o estômago.

De repente, aparece um grupo de caras negros — e um branco — com pinta de serem marginais *de verdade,* e tudo indica que eles querem quebrar a cara estereotipada de TODA a Brigada da Igualdade.

A pior parte? Justyce conhece os garotos. Moram no bairro em que ele cresceu. É a galera que anda com o primo de Manny. Jus tem quase certeza de que fazem parte de uma gangue chamada Jihad Negra, liderada por um cara mais velho muito doido chamado Martel Montgomery.

Um cara de pele bem escura e dreadlocks curtos olha Justyce de cima a baixo e sorri.

— Sua fantasia tá engraçadona, Justyce.

— Ah... hã... Valeu, Trey.

(Definitivamente, esse não foi um dos momentos mais corajosos de Jus.)

— E você... — diz Trey, dirigindo-se a Manny. — Você é primo do Quan, não é não?

— Sou — responde Manny, coçando a nuca.

— O que vocês estão fazendo com esses merdinhas? Seu parceiro aí desrespeitando nosso povo, cara, e vocês aí na tranquilidade?

Trey aponta para Blake, agora usando o capuz para estancar o sangramento no nariz.

Jared: Cara, a gente não teve a intenção de desrespeitar ninguém...

Manny: Fica na sua, Jared.

Trey: É, *Jared*. É melhor você calar a boca. Seu amigo aí deixou a gente bem irritado aparecendo aqui desse jeito.

Justyce: Trey, ele não quis ofender. A gente estava fazendo tipo uma crítica aos estereótipos e acabou perdendo a mão. Já aprendemos a lição.

Então Trey sorri para Justyce. Está mais para um sorriso inverso, na verdade, pois Justyce sente como se tivesse um monte de baratas andando pelo seu corpo.

— Você não mudou nada, Justyce. Sempre com essa marra de geniozinho.

Um dos outros garotos da gangue continua:

— Vocês sabem que ele agora tá naquela escola de branquelo cheio da grana lá em Oak Ridge, né?

— O nome é Escola Preparatória de Braselton — corrige Jared.

Justyce queria muito que Jared calasse a merda da boca.

— Uiiiiiii! — faz o garoto branco (Brad, se Jus não está enganado), levantando as mãos como se fizesse uma reverência.

Os olhos de Trey se alternam entre Jus e Manny.

— Aí, é melhor vocês dois abrirem o olho logo. Esses garotos brancos estão pagando de amiguinhos e tudo o mais, mas pra eles vocês não passam de lixo, sacou? Não tem dinheiro nem inteligência no mundo que mude isso.

— Ei, isso não é verdade. Você nem...

— CALA A BOCA, Jared! — (Esse foi Tyler, o Surfista.) — Vamos embora e pronto.

— Melhor ideia que você teve hoje — diz Trey.

— Cara, essa festa nem é sua — insiste Jared. — Você não pode mandar a gente embora.

Trey dá uma gargalhada, e um dos amigos dele levanta a camiseta para mostrar a coronha de uma arma enfiada no cós da calça.

— Eu acho que posso, sim, branquinho — diz Trey. — Agora pega os teus amiguinhos e vaza daqui se não quiser que a coisa fique feia pro teu lado.

O garoto com a arma abre um sorriso para Jus.

— Você e o riquinho podem ficar com a gente se quiserem.

Todos os caras da Jihad Negra dão risadinhas.

E Trey diz:

— Parceiro, você sabe que esses aí não querem andar com a gente. São cabeçudos. Tem que andar com os brancos se quiser ser alguém...

Ele cutuca o cara branco que está com eles, e ambos riem.

— Vamos nessa, pessoal — diz Jus.

Quando eles se viram para ir embora, Jus percebe que Manny está tentando atrair sua atenção, mas continua olhando para a frente. Logo que saem para o ar frio da noite, Jus ouve Jared:

— Você tá bem, cara?

— Aham, aham — responde Manny. — Tranquilo.

Jared se adianta para falar com os outros, e Jus vê Manny examinando o próprio suéter jogado nos ombros, a calça cáqui, os mocassins: a “fantasia” que compôs com roupas do próprio armário. Ele olha para Justyce.

Por um instante, eles se entendem.

Justyce tira o boné e a corrente.

— Feliz Halloween, otários! — grita Trey, lá atrás.

1º de novembro

MEU CARO MARTIN,

São duas da manhã e eu acabei de falar com a SJ pelo telefone.

Muito doido.

Começou na inocência... Quando cheguei no alojamento, lá pelas 22h15, vi que tinha uma ligação perdida dela. Achei que tivesse a ver com a equipe de debate, já que daqui a pouco tem o torneio estadual, então liguei de volta. Foi assim nossa conversa:

SJ: Alô?

Eu: E aí. É o Justyce. Você me ligou?

SJ: Eu tenho seu número salvo, Jus, não precisa dizer quem é.

Eu: Ah, tá.

SJ: (Risada.) Só queria saber como foi o experimento que aquele babaca do Jared fez à sua custa e do Manny. Eu vi as fotos que ele postou. Tive até que sair para dar uma corrida e espairecer, porque a minha vontade era ir lá na festa só para dar na cara do Blake.

Eu: Ah, fica tranquila, alguém já fez isso por você.

SJ: Mentira! Meteram a porrada nele real?

Eu: Já era aquele capuz pontudo.

SJ: (Rindo tanto que fico achando que vai morrer sufocada.)

Eu: Mas e aí... como foi sua noite?

SJ: Nada muito marcante. Passei o tempo todo pensando em você.

Eu: ...

SJ: Quer dizer... Foi mal, isso soou meio estranho.

Eu: ...

SJ: Jus, você tá aí? Meu Deus, eu sou tão idiota...

Eu: (Pigarreia.) Oi, tô aqui.

SJ: Ufa.

Eu e SJ: (Silêncio constrangedor.)

Eu: Mas... o que você quis dizer, então?

SJ: Ah, por causa dessa história das fantasias, sabe? Eu vi as fotos e fiquei imaginando o que estaria acontecendo na festa.

Eu: Ah.

SJ: Você não acredita em mim.

Eu: Por que eu não acreditaria? (Embora, na minha cabeça, eu estivesse totalmente “Claro que não acredito”.)

SJ: (Rindo.) Eu mesma não acreditaria em mim.

Eu: ...

SJ: Confesso que estou gostando bastante de deixar Justyce McAllister sem palavras. Acho que vou fazer isso mais vezes. É bem divertido.

Eu: Ah, qual é.

SJ: (Rindo mais.) Mas vem cá, como você tá com tudo isso?

Eu: Como assim?

SJ: A festa deve ter sido muito constrangedora, não?

Eu: Constrangedor é pouco.

[Não sei por quê, mas acabei contando a ela todos os detalhes do que aconteceu lá.]

SJ: Caraca. Eles ameaçaram vocês com uma arma?

Eu: Pois é.

SJ: Que tenso, cara.

Eu: Nem me fale. O mais doido disso é que ainda tô me sentindo meio mal por ter ido embora.

SJ: Como assim? Por quê?

Eu: Ah, porque, apesar do que rolou, eu estava me posicionando de alguma forma, sabe? Se eu ficasse, teria sido uma afirmação de solidariedade aos caras que cresceram comigo. E que são como eu. Eu acabei afirmando o contrário, indo embora junto com um cara vestido de KKK... Tipo...

SJ: Hum. Entendi.

Eu: É isso. Aqueles caras me chamavam de Branquinho, porque eu ficava lendo enquanto eles apostavam moedas no jogo de dados. Sei que é ridícula essa ideia de que todos os negros são o mesmo “tipo” de gente, como disse aquele policial, o Castillo, mas, assim que eu vi a arma na calça do garoto, senti uma queimação nos pulsos e pensei... Eu sei que é feio pensar isso, mas... pensei que é por causa de filhos da puta como o Trey e os comparsas dele que os policiais acham que preto não presta.

SJ: Sinto muito, Jus.

Eu: Que isso, SJ. Você não tem culpa nenhuma. É só que, tipo, eu nunca consegui entender por que esses caras me veem como uma espécie de traidor da raça só porque estou tentando ser alguém na vida, mas algumas coisas que o Trey falou hoje mexeram comigo.

SJ: Sério?

Eu: É. Ele disse que eu e o Manny andamos com o Jared e os outros porque “tem que andar com os brancos se quiser ser alguém”. Tudo bem, é uma ideia tão merda que eu nem saberia por onde começar a argumentar, mas a gente meio que não confirmou isso quando foi embora com o Jared e os outros?

SJ: Acho que é uma forma de ver a situação.

Eu: E se o Trey estiver certo? Será que, não importa o que eu faça, eu nunca vou deixar de ser visto como um preto? Sim, porque o Jared fica falando que a gente tem uma superigualdade, mas isso não quer dizer que ele me veja como um igual.

SJ: ...

Eu: É um dilema. Os brancos estão na maioria das posições de autoridade no país. Como eu lido com o fato de que preciso deles se quiser ser alguém, mas sem sentir que estou virando as costas para o meu povo?

SJ: Espero que seja uma pergunta retórica, Jus, porque eu definitivamente não tenho uma resposta para te dar.

Eu: (Risos.)

Depois disso, mudamos de assunto e, quando me dei conta, já haviam se passado três horas. Quando um de nós tocou na questão do envolvimento dos judeus no movimento dos direitos civis, acabei contando sobre o meu experimento “Ser Como Martin”. Ela disse que estava “ao mesmo tempo impressionada e intrigada”.

Foi então que me dei conta de quem estava do outro lado da linha e falei que precisava ir dormir.

Só que, antes de desligar, ela disse algo que eu nunca vou esquecer.

SJ: Jus?

Eu: Oi.

SJ: Queria te pedir desculpas.

Eu: Pelo quê?

SJ: Por ter forçado a barra contigo aquele dia na aula.

Eu: ...

SJ: Sei que já faz mais de um mês, mas depois dessa nossa conversa de hoje... Enfim, eu não tinha o direito de falar por você. Sinto muito mesmo.

Aquilo me marcou, ouvir SJ me pedindo desculpas, quando Blake não tá nem aí. Agora não consigo tirar essa garota da cabeça.

O que não é nada bom.

Veja bem, não me leve a mal: a SJ é ótima. Ela é minha dupla desde que entrei para a equipe de debate, dois anos atrás. É a única pessoa que me conhece quase tão bem quanto o Manny.

Sim, para uma garota branca, ela é linda: alta, cabelão castanho, e pode até não ter bundão, mas tem um corpo bem maneiro, por causa do lacrosse.

Ok, ela é inteligente, engraçada e meio esquentadinha... o que, agora que a estou vendo com outros olhos, é até um charme...

Só que, Martin, não posso ficar a fim da SJ! A vida toda eu ouvi minha mãe dizer: “Você não me traga para casa uma garota branca.” Estou falando de uma mulher que reclama da Melo por ela ser “clarinha demais”. Imagine como ela reagiria à SJ! (A propósito, Melo e eu terminamos de novo.)

Agora estou me sentindo culpado só por ter conversado com a SJ. Ainda mais sobre essa questão de raça! Escolhi sair da festa com aqueles imbecis, mas estou querendo fugir da única pessoa branca que me trata de igual para igual. O que isso diz sobre mim? Nem acredito que me abri sobre tudo isso com a SJ! Ela é gente boa e tal, mas... Agora está batendo o arrependimento.

Você era o cara, Martin. O CARA. E eu quero ser como você. “Vivências intergrupais e interpessoais”: é isso que eu quero...

Só não tenho mais tanta certeza de que sou capaz.

Vou dormir.

J.M.

CAPÍTULO 6

Justyce não consegue acreditar.

PARABÉNS! é o que está escrito na frente dele, em letras garrafais, mas ele não consegue acreditar.

Abriu o laptop achando que ia ter que clicar em um monte de links para chegar ao veredito sobre sua admissão, mas foi só abrir o site que um imenso buldogue tomou a tela e o canto de guerra da Universidade Yale começou a tocar, forte e lindo.

Ele está com o celular na mão.

Ela atende ao primeiro toque:

— Alô?

— SJ?

— Jus? Tá tudo bem?

— Eu fui aceito.

— O quê?

— Fui aceito, SJ!

— Do que você... Peraí, você *foi aceito*?

— FUI!

— Tipo, ACEITO de verdade? Aceito ACEITO?

— SIM!

— AIMEUDEEEEEEUS!

Justyce lê a mensagem na tela outra vez, e a ficha cai.

— SJ, VOCÊ ESTÁ FALANDO COM O MAIS NOVO ALUNO DE YALE!

— PUTA MERDA, JUS. PUTA MERDA! — berra ela.

— Não tô acreditando.

Jus joga a cabeça para trás e fecha os olhos. Tudo de ruim que aconteceu nos últimos meses desaparece.

Depois de uma pausa, ele ouve ao fundo:

“Mãe, pai, o Jus passou para Yale!” E: “Uau! Parabéns, Justyce!” (A mãe.) E: “Isso aí, mestre!” (O pai, que só o chama assim desde a primeira vez que ele foi à casa deles, para fazer um trabalho da equipe de debate).

— AAAAAH, JUS! Esse é o melhor presente de Chanucá que eu podia ganhar! Vamos estar a apenas uma hora e meia de distância um do outro!

É quando ele é atingido outra vez.

Pelo *sentimento*.

Aquele que faz seu coração bater mais rápido e sua cabeça se anuviar quando ele fala com ela. Com a Melo é diferente... e isso é o mais assustador. Jus percebe, nesse momento, que ligou para SJ antes mesmo de ligar para a mãe. O que significa *muito* mais do que ele gostaria de admitir agora.

— Tenho que desligar — diz ele.

— Tá bom! Até amanhã. Eu estou TÃO ANIMADA!

Justyce abre um sorriso, que escapa quase sem querer.

— Eu também.

É, ele precisa pôr um fim nisso.

— Obrigada por me ligar para contar — diz ela. — Significa muito para mim.

— Significa muito para *mim* ver você tão empolgada.

(Droga, podia ter guardado essa.)

— Tá doido? Como eu não me empolgaria com uma notícia dessas?

Justyce pigarreia.

— Uma ótima noite para você, SJ.

— Para você também, Jus.

Jus e SJ: [*Silêncio*.]

Jus: Dorme bem.

SJ: Vou tentar.

Jus: [*Sorri*.] Boa noite.

SJ: Bons sonhos, Jus.

Mas Jus nem sonha. Porque não consegue dormir. É muita coisa na cabeça.

Para começar, Yale. (Rapaz, um *sonho realizado*!)

E tem também SJ. “Como eu não me empolgaria?”

O que pensar disso?

Ele ligou para a mãe assim que desligou com SJ, mas caiu na caixa postal. E, como não conseguiu dar uma notícia tão importante como aquela numa gravação, acabou indo deitar com o peso na consciência de que SJ sabia, e a mãe dele, não.

No dia seguinte, Jus está na cantina esperando sua omelete ficar pronta quando ouve alguém o chamando do outro lado do salão.

É ela. E está indo *até ele*.

— SJ! — grita Justyce, abrindo os braços, sem pensar.

Ela salta para o abraço dele, enlaçando a cintura de Jus com as pernas. É... demais.

Ela está de uniforme, o que significa...

— S, você sabe que está de saia, né?

— Opa! — Ela desce. — Ai, meu Deus, que vergonha.

Ela fica vermelha e cobre o rosto.

Jus acha aquilo a coisa mais fofa que já viu na vida.

Ele tira as mãos dela do rosto. Sorri.

— Acho que esse foi o melhor abraço que eu já recebi.

— Não acredito que *ataquei* você desse jeito, mas é que eu fiquei muito animada.

Jus dá uma risada.

— Eu também. Espero que você vá visitar seu amigo de vez em quando. Eu vou te visitar com certeza.

O rosto de SJ se ilumina. Se alguém estiver olhando, é capaz de achar que Jus acabou de pedi-la em casamento. Ele *não* deveria estar dizendo essas coisas... e, definitivamente, não deveria estar *querendo* dizê-las.

Ela sorri.

Ele sorri.

Ela olha para ele.

Ele olha para ela.

Ele percebe que ainda está segurando as mãos dela, e seu olhar desce para a boca de SJ...

— Hã... Ei, Jus.

O rosto de Jus se volta para a direita no mesmo instante.

Melo.

Ele solta as mãos de SJ na mesma hora, constrangido.

— Hã...

Quando se volta para SJ outra vez, o sorriso dela está se desfazendo.

Os olhos verdes de Melo vão dele para SJ, de SJ para ele. O sorriso de SJ já virou uma careta.

Melo pigarreia.

— Hã... E aí, Melo? — diz Jus.

— Eu é que pergunto.

Os olhos dela continuam colados em SJ.

Nenhum dos três diz nada.

Então:

— Beleza! — diz SJ. — A gente se vê na aula, né?

Sem saber o que dizer, Justyce a observa enquanto ela se vira e se afasta sem olhar para trás.

Quando ele se volta para Melo, a garota também está olhando para SJ, mas com um sorriso cruel. Justyce dá uma tossidinha para chamar sua atenção.

Ela se vira e cruza os braços.

— Ouvi dizer que você vai para Yale.

— Ah, é, pois é.

— Por isso que ela estava tão animadinha?

— É. — Justyce engole em seco. — Ela vai para Columbia. É bem perto.

Melo olha para a porta por onde SJ acaba de sair.

— Então tá rolando alguma coisa entre vocês?

— O quê? Não!

— Acabei de ver ela pulando no seu colo, Justyce.

— Não é bem assim.

Só que é. Obviamente.

— Somos amigos, só isso — diz ele para o ar. — Parceiros de equipe. Você sabe.

— Acho bom.

Ela se aproxima mais. Ele não sabe se conseguiu convencê-la, mas com a Melo é assim: se ela quer alguma coisa, ela vai fazer o que for preciso para conseguir.

— Andei pensando que a gente podia dar uma saída um dia desses.

Ela desliza o dedo pelo peito dele, até enganchá-lo no cós da calça.

— Ahhh, tá. — A voz dele chega a falhar. — Acho que... É, seria legal.

— Ótimo. Na verdade, estou meio triste porque você vai me abandonar. Tem certeza de que quer ir para tão longe?

Jus desvia a atenção para um ponto acima do ombro dela, coçando a cabeça.

— Eu te ligo mais tarde, tá? — diz ela.

— Tá.

Ela aperta o braço dele e dá um beijo no ponto em que o maxilar e o pescoço se encontram.

— Tchau, Jus.

Jus não diz uma palavra. Só fica babando pela bunda de Melo enquanto ela se afasta.

CAPÍTULO 7

Justyce ainda está meio atordoado quando chega à aula de Sociologia, dois tempos depois. Ele tem certeza de que fez merda, só não sabe exatamente o que deu errado com cada garota.

Quando ele entra na sala, Manny se adianta e passa o braço pelo ombro do amigo.

— Dr. Dray, permita-me apresentá-lo Justyce McAllister, futuro graduando de Yale e meu melhor amigo.

— Meu garoto! — exclama Doc, levantando a mão para dar um high-five. — É isso aí!

Justyce sorri.

Infelizmente, no momento em que se senta, ele vê SJ entrar sem nem dar a mínima para ele. E logo atrás vem Jared, com um olhar tão calcinante para Jus que é um milagre que sua cabeça não tenha explodido.

Toca o sinal, e Doc fecha a porta, virando-se em seguida para a turma. Ele mal terminou de dar bom-dia e Jared já está com a mão erguida.

Doc: Diga, Jared.

Jared: Tem um assunto que eu gostaria de discutir hoje, professor.

Doc: Tudo bem... Vamos lá, então.

Jared: Quero discutir como as ações afirmativas geram discriminação contra os membros da maioria.

Justyce: [*Ergue as sobrancelhas*.]

SJ: Você não pode estar falando sério.

Jared: Estou falando muito sério. Vamos aos fatos, sim? Eu sou o segundo colocado da nossa turma, sou capitão do time de beisebol, presto serviço comunitário nos fins de semana e tirei notas melhores que o Justyce nas provas de admissão para as universidades... Só que ele ficou entre os primeiros colocados de Yale, e eu, não. É um fato que isso aconteceu porque ele é negro e eu sou branco.

Doc: Isso é uma mera suposição...

Justyce: Peraí... Como você pode ter tanta certeza de que tirou notas mais altas que eu?

Jared: Cara, eu tirei 1.580 no SAT.

Manny: E você, Jus?

Justyce: 1.560.

Jared: Tá vendo?

SJ: E no ACT?

Jared: 33.

SJ: Jus?

Justyce: 34.

Jared: Ah, vai se fo...!

Doc: Olha o linguajar, Jared.

Jared: Cara, é impossível ele ter feito 34.

Justyce: E por que eu mentiria, cara?

Jared: Não faz sentido...

Justyce: Por que não?

SJ: Não está na cara, Justyce? Porque isso desmente por completo a premissa dele de que, por ele ser branco e você ser negro, ele deve ser mais inteligente que você. Não é isso que você pensa, Jared?

Jared: Não se mete, SJ.

Justyce: Peraí, cara...

Doc: Isto é uma discussão aberta. Qualquer um nesta sala pode contribuir.

Jared: Ah, tá de brincadeira.

Manny: Deixa eu ver se entendi direito, Jared: você ficou bolado porque o Justyce é tão inteligente quanto você?

Jared: Não é isso que eu estou falando.

SJ: Você alegou que a ação afirmativa “gera discriminação contra indivíduos da maioria”, usando como evidência para sua afirmação o fato de Jus ter sido aceito em Yale e você não. Não vou nem entrar na discussão de como é racista presumir que as suas notas seriam mais altas que as do Justyce, mas sua afirmação foi invalidada pelas evidências — ou seja, o fato de que você e o Justyce tiveram resultados mais ou menos iguais.

Jared: Isso não invalida coisa nenhuma.

Justyce: [*Suspira, exasperado*.]

Jared: Se estamos no mesmo nível, *nós dois* deveríamos ter entrado.

Manny: Você não entrou?

Jared: Lista de espera.

SJ: Então é provável que ainda...

Jared: Não é essa a questão!

Doc: Vamos discutir objetivamente.

Manny: Na moral, Jared, dá um tempo.

Jared: Não, cara, não vem com essa de “dar um tempo”. Você, mais do que qualquer um, sabe muito bem o que eu tive que ouvir do meu pai por ter ficado na lista de espera. Foi péssimo.

Manny: Mas isso não tem nada a ver com o Jus, cara.

Jared: Tem, sim. Ele pegou a vaga que era para ser *minha*, porque Yale tem que preencher a cota...

Justyce: Como é que é?

Jared: Estou só citando os fatos, cara.

SJ: Isso não é fato, seu ignorante.

Doc: Sarah-Jane...

SJ: Justyce entrou para Yale por mérito próprio. Do que você tá falando?

Justyce: Obrigado.

Jared: Mas eu também merecia! Ação afirmativa é o cacete.

Doc: Se vocês não são capazes de manter a postura imparcial, vou encerrar essa discussão. Último aviso.

Jared: A questão é que as ações afirmativas dão uma vantagem injusta para as minorias. Então beleza, digamos que Justyce e eu somos “iguais”, mas e as outras minorias que não têm a qualificação que eu tenho e entrariam em Yale antes de mim? Isso não é nem um pouco justo.

SJ: Jared, deixa eu te perguntar uma coisa.

Jared: Como se eu tivesse escolha...

SJ: Você não mora no alojamento, então a mensalidade é igual à minha... Para usar um belo número redondo, vamos dizer que são 40 mil por ano. O pagamento é semestral, ou seja, em sete semestres dá um investimento de... Alguém tem uma calculadora?

Justyce: 140 mil.

Manny: Porra!

Doc: [*Olhar de advertência para Manny*.]

Manny: Foi mal, Doc.

SJ: Essa quantia absurda garante à gente o melhor do melhor do melhor. Isso inclui laptops, tablets e um acesso a informações mais amplo que na maior parte das universidades; temos as edições mais atualizadas de todos os livros didáticos de nível superior; nossas bibliotecas são... não preciso nem comentar; nosso currículo escolar incluiu cursos de preparação para as provas de admissão nas universidades desde o nono ano; e eu imagino que uns 97% de todos os professores tenham doutorado aqui, certo, Doc?

Doc: Por aí.

SJ: Você não esperaria nada menos que isso, com base na enorme soma que seus pais pagam, não é?

Jared: Você pretende chegar a algum lugar com isso?

SJ: Sim. Agora, vamos pensar num cara negro. Não o Justyce, outra pessoa. O cara tem pai ou mãe solteira, e a renda familiar é abaixo da linha da pobreza. Ele mora numa área pobre da cidade e frequenta escolas públicas com livros didáticos de quinze anos atrás e sem computadores. A maior parte dos professores é recém-formada e deixa a escola depois de um ano. Testes psicológicos feitos nessa escola mostram que, assim como a maioria dos alunos, nosso exemplo sofre de baixa autoestima e tem dificuldade com avaliações padronizadas por causa do embasamento em estereótipos — basicamente, ele sabe que as pessoas esperam que ele se saia mal, o que desencadeia ansiedade ao fazer as provas, o que, por sua vez, faz com que ele acabe se saindo pior.

Doc: [*Sorri*.]

SJ: Agora, vamos desconsiderar os históricos dos dois. Vamos simplificar e dizer que, na média de notas escolares, você tem 8,0 e ele, 7,2. Nas provas, você fez 1.580, certo? Digamos que o cara fez 1.120. Com base só na média de notas e nas provas, qual de vocês tem mais chances de entrar para uma boa universidade?

Jared: Eu. Óbvio.

SJ: E isso é justo? Você teve acesso a MUITO mais que ele... Seria justo se uma universidade julgasse apenas os números para determinar quem merece uma vaga?

Jared: Eu não tenho culpa se os meus pais têm condições de me dar uma boa educação...

Justyce: E ele tem culpa que a mãe dele não tenha condições, cara?

Turma: [...]

SJ: Não estou dizendo que o sistema é perfeito. Sim, existem pessoas que, em tese, são menos qualificadas e mesmo assim são escolhidas, em detrimento de pessoas mais qualificadas, e, sim, geralmente são pessoas não brancas que são selecionadas em vez de pessoas brancas. Mas, antes de dizer que algo “não é justo”, você deveria considerar seu lugar de partida em comparação com o de outras pessoas.

Jared: Que seja. Só sei que, não importa a universidade em que eu entrar, sempre que vir uma pessoa que faz parte de uma minoria, vou me perguntar se ela era realmente capaz de chegar até ali.

Turma: [...]

Justyce: Sério que é assim que você pensa, Jared?

Jared: Quer dizer... Peraí, não foi bem isso que eu quis dizer...

SJ: Aí está a verdade, senhoras e senhores.

Turma: [...]

13 de dezembro

MEU CARO MARTIN,

Pode me explicar por que, aonde quer que eu vá, encontro gente querendo me derrubar?

Hoje fui em casa porque decidi dar a notícia sobre Yale para minha mãe pessoalmente e, embora ela tenha ficado em êxtase, assim que saí da casa dela acabei deparando com uma coisa que me deixou tão desanimado quanto a discussão que tivemos na aula hoje, toda aquela história de "ação afirmativa é o cacete".

Resumindo: quando virei a esquina para o ponto de ônibus, Trey e um grupo de caras da Jihad Negra (incluindo o garoto branco) estavam lá "bundeando", como dizia meu avô. Trey me perguntou por que c*ralhos eu estava tão feliz, e eu acabei contando.

É, dei mole, Martin.

Sabe o que Trey respondeu? "Você ainda vai voltar, cabeçudo. Quando se ligar que os brancos não querem ver sua cara preta na mesa deles. Eles não estão a fim de te ver como igual, não. Não dou dois segundos pra tu voltar." E riu. Acho que, se a discussão na aula tivesse acontecido num outro dia, eu teria ignorado o Trey. Afinal de contas, o que ele sabe dessas coisas? Não sei nem se ele ainda vai à escola, e a única pessoa branca que convive com ele estava bem ali, com trança nagô na cabeça loira e um grill de ouro nos dentes formando a palavra BRAD.

Mas ter que aturar Jared e Trey no mesmo dia? Durante toda a viagem de volta para o colégio, as palavras deles ficaram assombrando minha autoconfiança.

A história dos resultados de Yale me deixou mal. O cara fica com esse papinho de que existe "igualdade", mas já foi logo achando que eu não me sairia tão bem quanto ele! E NINGUÉM vai me convencer de que não foi por eu ser negro, Martin.

Quanto ao Trey... POR QUE esse cara insiste em querer me botar pra baixo? Na boa, ele é tão podre quanto o Jared!

É como se eu estivesse subindo uma montanha, mas toda hora vem esse babaca tentando me empurrar para baixo, para eu não chegar até ele, e o outro babaca fica me puxando pela perna, para eu voltar para o chão, só porque ele se recusa a tentar subir também. Eu sei que eles são só duas pessoas no mundo, mas, depois de hoje, sei que em Yale (porque eu VOU para Yale) vou viver na paranoia de que as pessoas me olham e ficam se perguntando se eu tenho mesmo competência para estar lá.

O que eu faço, Martin? Vou ser sincero contigo: estou me sentindo meio derrotado. É muito deprimente saber que tem gente que quer meu fracasso, ainda mais porque vem dos dois lados!

Estou dando um duro danado para fazer o que é certo, como você faria, mas acho que vou precisar de mais que isso, não é?

Onde você conseguiu a coragem para continuar subindo a montanha? Porque eu sei que, assim como eu, você também levou porrada dos dois lados.

Vou tentar dormir. Esvaziar a cabeça. Sinta-se à vontade para aparecer nos meus sonhos ou mandar um recado.

Me diz o que fazer. Como Babe Ruth faz com Benny em “Se brincar o bicho morde” (eu me amarro nesse filme, Martin).

Justyce

P.S.: Não tem nada a ver com o assunto, mas o que você pode me dizer sobre triângulos amorosos? Estou me sentindo um canalha, porque lá estava SJ, me dando força para seguir adiante, enquanto Melo, como sempre, só pensava em si mesma e queria me puxar para trás. E o que eu fiz? Pois é, me rendi a uma bunda (ok, e também ao medo do que minha mãe vai dizer se souber que para mim a SJ não é só mais uma amiga).

Estou perdidaço nesse assunto. Aliás, como foi que eu acabei nessa situação? Eu até que não sou de se jogar fora, mas DUAS gatas a fim de mim?

Sei nem o que pensar.

CAPÍTULO 8

Antes mesmo que a bunda de Justyce tenha a chance de afundar no couro do sofá, Manny já está falando besteira.

— Até quando você vai esperar para me contar o que tá rolando?

Ele nem sequer tira os olhos do filme que está vendo no mudo enquanto os alto-falantes berram uma música antiga do Deuce Diggs.

— Não vou nem fingir que sei do que você está falando — responde Jus. — Cara, que disco é esse? Acho que nunca ouvi essa versão.

— É uma coletânea de uns anos atrás. Não muda de assunto.

— Que assunto?

— Maluco, quem foi que te trouxe aqui? — pergunta Manny.

— A SJ. Pensei que você tivesse concluído isso quando eu te disse por mensagem “A SJ vai me deixar aí”. Mensagem que você respondeu não tem nem quinze minutos, inclusive.

— Exatamente.

— Exatamente o quê?

— Você e a SJ.

— Que que tem eu e a SJ?

Manny o encara como se Jus tivesse acabado de dizer que dois e dois são cinco.

— Que foi, cara?

Manny balança a cabeça.

— Achei que a gente fosse parceiro, cara.

— Ah, tá bom, Manny. Aumenta aí o volume da TV — diz Jus, enlaçando os dedos atrás da cabeça.

— Só me fala quanto tempo tem isso.

— Isso O QUÊ, merda?

— Quanto tempo tem que você está pegando a SJ, cara! Por que está se fazendo de bobo?

Jus revira os olhos.

— Não está rolando nada, Manny.

— Todo mudo já sabe, cara.

— Todo mundo já sabe *o quê*?

— Que você está *todo santo dia* na casa dela. Você sabe que a Jessa é vizinha dela. Ela contou pra gente. Disse que os pais da SJ idolatram você, te chamam de mestre e tudo.

Jus esfrega o rosto. Ele sabia que Jessa era intrometida, mas minha nossa...

— Para começo de conversa, você está parecendo um velho desocupado com essa fofocada toda. Segundo, que eu não vou lá todo dia. Terceiro, que, *quando* eu vou, é para fazer as paradas do debate. E por último: não tem nada a ver se os pais dela gostam de mim.

— Então você vai lá só para falar de debate?

— *Sim*, Manny. A competição estadual é daqui a menos de um mês.

— Sei... E vocês só falam disso o tempo inteiro?

Justyce hesita.

— Ah, às vezes a gente fala de outras coisas, mas...

— TÁ VENDO? Tem alguma coisa rolando aí! É só olhar para a sua cara que a gente vê.

Justyce se deita no sofá, contrariado.

— Não quero mais falar disso. Você vai ligar o som no filme ou não?

— Jus, eu sou seu melhor amigo!

— Cara. — Justyce volta a se sentar e olha Manny bem nos olhos. — Só vou dizer uma vez, então escuta bem, tá? Não tem *nada* rolando entre mim e a SJ.

Manny o encara de volta.

— Jus. Eu *sei* que você gosta dela, cara. E dá pra ver que ela gosta de você...

— Não importa — sentencia Jus, acomodando-se no sofá de couro outra vez.

— Importa, sim.

— Não, não importa.

— Cara, não estou te entendendo. A SJ é uma gata. Ela é PERFEITA para você.

— Chega, cara.

— Qual é, Jus...

— Eu já disse que não importa, Manny!

— *Por que* não?

Justyce respira fundo.

— Manny, minha mãe faria um escândalo tão grande que ia estourar todos os transformadores do bairro.

— Hã?

— A SJ é branca.

Manny se inclina para trás e põe a mão no coração, fingindo susto.

— *Jura?* Não pode ser.

— Vai pra merda.

— Ah, cara. Ela não é branca *branca*, é judia. É diferente.

Jus suspira. Manny insiste:

— Eles também foram escravos. E teve o holocausto. Até hoje ainda existe...

— Eu entendo o que você quer dizer, só que não vai fazer a menor diferença para a minha mãe. A SJ é branca e pronto.

Manny não diz nada.

— Minha mãe *não* vai aceitar.

Ainda nada.

Justyce suspira.

— Com todo o respeito, Jus, mas isso deve ser a maior imbecilidade que eu já ouvi na vida — diz Manny, por fim.

Jus se faz de indiferente.

— A real é essa. E eu não estou nem um pouco ansioso para criar caso com a minha mãe, então vamos ficar só na *amizade*. Além do mais, eu e a Melo, tipo, a gente voltou a se falar.

Manny bate na testa.

— Eu me enganei — diz ele. — ESSA foi a maior imbecilidade que eu já ouvi.

— Vai cagar, cara.

— Jus, se a Melo e a SJ fossem caminhos opostos numa bifurcação da vida, você estaria indo direto para um beco sem saída, meu amigo.

— De onde você tira essas merdas, Manny?

— Só estou falando a verdade. Mesmo sem a história da sua mãe, você tá tomando a decisão errada.

Jus dá um riso seco.

— Com todo o respeito, eu me recuso a ouvir conselhos sobre relacionamento de um cara que nunca teve uma namorada.

— Ei! Calma aí. Só porque eu não quero nada sério no momento não quer dizer que eu não saiba o que é preciso para manter um relacionamento.

— Ah, pronto. Lá vem.

— Tô falando sério, Jus. Acha mesmo que eu não aprendi *nada* depois de dezessete anos e meio observando meus pais?

— Tá bom, então. Podemos mudar de assunto, *por favor*?

Um silêncio carregado recai sobre eles; os dois encaram a TV sem prestar a menor atenção ao filme que está passando.

Do nada, Manny diz:

— Sabe que eu tenho o problema oposto, não sabe?

— O quê?

— Vou te contar uma coisa, mas não ri, tá? É um segredo obscuro.

Jus apenas ergue as sobrancelhas.

Manny respira fundo, enchendo as bochechas de ar e depois expirando com força.

— Eu tenho medo das garotas negras.

— Hã?

— As garotas negras. Nunca tive muito contato com nenhuma que não fosse da minha família.

— Hum...

— Como você bem sabe, não tem nenhuma na nossa turma, então todas as que conheço são primas minhas, e elas... elas são um pouco exageradas.

— Exageradas?

— Tipo, muito cheias de atitude e meio... — Manny engole em seco — ... meio hostis demais.

Justyce não sabe o que dizer. Ele também não tem muita experiência nessa área. Melo é metade negra, mas ela definitivamente não é o tipo de garota de que Manny está falando.

Manny continua:

— Sei que é um estereótipo e tal, mas a minha experiência é essa. Meus pais estão superanimados porque eu vou para a Morehouse College ano que vem, mas eu tô nervosão.

— Mas por quê, cara?

— Jus, você é meu único amigo negro. Como que eu vou passar de um mundo totalmente branco para um mundo totalmente negro assim, de um dia pro outro?

Jus não sabe o que dizer.

— Enfim — diz Manny. — Desculpa por jogar isso em cima de você assim do nada.

— Tranquilo.

— Eu devia ter tentado Princeton, sei lá. Seria mais normal para mim.

Manny dá um suspiro.

— Vai dar tudo certo, cara. — Jus dá um tapinha no ombro do amigo. — Tenho certeza de que você vai fazer bons amigos na Morehouse, assim como aconteceu com a gente.

— O que mais me preocupa é a Spelman. Fica logo do lado. Garotas negras *pra todo lado*.

Jus dá uma risada.

— E você sabe que eu me amarro em mulher, cara — continua Manny. — E se eu chegar lá e nenhuma delas me curtir?

— Nem sei o que te dizer, Manny. Só posso falar que elas não são todas iguais, assim como a gente não é.

Manny concorda.

— *Touché*.

O silêncio cai outra vez.

Então:

— Jus, vou te falar só mais uma coisa, depois juro que paro de tomar conta da sua vida.

— Ai, céus. Lá vem.

— Entendo você querer agradar sua mãe. Eu mesmo só estou indo para a Morehouse por causa dos meus pais, que estudaram lá e na Spelman e que sonham com isso desde que souberam que iam ter um menino, mas deixar de viver algo bom só porque sua mãe não ia aprovar... Sei não, cara. Ainda mais quando tem a ver com essa bobagem de cor.

Justyce dá uma risada seca.

— Você ainda está fazendo aquela parada do Luther King, não tá? — pergunta Manny. — Então. O que *ele* faria?

— Não tenho como saber, porque a Coretta era negra.

— Não manda essa. Se quer mesmo seguir nisso de “Ser Como Martin”, tem que fazer direito. Dispensar uma garota maneira porque ela é branca não me parece nem um pouco a cara do King, irmão.

Justyce olha feio para o amigo.

— Eu sabia que não devia ter falado nada.

Manny dá um sorriso e pega o controle da TV. Esparramando-se no sofá, ele tira do mudo e aumenta o volume.

CAPÍTULO 9

Justyce está tão focado no torneio estadual de debate que o Natal e o Ano-Novo passam praticamente despercebidos.

É claro que, quando chega o dia do torneio, o evento é a última das suas preocupações.

Dois dias atrás, ele terminou com Melo outra vez, e agora parece que é definitivo. Estavam juntos na casa dela à noite, e a garota não parava de tagarelar um minuto sobre uns assuntos sem a *menor* relevância. As palavras de Manny continuavam ressoando na cabeça de Jus como um alarme de incêndio: “Se a Melo e a SJ fossem caminhos opostos numa bifurcação da vida, você estaria indo direto para um beco sem saída.”

Falando em SJ, ela é a segunda razão da dificuldade de concentração dele. Quando a vê saindo do elevador do hotel, sorrindo para ele como se estivesse diante do cara que faz o sol nascer todos os dias, o cérebro de Jus vira geleia. Tudo bem que eles se resolveram no dia seguinte ao confronto Melo/SJ no refeitório (Jus: “Desculpa por te jogar pra escanteio”; SJ: “Tá perdoado, mané. Mas que não se repita.”), mas agora, só de ver SJ, Jus percebe como foi imbecil. Ainda mais considerando que ela está uma gata com um tailleur todo justinho e um sapato de salto alto.

— Preparado? — pergunta ela.

Ele fica olhando para ela e acaba não respondendo.

O sorriso de SJ vai murchando. Ela leva a mão à bochecha.

— Que foi? Tem alguma coisa na minha cara?

— Não. — Justyce pigarreia. — É só que você está muito bonita.

— Ah. Obrigada.

O rosto dela fica vermelho. Justyce acha que vai entrar em combustão a qualquer momento.

— Você também não está nada mal — diz SJ, dando uma piscadela e uma puxadinha na gravata dele, que eles combinaram de ser do mesmo tom de vinho da roupa dela.

Então Doc aparece, vindo do salão do café da manhã com o restante da equipe.

— Bom dia, feras! — Ele coloca um braço no ombro de Jus e o outro no de SJ. — Prontos para arrasar?

— Vamos botar pra fo...

— Olhe o linguajar, Sarah-Jane — diz Jus, imitando Doc.

Eles riem.

— Falando sério — diz Doc. — Sei que vocês só entram depois do almoço, mas acham que estão prontos *mesmo*?

O que Doc está dizendo sem dizer é que ainda não conseguiu aceitar o fato de que seus melhores debatedores preferiram não participar das rodadas gerais do torneio para se concentrarem apenas na argumentação avançada em dupla.

Em outras palavras, eles só têm uma chance.

— Mais prontos do que nunca — responde SJ.

Ela aperta a mão de Jus.

E sorri.

Ele não faz a menor ideia de como vai conseguir sobreviver a esse dia.

* * *

Jus e SJ só definiram o tema faz poucas semanas. Estavam na casa dela, SJ com o laptop aberto apoiado nas pernas cruzadas, sentada numa cadeira de vime grandona trazida de Israel pelo pai. Jus andava de um lado para outro ao lado da mesa de sinuca, usando o taco como se fosse um cajado de hobbit e tentando não olhar muito para as pernas dela.

Ele suspirou mais uma vez.

— Talvez seja melhor a gente seguir com a questão da ameaça do estereótipo. Temos uma base bem boa sobre isso, depois daquela discussão em sala.

— É, tirando o fato de que o cara que levantou a questão não é nem um pouco afetado por isso — retrucou ela, com um sorriso sarcástico.

— A gente tem que escolher alguma coisa — insistiu ele. — E logo. O tempo está passando...

— Eu sei, eu sei. Só um segundo. Estou fazendo uma pesquisa aqui.

Ela voltou a digitar no laptop, e a mente de Jus tomou uma direção diferente. Durante os dias anteriores, havia caído a ficha de que aquele era o último torneio que ele e SJ fariam juntos. Quando terminasse, ele não teria mais pretextos para passar tanto tempo com ela.

E aí, o que ia fazer?

Deu mais uma olhada discreta. Ela estava uma graça com óculos e o cabelo preso num coque despojado. A versão dela de que ele mais gostava. Na noite anterior, ele tinha ido à casa de Melo (por motivos nem um pouco acadêmicos), mas estar com SJ era... diferente. Ele não queria perdê-la, mas não sabia o que fazer para ficar com ela.

— Ai, meu Deus! — exclamou SJ de repente.

— O que foi?

— Acho que é isso! Vem cá!

Ela descruzou as pernas e abriu espaço para ele.

Jus se espremeu na cadeira, a lateral do corpo colada no dela, e teve que conter um suspiro. Ela tinha um aroma de frutas e flores.

— Dá só uma olhada nisso — disse SJ, virando a tela para Jus. Era um artigo intitulado “O mito do superpredador”. — Então, nos anos 1990, uns pesquisadores previram que, nos anos seguintes, o número de crimes violentos cometidos por adolescentes afrodescendentes do sexo masculino aumentaria vertiginosamente, e as “autoridades especialistas” no assunto chamaram esses criminosos em potencial de superpredadores.

Justyce já tinha ouvido falar do conceito, na época em que estava se recuperando do incidente com o policial, mas deixou que SJ continuasse, porque, afinal, quando ele teria outra oportunidade de

vê-la totalmente absorta numa pesquisa e disparando um milhão de palavras por minuto? Ia sentir falta daquilo.

— Felizmente, a previsão não se confirmou — prosseguiu ela. — O índice de crimes entre jovens despencou.

Ele sorriu.

— Sim...

— Mas, *infelizmente* — acrescentou SJ —, parece que essa pesquisa instigou nas pessoas um medo de jovens negros, que continua mais vivo que nunca.

Ela passou o dedo pelo pulso de Jus ao dizer isso.

Opa! Hora de se levantar.

Ele voltou a andar de um lado para outro.

— Qual direção a gente seguiria nesse assunto? — perguntou.

— Bem, pensei em abrirmos uma discussão sobre perfilagem étnica.

Jus congelou.

— Você não pode estar falando sério.

— Estou, sim.

— Então só pode estar ficando doida.

— Ah, qual é. O que temos a perder?

— Hã... o torneio?

— Que se dane o torneio. — Ela fechou o laptop e foi até ele. — As pessoas precisam ouvir sobre isso, Jus. É uma mina de ouro do debate!

— Hummm...

Não que ele não acreditasse no potencial da questão em termos de argumentos sólidos. Ela estava certa: os números falavam por si. O problema era que, sendo negro, ele correria o risco de ser acusado de estar se vitimizando num torneio de debate estadual.

Jus se virou para encará-la. Péssima ideia. Tipo, *sentimentos*.

— Sei não.

— Jus, eu passei uma semana inteira sem dormir depois do que aconteceu com você. Sei que isso pode prejudicar a gente no torneio, mas, se conseguirmos expor os fatos, talvez a gente consiga fazer algumas pessoas *pensarem* no assunto, nem que seja um pouquinho. Vale a pena, não?

Jus não tinha palavras.

Ela jogou o braço no ombro dele. Peito no bíceps.

— É nossa última competição — insistiu ela. — Vamos fechar com chave de ouro.

— Eu...

— Por favooooooor! — pediu ela, fazendo biquinho.

Ele suspirou. Não conseguiria tirar a ideia da cabeça dela.

— Tá bom. Já é.

* * *

Por conta dos resultados dos dois ao longo de toda a temporada — oito vitórias, uma derrota, um empate —, Justyce e SJ são a última dupla da categoria. Quando são chamados, eles entram no palco e seguem até os pódios contíguos, à luz ofuscante dos holofotes. Jus só consegue enxergar os três juízes.

Assim que o juiz do centro manda começar, SJ engata na introdução do tema. Após sua frase final — "Estamos aqui para argumentar que as disparidades raciais no sistema criminal norte-americano devem-se, em grande parte, à perfilagem étnica" —, um murmúrio percorre a plateia. O estômago de Jus se contrai, e uma gota de suor escorre por seu corpo. Dois dos juízes continuam impassíveis, mas, quando seus olhos encontram os da terceira juíza — uma moça branca —, ela assente em aprovação.

O olhar de Jus corre de um juiz para outro enquanto recita as estatísticas que corroboram sua argumentação: uso de drogas *versus* número de condenações relacionadas a drogas, índice de prisões em áreas dominadas por minorias *versus* áreas com maioria branca... Quando chegam à questão dos superpredadores, os três juízes estão absortos. É quando Jus percebe que SJ tinha razão: seja qual for o resultado do torneio, ele *precisava* falar sobre isso em público.

Quando eles terminam, Jus sente como se vivesse um sonho. Assim que chegam aos bastidores, toda a equipe os inunda em abraços e comemorações. Doc, com os olhos visivelmente

marejados, diz que está muito orgulhoso, e um cara negro de outra equipe cumprimenta Jus de longe, do outro lado da sala. Uma garota aleatória de outra escola, bem bonitinha, traz água para ele com um número de telefone escrito no copo. Ele vê SJ jogando o copo no lixo quando ele parece não estar prestando atenção.

Jus não faz ideia de quanto tempo se passou entre o momento em que saiu do palco e o instante em que o mestre de cerimônias volta para anunciar os resultados, mas, quando se dá conta, Doc e o restante da equipe estão enfileirados para voltar aos seus lugares.

Nada parece real.

Sem pensar muito, ele pega a mão de SJ. Ela o abraça, apoia a cabeça no ombro dele. Jus a abraça pela cintura.

Eles respiram fundo.

O mestre de cerimônias anuncia o terceiro lugar. Não são eles. Jus sente e ouve SJ suspirar. Quando chamam o segundo lugar e também não são eles, Jus a aperta mais forte.

— SJ, eu só queria dizer...

— Shhh. Depois você me fala.

— Sim, senhora.

Ela dá uma risadinha. Há muito tempo ele não se sente tão feliz quanto nesse momento.

— E os campeões estaduais da divisão de argumentação avançada em dupla são: da Escola Preparatória de Braselton, Justyce McAllister e Sarah-Jane Friedman!

Eles não se soltam.

13 de janeiro

Martin, acho que estou ficando maluco.

Eu andei evitando escrever sobre isso porque não tem nada a ver com o experimento “Ser Como Martin”, mas acho que poderia ser considerado uma tentativa malsucedida de “integração romântica” ou algo assim... Bom, a questão é que, depois do sonho que acabei de ter (e que não vou reproduzir aqui porque não é apropriado), preciso desabafar um pouco.

Então. SJ e eu vencemos o torneio estadual de debate. Quando voltamos para os bastidores, depois de receber as medalhas, parecia que tudo tinha mudado. Eu só pensava no nosso abraço logo antes de anunciarem os vencedores. Então, quando ela se virou para mim, toda linda, eu soube que já era. Não dava mais para resistir.

Estávamos ali, sorrindo um para o outro, aí eu olhei para a boca da SJ e fui lá, pronto para marcar o gol...

E ELA VIROU O ROSTO! Sério, girou tipo cento e oitenta graus e saiu andando! “Viu o Doc por aí?”, coisa e tal.

A garota SABIA que eu ia dar um beijo nela, Martin! Passou o resto da noite me evitando e no dia seguinte mal falou comigo durante todo o percurso de volta, no carro dela. Só aumentou o volume do rádio, como se eu nem estivesse ali.

Quando chegamos ao alojamento, ela soltou um “Parabéns mais uma vez pela sua vitória” quando eu estava prestes a descer do carro. (Como se não tivéssemos vencido juntos!) “Foi ótimo ter você como parceiro de equipe, e sei que você vai se sair muito bem em Yale. A gente se vê!”

Até demorei para me tocar e sair, porque estava tentando entender de onde tinha surgido aquele robô alienígena e o que ele tinha feito com minha dupla & amiga & a-garota-que-eu-queria-beijar, que eu conhecia como SJ.

Ela foi embora assim que peguei minhas coisas e botei os pés na calçada. Só isso.

Eu estava disposto a enfrentar minha mãe por causa dessa garota, Martin!

Não consigo entender o que aconteceu. Pensei que as coisas estivessem se encaminhando! Te juro, Martin: desde que Manny me deu aquele sermão por não agir como você, SJ e eu tínhamos ficado mais próximos que nunca. Rolava uma química real entre a gente... Eu sei que não estava imaginando coisas. Ou será que estava?

Não sei o que fazer. Estou comendo mal, dormindo mal. Não consigo me concentrar... Em todo lugar eu vejo alguma coisa que me lembra a SJ. Não posso passar por uma garota de cabelo castanho sem olhar duas vezes. Manny está numa fase Carrie Underwood, que é o que a SJ botava para a gente ouvir enquanto fazíamos as pesquisas para o debate na casa dela. Até fui dormir em casa ontem à noite, achando que me sentiria melhor perto da minha mãe, mas, quando cheguei, ela estava vendo o programa da juíza Judy! (SJ jura que ela e Judy são parentes.)

O melhor a fazer é tentar esquecer essa história, não é? Não posso obrigar a garota a falar comigo...

Não paro de rever na minha cabeça as luzes do carro dela indo embora naquele dia. Vou ficar maluco.

Cara. Desisto.

Vou tentar dormir outra vez.

Jus

CAPÍTULO 10

Mas Justyce não consegue dormir. Nem nessa noite, nem no resto da semana.

E não é só por causa de SJ.

Alguns dias depois do balde de água fria, Jus e o restante do país ficam sabendo do caso de Tavarrius Jenkins, um jovem negro de dezesseis anos que foi baleado pela polícia enquanto tentava ajudar uma senhora branca que dirigia um Lexus. O rapaz não resistiu e faleceu.

Na sexta-feira, depois da aula, Jus vai à sala de Doc para conversar sobre o assunto e descobre que não foi o primeiro a ter essa ideia: SJ já está lá, se acabando de chorar. Ele quer dar meia-volta e ir embora, mas não consegue se mexer.

Vê-la daquele jeito — mesmo que apenas como amiga — faz Justyce se sentir tão impotente quanto na noite em que foi preso. E, quando ela o vê e fecha a cara, Jus inevitavelmente se sente quase culpado pelas lágrimas dela.

Mas como? Não foi ela que resolveu evitá-lo? Depois de os dois ficarem uma eternidade se encarando, ela seca o rosto, pega suas coisas e se dirige à porta. Doc a chama, mas SJ o ignora.

— O que foi isso? — pergunta Doc.

— Você não sabe?

A vontade dele é ir embora também, mas acaba se sentando numa carteira. Doc então cruza os braços, parecendo bastante intrigado.

— Não sei mesmo, Jus.

— Que pena — diz Justyce, encarando Doc. — Eu esperava que você pudesse me explicar o que está acontecendo.

Desnecessário dizer que Jus não está mais a fim de conversar. Ele espera um pouco, para dar tempo de SJ sair do colégio, e se despede de um Doc estupefato.

De volta ao alojamento, ele está quase pegando no sono quando ouve uma batida na porta que o traz de volta à consciência.

— Quem é?

— Abre logo aí.

Manny.

Jus se força a se levantar.

— Que foi, cara? — pergunta ele, abrindo a porta.

— Qual foi, irmão, que mau humor é esse? — Manny se enfia no quarto, trazendo consigo a aura de fedor de quem acaba de sair do treino de basquete. — Tá dormindo?

— Óbvio que não, não está me vendo aqui, aguentando seu futum? Tá precisando de um banho, hein.

— Não enche. Hoje é sexta, a gente tem que começar a agitar. Se veste aí, vamos logo.

Jus volta para a cama.

— Foi mal, cara, mas não estou a fim de sair hoje, não.

— Não foi um convite. Não pense que eu não percebi que você passou a semana inteira com cara de morte. Ficar sozinho nesse seu estado não é bom para a saúde mental, irmão. Hoje tem a festa de aniversário do Blake, e você vem comigo.

— Vou nada.

— Então tá. — Manny puxa uma cadeira e se senta ao lado da cama. — Quer ficar deitado? Beleza. Eu e o meu sovaco fedido vamos ficar aqui do seu ladinho.

— Aaaah, Manny, qual é... Sai daqui com essa catinga — pede Jus, cobrindo a cara com o travesseiro.

Manny tira o tênis e entrelaça os dedos na nuca, ativando o potencial máximo de sua fedentina.

Às vezes ele é um pé no saco.

Jus respira fundo... o que é uma péssima ideia.

— Pelo amor de Deus, que *fedor*. Tá bom, eu vou.

— Partiu! — Manny se levanta de um salto. — Vou buscar meu carro e te encontro lá embaixo em dez minutos.

— Tá.

— Você não vai se arrepender, cara — promete Manny, deixando a porta aberta ao sair do quarto.

* * *

Justyce não está no melhor humor para aceitar a bebida de "esquenta" que Manny enfia em sua mão assim que eles chegam à casa dele. Jus jamais admitiria em voz alta, mas preferia mil vezes estar na casa de SJ vendo National Geographic a ficar ali esperando Manny se arrumar para sair. Está ficando maluco de tanto pensar nela. Quando se dá conta, o copo está vazio e ele já pegou a garrafa que Manny deixou em cima do pufe.

— Tá chorando, cara? — pergunta Manny quando finalmente sai do banho, nadando em Armani Code.

— Não, cara, tudo bem. — Jus seca o rosto na manga da camisa. — Caiu um cisco no meu olho, foi isso.

Manny se senta.

— Tudo isso por causa da SJ?

— Hein?

— Fiquei sabendo do que aconteceu lá no dia do torneio.

Não é possível.

— Ficou sabendo o quê?

— Que ela não quis nada contigo.

Jus fica estarrecido.

— Como você ficou sabendo disso?

— É uma escola pequena — diz Manny, dando de ombros. — O pessoal comenta.

Jus não diz nada.

— Você tá caidinho por ela, hein? Que barra.

— Ei, também não exagera.

— Jus, olha só pra você, *chorando* por causa de uma...

— Eu não estou chorando, Manny.

— Beleza. — Manny se joga no sofá, olhando para o teto. — Isso só pode ser amor.

Os dois ficam ali sentados em silêncio por um minuto, Manny na dele fazendo sabe-se lá o quê e Jus tentando afastar as lembranças de SJ. Ele muda de assunto para a outra coisa que está perturbando sua cabeça:

— Ficou sabendo do Tavarrius Jenkins?

— O cara da Flórida que levou uns tiros, né?

— É. Morreu ontem.

— Putz. Que tristeza.

— Não paro de pensar que poderia ter sido eu. E se aquele policial tivesse pensado que eu estava armado?

— Mas você não estava.

— Tavarrius também não — replica Jus, a raiva fervilhando dentro dele. — É exatamente disso que eu estou falando. O cara está andando pela rua com os amigos quando resolve ajudar uma senhora que parou por falta de gasolina numa área barra-pesada. Aparecem uns policiais, que mandam ele botar as mãos na cabeça porque acham que ele está roubando a senhora, e o garoto obedece, mas os caras abrem fogo porque confundem o celular dele com uma arma. Que merda. — Jus toma um gole direto da garrafa. — É preto levando bala a torto e a direito, não pode nem levar uma bala ou o celular no bolso. Imagina o que teria acontecido *comigo* se eu estivesse com o celular marcando a roupa naquela noite? Eu podia estar morto. Por que tudo isso?

Ele dá mais uma golada só para sentir a queimação na garganta.

— Tá bom, chega — diz Manny, tomando a garrafa das mãos de Jus e dando palmadinhas no joelho dele. — Vamos logo para a festa. Você está precisando distrair a cabeça.

Uma parte de Jus só quer chacoalhar Manny, perguntar por que ele se importa mais com a festa idiota de um branco do que com a morte injusta de um cara que se parece com ele.

Só não faz isso porque lhe falta energia no momento.

— Então tá — diz Jus. — Vamos.

* * *

Se Justyce não tivesse engolido metade da garrafinha recém-abastecida de Manny no caminho, talvez não se sentisse tão incomodado com as estatuetas caricatas em madeira de dois negros de lábios grossos e vermelhos que ladeavam os degraus de entrada. Se ele tivesse “ido com calma” quando Manny o alertou, talvez não tivesse sentido a fúria que sentiu ao ver que a parede atrás do bar era coberta de pôsteres de comediantes que faziam *blackface* lá pelo início do século XX.

Mesmo assim, Justyce não foi com calma no álcool. Continuou bebendo até Manny ter que arrancar a garrafinha das mãos dele e enfiá-la debaixo do banco do motorista, onde Jus não alcançaria. Por conta de tudo isso, Jus já está prestes a explodir quando o aniversariante vem correndo receber os dois.

Manny: Parabéns, cara!

Jus: É. Isso aí.

Blake: Que bom que vocês vieram!

Manny dá um sorrisinho para Justyce, do tipo “Tá vendo?”.

— Se liga — continua Blake, que claramente também bebeu mais do que deveria —, tem uma morena aí na festa com uma bunda sen-sa-cio-nal. Vocês podiam ir lá me ajudar a falar com ela. Na moral, é o maior rabo que eu já vi *na vida*. Se eu chegar nela com meus amigos negões do lado, de repente rola uma abertura maior e talvez ela até dê um pulinho lá no meu quarto, saca? — Ele cutuca Jus com um sorrisinho malicioso.

O sorriso de Manny desaba. Ele volta a olhar para Justyce, quase como se *soubesse* que não ia sair nada de bom daquilo.

— Esse babaca está falando sério? — diz Jus.

Blake parece não entender.

— Deixa quieto, Jus — pede Manny.

— Deixa quieto? Não vem com essa! O cara tem uns gnomos racistas no jardim, uma parede coberta de fotos de gente branca pintada de marrom e aí me vem com essa merda, e você ainda quer que eu fique de boa?

Blake revira os olhos.

— Cara, essas coisas nem são minhas. O tio-avô da minha mãe era um desses comediantes, por isso que ela tem esses pôsteres.

Não é nada de mais.

— Isso de você vir aqui pedir nossa ajuda para *usar* uma garota está longe de não ser “nada de mais”, Blake. Sem falar de você sair por aí chamando a gente de “negão” como se essa palavra te pertencesse.

Blake: Não pertence a mim nem a você, cara. Ninguém é *dono* de palavra nenhuma. Pensei que você soubesse disso, já que é tão “inteligente”.

Manny: Ok, pessoal, vamos nos acalmar antes que alguém perca a cabeça.

Justyce: Alguém aqui já não tem cabeça há muito tempo, Manny. Seu amiguinho Blake é um racista.

Blake: Cara, por que vocês insistem em ver racismo em tudo?

Justyce: *A gente*? Você entende que o Manny também faz parte desse *a gente*?

Blake: Só que o Manny tem bom senso e não reduz tudo à questão da cor da pele. Por que você não relaxa um pouco, cara?

Justyce: Pena que você não estava presente para mandar relaxar o policial que me algemou por tentar ajudar minha namorada.

Blake: Achei que fosse *ex*-namorada. Ela não te deu um pé na bunda?

Nesse momento, Jared e Tyler se aproximam, cada um com um copo descartável e uma lata de cerveja.

— E aí, galera! — grita Jared.

Justyce só fica ainda mais furioso.

Jus: Quer saber? Eu cansei de vocês agindo como se a gente desse essa confiança toda pra vocês.

Jared: Epaaa. Que bicho te mordeu hoje, cara?

Tyler: (*Ri*.)

Jus: Vai se foder, Jared.

Jared: Pra que isso...

Blake: Cara, acho bom você parar de desrespeitar meus amigos na *minha* festa.

Manny: Vamos embora, Jus.

Jus: (*Aponta para Blake*.) Abre o olho.

Blake: Isso é uma *ameaça*?

Jared: (*Ri.*) Melhor se cuidar, Blake, você sabe que o Justyce anda com uma galera meio esquisita. Vai que ele junta uns amiguinhos pra ir na sua casa e te meter ba...

Nessa hora, Jus não está vendo tudo vermelho, está vendo todas as cores do arco-íris, e ele sente uma dor na mão esquerda e no maxilar direito, e algo quente escorre pelo seu queixo. Jared de repente tem um corte no lábio, um dos olhos começando a inchar, e está tentando se levantar do chão, enquanto Blake está de quatro, o sangue jorrando do nariz.

Dessa vez, ele não tem o capuz branco para estancar o sangramento.

Jus sente alguns braços o segurarem, prenderem suas mãos.

— Me solta — diz ele, contorcendo-se na tentativa de se soltar.

Ele nem vê quem o está segurando. É Manny. Sua boca também sangra.

Tyler parece ser o único ileso... mas não: está balançando a mão direita.

Claro que já tem gente aglomerada ao redor deles.

Manny: Qual é o seu problema, Justyce?

Jus: Vê se não fala comigo.

Manny recua.

Manny: Como é que é? Vai me bater também?

Jus: Você é igualzinho a eles!

Manny: Do que você tá falando? Não sei de onde está vindo essa doideira de achar que o mundo inteiro está contra você, mas acho bom você se ligar e pensar no que anda fazendo.

Jus: Esses babacas vivem desrespeitando você, desrespeitando *a gente*, e você nunca fala nada! Só ri e concorda com tudo que eles dizem.

Manny: Você está falando dos meus *amigos*. Vê se para com esse drama todo.

Jus: Foi isso o que eles te disseram quando você se ofendeu com alguma piadinha racista, não foi?

Manny: Você tá *viajando*. Esfria a cabeça, valeu?

Justyce olha Manny de cima a baixo, decepcionado.

— Quer saber? Você é um traidor. Quero ver você se virar na Morehouse ano que vem.

Ele sai dando cotoveladas para abrir caminho até a porta dos fundos. As pessoas cochicham. Está prestes a abrir a porta quando escuta um grito:

— Valeu por arruinar meu aniversário, seu babaca!

Justyce sobe a ladeira cambaleante e segue na direção que supostamente leva para fora daquele bairro de megamansões. Ainda está bêbado, tudo gira, mas ele sabe que só precisa encontrar a rua principal para achar o caminho de volta até o dormitório do colégio.

Ele não sabe há quanto tempo está andando nem qual distância percorreu, quando um Range Rover azul-marinho encosta ao seu lado.

— Entra aí — diz Manny, de dentro do carro.

— Precisa, não.

— Jus, está fazendo quase zero grau, e esse não é o caminho para o colégio. Deixa de ser pentelho e entra.

— Já falei que não vou entrar.

O carro dá uma arrancada e para atravessado bem no meio da rua, na frente de Justyce.

— Ei! Quer me atropelar?

— Entra na merda do carro!

Justyce trinca os dentes.

Manny engrossa o tom.

— Irmão, se a nossa amizade significa *alguma coisa* para você, entra na porra do carro agora.

Manny encara Jus. Jus encara Manny.

Manny se estica e abre a porta do carona.

Jus dá meia-volta e sai andando na direção oposta.

19 de janeiro

MEU CARO MARTIN,

Olha, não sei como você conseguiu. Sinceramente. A cada dia que eu ando pelos corredores daquela maldita escola elitista, sinto que não deveria estar ali, e toda vez que Jared ou qualquer outro abre a maldita boca, isso serve como um lembrete de que eles concordam com isso. Sempre que ligo a TV e vejo a notícia de mais um negro assassinado, eu lembro que as pessoas me olham como uma ameaça, não como um ser humano.

Depois do caso Tavarrius Jenkins, vi um cara branco na TV falando sobre como casos como esse e o de Shemar Carson "desviam o foco da questão do crime perpetrado por negros contra negros", mas como eles querem que os negros saibam como tratar uns aos outros se ouvimos o tempo inteiro, desde que fomos trazidos para este país, que não merecemos respeito?

O que devemos fazer, Martin? O que eu devo fazer? Ser mais como Manny e agir como se não houvesse nada errado ao ver um cara branco pedindo aos seus "negões" que o ajudem a se aproveitar de uma garota negra? Ouvir calado as merdas que eles falam, tentar parar com tanto "drama"? O que eu faço quando minha identidade é ridicularizada por pessoas que se recusam a admitir que o problema é real?

Sei que cometi um erro ontem, mas não consigo nem me arrepender. Se aqueles babacas não dão a mínima se estão me ofendendo ou não, por que eu deveria me preocupar em ser simpático e tal?

Honestamente, já faz seis meses que estou lendo seus sermões e estudando seus livros, mas sinto como se tudo que consegui reunir até hoje fosse apenas frustração e sensação de derrota. Ontem, quando eu estava saindo da casa do Blake, juro que ouvi uma garota falando: "Por que os negros estão sempre com tanta raiva?" Como eu posso não ter raiva?

Minha mão está doendo. Vou deitar.

J.M.

CAPÍTULO 11

TOC TOC TOC.

Justyce se vira na cama e tateia ao redor em busca do celular. A luminosidade da tela faz seus olhos doerem. Dezessete chamadas perdidas, quatro recados na caixa postal e nove mensagens de texto, de Manny, Melo e sua mãe.

Mais uma batida à porta.

— Jus, você está aí?

— Justyce McAllister não pode atender agora, deixe seu recado — resmunga ele.

— Sou eu, cara, dr. Dray. Abre.

Doc? Justyce se senta rápido demais, batendo a testa com força em alguma coisa dura.

— *Ai!* — grita ele.

— Você está bem?

— A porta está aberta — responde ele.

Nem dá tempo para seus pensamentos se organizarem e permitirem que ele entenda onde está e como chegou ali, porque Doc aparece agachado ao seu lado.

— A noitada foi tensa?

Os pés da escrivaninha de mogno entram em foco de repente.

E ele se dá conta de que está com a calça arriada.

— Merda!

Jus se enrola todo tentando sair de debaixo da escrivaninha e vestir a calça ao mesmo tempo, mas sua cabeça lateja tanto que ele chega a cambalear.

— Devagar aí. — Doc puxa a cadeira. — Senta um pouquinho.

Jus obedece. Doc pega uma garrafa de Gatorade na bolsa.

— Bebe — orienta ele. — Bebe tudo. Aposto que você está desidratado.

Jus obedece.

— Que horas são? — pergunta ele, entre um gole e outro.

— De acordo com o relógio atrás de você, são onze e onze. — Doc sorri. — Faz um pedido. Ou os jovens não fazem mais isso? Não consigo acompanhar vocês.

Justyce olha ao redor. O sol entra pelos retalhos de papel toalha que a Escola Preparatória de Braselton chama de cortina. Esse simples movimento já faz a cabeça de Jus voltar a latejar.

Ele precisa vomitar.

— Hã... rapidinho — diz Jus, caindo da cadeira ao tentar se levantar para ir ao banheiro.

Lá se vai o Gatorade.

Depois de vomitar, ele dá descarga, joga um pouco de água gelada na cara e avalia o rosto no espelho.

É quando lhe vem à mente: *Doc acabou de me encontrar largado embaixo da mesa. E pelado.*

Será que ele está sonhando?

— Doc? Tá aí ainda?

— Aham.

Jus engole em seco.

— Você... hã... não tem outros planos para essa bela manhã de sábado?

— Anda, Jus, sai logo daí.

Droga.

— Eu preciso mesmo?

— Não, mas acho que não é lá muito legal ficar enfurnado no banheiro.

Jus dá uma última olhada no espelho e balança a cabeça, chateado consigo mesmo. Doc está sentado aos pés da cama intacta (o que só relembra a Jus que ele não dormiu ali, que vergonha), os cotovelos apoiados nos joelhos e os dedos entrelaçados. Ele sorri e indica a cadeira.

— Pode se abrir comigo.

Jus esfrega o rosto.

— O que quer que eu diga?

— Só quero saber o que está havendo. Manny me ligou faz algumas horas. Está muito preocupado com você.

Jus dá um riso de desdém.

Doc sorri.

— Ele falou que você reagiria assim mesmo.

— Aquele idiota não sabe nada sobre mim.

Doc fica sério.

— Por que não me conta o que aconteceu?

— O Manny não contou tudo quando te ligou para me dedurar?

Doc não responde, apenas encara Justyce com seus olhos verdes intensos, sem nenhum traço de julgamento.

Com Doc o olhando desse jeito, todo o incidente da noite anterior volta à memória de Jus de supetão, e a dor no punho parece se intensificar. Ele baixa a cabeça.

— Eu mandei mal.

— O que você fez?

Jus ergue os olhos.

— É sério que o Manny não contou nada?

Doc pega o celular do bolso, toca na tela algumas vezes e o vira para Jus. A voz de Manny surge do aparelho: “Bom dia, professor. Desculpa incomodar num sábado, mas... será que você pode passar no alojamento e ver se está tudo bem com o Justyce? Ele anda meio mal com uns problemas aí e eu... é... bom, ele não está atendendo o telefone, e eu sei que ele não quer me ver, então se você puder dar uma passadinha lá, eu ficaria muito grato. É o quarto 217.”

— Quando eu retornei a ligação — diz Doc —, ele só me disse que vocês exageraram um pouco na bebida e acabaram se desentendendo. Disse que seria bom se você conversasse com alguém.

Jus não diz nada.

— Então. O que está havendo? Por que Manny acha que você não quer vê-lo?

Justyce coça a cabeça. Está precisando cortar o cabelo.

— Eu bebi demais.

— Deduzi — diz Doc, apontando para a garrafa vazia de Gatorade.

— Bebi demais e dei o mole de ir na casa do Blake. Aí rolou uma coisa ou outra que me tirou do sério e eu... Eu vacilei mesmo.

— Desenvolva, por favor.

Justyce suspira.

— Desde aquele incidente com o policial, eu ando meio que num nível de alerta máximo, sabe? Tenho percebido coisas que antes não notaria ou que faria questão de ignorar.

— Faz sentido.

— Vai parecer meio bobo, mas eu comecei um... um projeto. Faz uns seis meses que voltei a estudar os discursos e outros materiais sobre Martin Luther King. Estou tentando botar em prática o que ele dizia, sabe? E... hum...

Ainda sem nenhum julgamento no olhar de Doc.

— Estou escrevendo cartas para ele num caderno.

— Aquele ali na sua mesa?

Jus olha para trás. É um caderno escolar simples, de capa azul com um quadrado em branco em que se lê *Cartas para Martin*.

— É.

— Continue — pede Doc.

— Então. Estava indo tudo bem, eu acho, até que... Lembra que eu te contei que meu pai morreu quando eu tinha onze anos?

— Lembro, sim.

— Bom, ele saiu do Exército com transtorno de estresse pós-traumático e alcoólatra. Às vezes ele bebia demais e tinha uns acessos de raiva, e aí ele, tipo, nesses momentos ele batia na minha mãe.

— Sinto muito.

Jus dá de ombros.

— É a vida. Um dia, eu olhei bem nos olhos dele, e não tinha nada lá. Era quase como se ele não estivesse no próprio corpo, como se as mãos e os pés estivessem em piloto automático porque o cérebro tinha dado no pé.

Doc assente, mostrando que compreende.

— Foi algo assim que aconteceu ontem à noite. Eu me lembro de estar na casa do Blake, fiquei bem furioso com uns lances aí, então ele veio falar comigo e com o Manny e disse uma coisa que me fez perder o controle. Então a gente começou a bater boca, e depois disso só me lembro de estar com a mão doendo pra caramba, enquanto Blake e Jared se levantavam do chão.

— Sei.

— É. — Jus dá uma risadinha amarga. — Acho que eu não devia estar te contando isso, porque vou ser expulso.

— Para mim, parece que você está "assumindo a responsabilidade", que é o quarto mandamento do código de honra da escola, não é? — diz Doc, sorrindo.

— É, acho que sim. De qualquer maneira, é assustador pensar nisso agora. A última coisa que eu quero é acabar como o meu pai, que morreu queimado num acidente de carro, com nível de álcool no sangue de 2,5. Mas ontem eu agi *igualzinho* a ele. Juro, nunca mais vou beber.

Doc dá uma risada.

— É um bom começo.

— Quanto ao Manny... — Jus parece inconformado. — Eu não entendo por que ele continua aturando esses *escrotos*... Ih, foi mal.

Doc sorri.

— Tudo bem, estamos no seu território. Continue.

— Eu sei que é um troço besta, mas sempre que ouço o Manny concordando quando aqueles caras dizem uma parada que eu sei que ele sabe que é errada... Sei lá.

Doc não responde.

— Tenho quase certeza de que chamei o Manny de traidor — continua Jus. — Só que eu ainda estou com tanta raiva que nem me sinto mal por isso. Sei que ele não estava tentando tomar partido, mas, poxa, vir criar caso comigo depois de tudo que o Blake e o Jared disseram? É como se ele nem ligasse de desrespeitarem ele. E a *mim*.

— Entendo — diz Doc. — Posso bancar o advogado do diabo por um instante? Não quero invalidar seus sentimentos, só tentar colocar as coisas em perspectiva.

— Tudo bem.

— Quando eu era mais novo, eu era como o Manny. Até o primeiro ano, quando fui para uma escola pública técnica na cidade, eu era o único aluno não branco no meu colégio. Lembra como foi ruim quando você percebeu que tem muito pouco controle sobre como as pessoas te veem?

— Como eu poderia esquecer?

Jus esfrega os pulsos.

— Foi assim que eu me senti quando comecei na escola nova. Todo mundo me via como negro, mesmo eu não tendo a pele muito escura e tendo olhos verdes. Os alunos negros esperavam que eu conhecesse todas as suas referências culturais e gírias, enquanto os brancos esperavam que eu agisse "que nem negro". Foi um choque de realidade cruel. Quando a gente passa a vida inteira sendo "aceito" pelos brancos, é fácil ignorar a história e é difícil encarar os aspectos que ainda são problemáticos, entende?

— Acho que sim.

— No seu caso, a única maneira de vencer é se você estiver bem *consigo* mesmo. As pessoas vão desrespeitar você, mas e daí? Caras como Jared não têm nenhuma ingerência sobre seu futuro. Se *você* sabe que o que eles dizem não é verdade, por que deixar que o tirem do sério?

— Respeito sua opinião, mas não é assim tão fácil.

— Explique.

— É *frustrante*! Quando você se esforça pra caramba e vai ganhando seu espaço, mas as pessoas ficam insinuando que você não ralou e que não é capaz... Isso machuca demais, Doc.

— Claro que machuca, mas você está fazendo tudo isso por quem? Por eles? Ou por você?

Jus enterra a cabeça nas mãos.

— Vou te contar outro caso rápido — continua Doc. — Na faculdade, eu tinha um cabelo bem grande e armado, mas geralmente usava tranças nagô. Nunca vou esquecer a cara feia do meu orientador no instante em que entrei na sala dele pela primeira vez. Durante todo o processo de preparação para o mestrado, ele só criticou o meu trabalho. Disse na minha cara que eu jamais seria

bem-sucedido. Se eu tivesse dado ouvidos a ele, Jus, não estaria aqui conversando com você.

Justyce suspira.

— Vou deixar você descansar um pouco — diz Doc, levantando-se. Ele deixa na mesa de cabeceira outra garrafa de Gatorade e dois comprimidos dentro de um saquinho transparente. — Peguei ibuprofeno para você na enfermaria. Não esqueça de se hidratar bastante, tá bom?

— Ok. Obrigado por vir.

— De nada — responde Doc, apertando o ombro de Jus.

Enquanto Doc está pegando a bolsa para sair, Justyce dá uma olhada no celular e se lembra de todas as chamadas perdidas e mensagens ignoradas. E da total falta de comunicação por parte de certa ex-dupla.

— Doc, posso fazer uma pergunta?

Doc se vira, enfiando as mãos nos bolsos.

— Manda.

— Você... Hã... — *Eu vou mesmo falar isso?* — Você tem namorada?

— Por que está perguntando isso?

— Bem...

Jus não sabe como dizer.

— É por causa da SJ?

Justyce ergue as sobrancelhas, e Doc ri.

— Acha que eu não percebi que o clima mudou entre vocês?

— Eu estou bem mal com isso — diz Jus, cabisbaixo.

— Logo ela volta a falar com você. Vê se descansa, viu?

— Pode deixar.

Jus se levanta, vai até a cama e se joga no colchão quando Doc abre a porta para sair.

Antes mesmo de ouvir a porta se fechando, ele já adormeceu.

CAPÍTULO 12

Na terça-feira, tanto Manny quanto Jared faltam à aula de Sociologia.

Também não aparecem para o almoço. Justyce vê Tyler, Kyle e Blake — que faz cara feia para ele, mas fica longe — amontoados ao redor de uma das mesas na sala dos veteranos, cochichando alguma coisa.

Ao longo do dia, Justyce percebe um burburinho crescente, mas não consegue descobrir o que é, porque todos se calam assim que ele chega perto. Então, no fim da aula, Jus está voltando para o alojamento quando percebe que os “parceiros” estão reunidos na frente do carro de Jared, sem Manny. Ele entende que alguma coisa séria aconteceu.

Ainda mais quando Jared se vira para Justyce de cara feia e Jus vê o estado do rosto dele.

Tudo bem que eles saíram no soco, mas será possível que ele tenha causado *todo* aquele estrago? Metade da cara de Jared parece que foi atacada por um enxame de vespas realmente furiosas.

Ao voltar para o quarto, Justyce faz o impensável: liga para Manny.

É claro que o amigo não atende.

Alguém bate à porta.

— Pode entrar — diz Justyce, sentando-se à escrivaninha.

Enquanto puxa o caderno para reler a carta que escreveu para Martin no dia da festa de Blake, ele ouve a porta se abrir e se fechar e, em seguida, o ranger das molas da cama.

Quando se vira, quase cai da cadeira.

— Meu Deus!

Manny está estirado na cama, as mãos unidas atrás da cabeça. A mão esquerda está toda enfaixada, e parece que uma das vespas de Jared o picou no lábio superior.

— Nossa — diz Jus.

Manny só fica olhando para o teto.

Uma imagem passa pela mente de Jus: Manny abrindo a porta de seu Range Rover e o mandando entrar.

— Cara, eu...

— Esquece. Sei que você não fez aquilo de propósito.

Hummm...

— Na verdade, foi de propósito, sim — confessa Jus.

Manny olha para ele, as sobrancelhas erguidas.

— Mas — continua Jus — eu agi sem considerar o quadro mais amplo. É por *isso* que eu estou me desculpando. Por não ter me colocado no seu lugar.

Manny volta a encarar o teto.

— Eu também não estava pensando muito no que era melhor para você, então vamos combinar que estamos quites e seguir em frente.

— Beleza.

Após cerca de meio minuto, o silêncio fica constrangedor demais. Jus começa a estalar os dedos.

— Mas então... o que aconteceu com a sua boca?

— Eu acordei para a vida.

— Humm... — Jus decide tentar o método Doc: — Desenvolva, por favor.

Manny sorri, e logo em seguida seu rosto se contorce numa careta de dor. Ele então se senta e se vira para Justyce.

— Sabe por que eu não fiquei bravo de verdade com o que você disse? Porque você tinha razão. Eu soube disso no momento em que as palavras saíram da sua boca.

— Ah.

— Sábado à noite eu fui a um festival com aqueles palhaços. Quatro vezes, cara, *quatro* vezes eu tive que me segurar para não enfiar a mão na cara escrota do Jared. Toda vez que ele

ridicularizava alguém, era como se estivessem passando uma lixa nos meus tímpanos.

— Eita.

— Aí vimos uma moça negra com quatro filhos, e aquele babaca fez uma piada zoando que cada filho era de um pai diferente, e eu não consegui mais, Jus. Quando eu reclamei, ele ficou irritadinho e disse para eu “parar de drama”.

Jus não diz nada.

— Passei o domingo inteiro enfiado em casa, soltando fogo pelas ventas — continua Manny. — Acho que fiquei seis horas seguidas só escutando Deuce Diggs e jogando *Medal of Honor*. O tempo todo eu só conseguia pensar que tinha falado a *mesma* coisa para você. E que você estava certo. E que sempre foi um bom amigo...

— Tudo bem, não precisa ficar todo sentimental.

— Tô falando sério, Jus. Aqueles imbecis não querem nem saber se estão ofendendo alguém ou não. Não fazem a menor questão de tentar se colocar na nossa pele. Aqueles babacas de merda não são meus *amigos*.

Jus não sabe o que dizer.

Peraí, ele sabe, sim.

— Então, hã... — Ele aponta para a mão machucada e a boca do amigo. — Isso aí é...?

Manny sorri.

— Hoje de manhã, fui avisar ao treinador que estava saindo do time de...

— Quê?

— Cara, eu *odeio* jogar basquete. Só entrei nessa porque sou o negão alto da escola, e é o que os caras que nem eu fazem. Por acaso, até que eu sou bom na coisa, mas não é minha praia.

— Entendi.

— Mas então: o Jared estava na sala do treinador. Quando eu falei que ia sair, ele veio com mais uma “piada”, dizendo que eu só podia sair se me dessem alforria. Eu perdi a cabeça. — Manny se joga na cama outra vez. — Ele conseguiu me acertar uma vez, mas não tenho palavras para descrever como foi bom meter a porrada naquele merdinha. O treinador não quis chamar atenção para o que

rolou porque precisa do Jared para a partida de amanhã, então me mandou ir para casa e fez o Jared esperar na sala dele até o fim do dia.

— Que doido.

Manny se senta outra vez.

— Eu só queria te agradecer, cara.

— Pelo quê?

— Por abrir meus olhos. Eu não gostava do que via, então quis continuar não enxergando, mas, se não fosse por você, nunca ia acreditar que estava certo ao ficar incomodado quando o pessoal dizia certas coisas.

— Ok... Bom, de nada, então.

Manny se levanta e abre os braços.

— Vem cá, vem.

— O quê?

— Levanta a bunda daí e vem dar um abraço no seu irmão.

— Você me dá cada susto, Manny — diz Jus, obedecendo.

23 de janeiro

Estou com tanta coisa na cabeça, Martin!

Ontem à noite, o pai do Manny veio ao porão. Tem quase quatro anos que eu frequento a casa dos Rivers, e nunca vi o pai dele ir ao "espaço sagrado" do Manny, como ele gosta de chamar. Então, quando o cara se jogou no sofá entre nós dois, senti que uma bomba estava prestes a explodir.

Durante uns três minutos, ficou um silêncio sepulcral. Então o sr. Julian inspirou fundo e disse: "Meninos, quero falar com vocês."

Engoli em seco e olhei para Manny, que também parecia nervoso pra caramba. "Hã... tá bom, pai."

O sr. Julian começou: "Hoje, eu ouvi um funcionário meu usar um termo racista para se referir a mim."

"Sério?", falei.

"Sério. Garoto branco, recém-formado. Eu o contratei faz uns três meses."

Manny ficou bem irritado.

"O que foi que ele disse?"

"Não importa, filho. O que interessa é que isso me fez pensar no seu incidente com o Jared. Passei o dia me perguntando se a culpa por você ter se visto numa situação daquelas não seria minha."

"Hein? Por que seria culpa sua, pai?"

(Eu estava me perguntando o mesmo, Martin.)

"Tem muitas coisas que eu nunca conversei com você, Emmanuel", explicou o sr. Julian. "Não sei se eu estava tentando proteger você ou se estava torcendo para as coisas mudarem, mas tenho pensado muito numa coisa desde que o Justyce foi preso injustamente." Ele se virou para mim. "Aquilo foi um choque para você, não foi?"

"É, foi."

“Quando isso aconteceu, eu fiquei pensando: e se tivesse sido com Emmanuel? Sei que você também teria ficado em choque... mas eu, não. E isso não é certo, porque eu, como seu pai, deveria ter preparado você para situações assim. E também deveria ter preparado você para ouvir coisas como a que Jared disse.”

Então eu falei: “Com todo o respeito, sr. Julian, mas minha mãe sempre me ‘preparou’ para situações como aquela desde que me entendo por gente, e mesmo assim eu fiquei abalado.”

“Você ficou surpreso com o que Jared disse ao Manny?”

“Hum... Na verdade, não.”

“Exato. É disso que eu estou falando. Não fiquei surpreso hoje ao ouvir meu funcionário dizer o que disse. Não temos como prever as ações das pessoas, mas podemos nos preparar para encarar certas situações. Se eu tivesse sido mais franco sobre minhas experiências, talvez as palavras do Jared não tivessem deixado Manny tão surpreso.”

Não dissemos nada.

“Vocês sabem em que eu trabalho”, prosseguiu o pai do Manny, “mas pouca gente sabe como foi duro chegar aonde cheguei. Levei quatro anos a mais que a média para chegar ao cargo em que estou hoje porque nunca consideravam meu nome quando aparecia a oportunidade de uma promoção. Tive que trabalhar muito mais que todos os meus colegas de trabalho brancos, mas era raro eu ser reconhecido por isso.”

Mais uma vez, continuamos quietos.

“Sabem, garotos, até hoje tem gente no meu trabalho que se recusa a me olhar nos olhos. Eles me tratam com o mínimo de respeito, só para manter o emprego, mas a grande maioria dos meus subordinados se ressente por ter que responder a um negro. O que aconteceu hoje foi só um lembrete disso.”

“Você demitiu o cara, não foi?”, perguntou Manny.

“Não. Não é a primeira vez que algo assim acontece e não será a última. É isso que quero dizer quando falo em estar preparado.”

Manny ficou lívido de indignação.

“Mas, pai...”

“O rapaz sabe que eu ouvi o que ele disse. Não tenho dúvidas de que vai apresentar um comportamento exemplar nos próximos dias. Às vezes, quando as pessoas sabem que se livraram de algo que não deveria ter passado em branco, aprendem mais do que se tivessem sido punidas.”

“Isso foi profundo”, comentei.

Ele deu de ombros.

“Mate-os com bondade. A questão é que o mundo está cheio de gente como Jared e esse meu funcionário, e muitos deles nunca vão mudar. Por isso, vocês é que precisam ser fortes. No futuro, é melhor que você evite falar com os punhos...” Ele cutucou Manny. “Mas pelo menos agora você tem uma ideia do que vai enfrentar. Tentem não deixar que essas coisas impeçam vocês de sempre dar seu melhor.”

Ele afagou a cabeça de nós dois e foi embora.

Não consigo parar de pensar nisso, Martin. Sinceramente, é muito desanimador saber que o sr. Julian tem uma autoridade imensa e mesmo assim ainda é desrespeitado. As palavras dele me fizeram perceber que eu ainda tinha esperanças de chegar a um ponto da vida, depois de muitas conquistas, em que não precisaria mais aturar essas merdas racistas.

Mas é claro que não é assim que funciona. O que eu faço? Não tenho dúvida de que você teria agido igualzinho ao sr. Julian, mas e se fosse eu? Bem... eu quebrei a cara de um maluco por ele usar xingamentos racistas, não foi?

Aquela conversa me lembrou uma questão que Doc levantou há uns dias: todo o meu empenho para vencer na vida... eu faço isso por quem?

Melhor: para quê? Para provar algo a mim mesmo? Para ganhar o respeito dos outros? Para esfregar meu sucesso na cara de gente como Jared? Nem sei mais, Martin.

(Um adendo: nem me pergunte sobre a SJ. A garota continua fingindo que eu não existo. Ela que se exploda.)

J.

CAPÍTULO 13

Jus sabe que aconteceu algo sério no instante em que entra no carro de Manny, na manhã de sábado. Uma pena, porque está um dia lindo. Eles tinham combinado de fazer uma trilha no parque de Stone Mountain, mas, a julgar pela camiseta furada, a calça de flanela, os chinelos e a cara fechada de Manny, não é bem essa a prioridade dele no momento.

— Tudo bem se a gente só der uma volta por aí? — pergunta ele.

— Por mim, pode ser. O que houve?

Jus põe o cinto, e Manny dá a partida.

— Ligaram para os meus pais hoje de manhã. O pai do Jared prestou queixa contra mim por “lesão corporal”.

Ele tira as mãos do volante para desenhar as aspas no ar.

— É sério, cara?

— Mais sério, impossível. Tentei falar com o Jared, mas o pai dele atendeu o telefone e disse que era para eu não ligar nunca mais. E que ia pedir uma ordem de restrição se eu não respeitasse isso.

Justyce está estupefato.

— Cara, isso é muita sacanagem!

— Eu que o diga. Nunca vi meu pai tão indignado. — Manny balança a cabeça, desolado. — O homem passou todos esses anos olhando na minha cara e me chamando de “segundo filho”, e dá nisso.

— Nem sei o que dizer.

— E eu sei? Eu também não sei! Semana passada eu acordei e tal, mas *isso*... Cara, eu não estava preparado pra isso. Fico me lembrando daquele papo na aula de Sociologia, quando a SJ disse

que, se o Jared e eu cometermos o mesmo crime, é provável que me deem uma pena mais pesada. Lembra disso?

— Lembro.

Como poderia esquecer?

— Enfim. Foi mal por cancelar nossa trilha no parque, mas estou precisando dirigir por aí e dar uma arejada nas ideias.

— Tudo bem, Manny. Tudo bem.

Jus se acomoda no banco, curtindo o vento no rosto enquanto Manny põe uma música.

Pega essa bola, neguinho, vê se acerta a enterrada.
Põe as luvas, mano, e quebra a cara do seu irmão.
Amarra as sapatilhas, se prepara para a largada.
Lá vem o tiro, vai começar a diversão...

— É o disco novo do Deuce Diggs? — pergunta Jus.

— É. Parada alto nível.

— Aumenta aí.

Manny põe a música tão alta que o carro inteiro vibra.

Quando param num sinal, Jus vê um Suburban branco ao lado, e o motorista, um sujeito branco cinquentão, olha feio.

Jus abaixa o som.

— Cara... olha só esse maluco aí do lado olhando torto pra gente.

Manny dá uma olhada no cara e ri.

— Não tem o bom gosto necessário para apreciar um gênio como Deuce Diggs.

— Parece que não — concorda Justyce, sentindo-se desconfortável, porque o olhar de reprovação do homem lhe lembra *um pouco* demais o Incidente. — Nossa, e esse sinal que não abre nunca?

— Pois é.

Quando o sinal finalmente fica verde, Manny aumenta ainda mais o volume.

Agora o Suburban está dirigindo emparelhado com o carro de Manny, e o motorista parece irritado.

— Tô com medo desse cara! — grita Jus, acima da música. — Ele está vermelho que nem um tomate e não para de me encarar com esses olhos esbugalhados.

— Aposto que ele está fazendo nossa perfilagem racial agora mesmo. Deve achar que somos traficantes.

O olhar de Justyce desce para os pulsos. Manny para de rir no instante em que percebe.

— Foi mal, cara. Não foi minha intenção... Desculpa, não pensei direito.

— Tudo bem, Manny. Aposto que você está certo.

Eles param no sinal vermelho na rua Treze.

— Ei, seus babacas, abaixa essa barulheira! — grita o cara no Suburban.

— Babacas? — diz Jus. — A gente é que é babaca, é?

Manny se inclina sobre o painel para gritar pela janela de Jus:

— O que o senhor disse? Não estou ouvindo por causa da música!

O cara parece estar a ponto de explodir.

— EU MANDEI ABAIXAR ESSA MERDA!

— Nossa, ele está mesmo parecendo um tomate! — Manny ri. — Parece que todo o sangue do corpo dele subiu para a cara.

Jus se vira para o homem de novo.

O que Martin faria?

— Talvez seja melhor abaixar o som — diz Jus.

— Pelo amor de Deus, eu estou no *meu* carro. Cansei de abaixar a cabeça para o que os brancos dizem.

Manny aperta um botão, e a música fica ainda mais alta.

— SEUS PRETOS SAFADOS FILHOS DA PUTA! — grita o cara.

— Fala para mim que esse babaca não disse o que ele disse — pede Manny.

O sangue está rugindo nos ouvidos de Jus.

O que Martin faria o que Martin faria o que Martin...?

— Esquece esse cara, Manny. É melhor a gente ficar calmo.

— Não, cara. Que se dane. — Manny se inclina por cima de Jus de novo. — Ei, vai se foder, cara! — grita ele pela janela, mostrando o dedo do meio.

— Calma, Manny. — *Por que essa droga desse sinal está demorando tanto?* — Vamos abaixar o som só até a gente se afastar desse cara, tá bom?

Justyce se inclina para mexer no rádio.

— PUTA MERDA! — grita Manny.

CAPÍTULO 14

BANG.

BANG.

BANG.

PARTE DOIS

Transcrição do jornal da noite, 26 de janeiro

Boa noite. Está começando o *Jornal das Cinco*, do Canal 5. A notícia do dia é a tragédia que aconteceu em Oak Ridge nesta tarde, onde dois jovens foram baleados dentro do próprio carro, num sinal de trânsito. O incidente ocorreu logo depois do meio-dia, na esquina da rua Treze com a avenida Marshall. De acordo com a esposa do atirador, que estava com ele no carro durante todo o incidente, os dois motoristas tiveram uma rápida discussão por motivos de som alto antes que os tiros fossem disparados de um veículo para o outro.

A identidade das vítimas ainda não foi divulgada por conta do sigilo na investigação, mas temos a informação de que um dos adolescentes morreu a caminho do hospital e que o outro se encontra em estado grave.

O atirador foi identificado como Garrett Tison, de cinquenta e dois anos. Tison é policial, mas não estava de serviço na ocasião. Ele deixou a cena do crime sob custódia da polícia.

Em breve, você confere aqui mais notícias sobre o caso.

1º de fevereiro

MEU CARO MARTIN,

Ele se foi.

Nunca fez nada a ninguém e foi morto.

Não consigo continuar com isso.

CAPÍTULO 15

Vinte e sete dias.

Esse foi o tempo que os Rivers guardaram o corpo de Manny numa câmara mortuária refrigerada, até que seu melhor amigo se recuperasse o suficiente para comparecer ao velório. Honestamente, Jus preferia que não tivessem feito isso. Ele não queria estar ali.

As primeiras palavras do pastor foram:

— Não estamos aqui para chorar uma morte. Estamos aqui para celebrar uma vida que seguiu seu caminho rumo à glória.

Manny não acreditava em céu e inferno. Jus até consegue imaginá-lo dizendo: “Se eu ‘segui’ para algum lugar, foi para dentro desse caixão superfaturado.”

Jus não tem forças para ir olhar o corpo. Sabe qual foi a causa da morte — “lesão por arma de fogo” —, porque pediu para ver o atestado de óbito. Mas ir lá e ver Manny deitadinho, todo sereno, sabendo que ainda tem um projétil enterrado na cabeça dele? Não, de jeito nenhum. Não dá.

Jus queria poder simplesmente ir embora. Andar até as pernas caírem ou até morrer de sede, fome ou exaustão, ou alguma combinação dos três. O problema é que a imprensa em peso está lá fora. Considerando certas “especulações” que ouviu — Manny ameaçou Garrett Tison, um dos rapazes jogou algo dentro do Suburban, Justyce estava armado etc. —, ele não quer ser visto.

Não que esteja muito melhor ali dentro. Várias pessoas ficam olhando de soslaio para ele. Jus está nos fundos da igreja, sentado com a mãe. Usa óculos escuros, mas vê que dão olhadelas na direção deles vez ou outra, admiradas com o Garoto Que Sobreviveu — é como a mídia o tem tratado.

A mãe aperta seu braço. Ele ainda precisa reaprender a usar o outro braço, que está numa tipoia. O tiro no peito lhe rendeu também uma costela quebrada e o pulmão direito perfurado, e o tiro no ombro direito ferrou um monte de nervos. Depois de três cirurgias, ele finalmente está recobrando a sensibilidade na ponta dos dedos.

Quando o pastor deixa o púlpito e o coral se levanta, Justyce olha ao redor. A igreja está lotada. Ele observa todos os ternos e vestidos escuros, os rostos molhados de lágrimas e os ombros trêmulos de choro. O luto coletivo o atinge com tanta força que, por um instante, sua vista fica embaçada, sem foco. A única coisa que enxerga com clareza é o rosto de Sarah-Jane. SJ está olhando para ele.

Esse é o gatilho que dispara uma sequência de flashbacks dos dias que ele ficou sob forte medicação, no hospital: SJ de pé ao lado da cama, chorando, a mão direita segurando firme a esquerda dele, a outra acariciando seu rosto (a mãe de Jus, é claro, *não* estava lá nessa hora). A voz da dra. Rivers: “Estamos tão aliviados por você ter sobrevivido, Justyce!” A mãe chorando, pedindo perdão a ele por ter que voltar ao trabalho. Melo sendo arrastada do quarto porque não parava de uivar ao lado da cama.

Por falar em Melo, Jus também a vê na igreja. Ele tem certeza absoluta de que, se não estivesse com a mãe, ela estaria pendurada no braço dele. *Ela* arrumou um grupo de jogadores do Atlanta Falcons, um time de futebol americano, para ir buscar Justyce num ônibus de festa no dia em que ele teve alta.

É claro que isso foi direto para os noticiários.

Quando o pai de Manny se aproxima do púlpito para fazer sua homenagem póstuma (ele chegou a perguntar se Jus gostaria de fazer isso, mas, nossa, sem condição), Jus vê Jared e seu “bonde”. Estão todos sentados nas primeiras fileiras, com os pais. Jus se pergunta se Jared e o sr. Christensen estão se sentindo mal por serem os babacas que são. Se não fosse por eles e aquele maldito telefonema, Manny e Jus estariam a caminho de Stone Mountain na hora fatídica. Nunca teriam cruzado o caminho de Garrett Tison.

Manny ainda estaria vivo.

Jared se vira, como se sentisse o olhar de Jus perfurando sua nuca como flechas certeiras. No instante em que o olhar dos dois se encontra (embora Jared não possa ter certeza de que Jus o encara, por causa dos óculos escuros), a fúria comprime o corpo de Jus com tanta força que ele mal consegue respirar. Mesmo de longe, ele percebe que Jared tem uma expressão atormentada. Como se o chão tivesse se aberto sob seus pés e ele tivesse despencado, caindo numa agonia sem fim.

Jus reconhece facilmente aquela expressão, porque sente o mesmo. Um sentimento que o faz querer atear fogo no mundo inteiro.

* * *

Quando o culto termina, Jus sai com a mãe e vai até o banheiro antes que todos saiam para o local do enterro (ele não quer ir). A pessoa que sai do banheiro quando ele está chegando é Sarah-Jane. Ele fica um pouco boquiaberto. Ela para de supetão quando o vê.

Jus tira os óculos. Ela usa um terninho azul-escuro, está sem maquiagem e prendeu o cabelo num coque. Seus olhos — vermelhos e inchados — percorrem o rosto de Jus, que fica tão aliviado ao perceber que eles transmitem algo diferente de pena que sente vontade de abraçá-la.

Que situação: querer tocar, abraçar e beijar uma garota branca, depois que um homem branco alvejou e matou seu melhor amigo.

— Oi — diz ele.

Os olhos dela ficam marejados.

— Oi.

— Você está bem? — pergunta Justyce.

— Acho que eu é que tinha que estar perguntando isso.

Ele desvia o olhar, dá de ombros.

Os momentos que se sucedem parecem durar horas. Dias. Anos. Séculos.

Ela suspira.

— Sei que faz um tempo que a gente não se fala, mas...

— Eu sinto sua falta — declara ele.

Ela o encara.

— De verdade — diz Jus.

Por que não deveria dizer isso? Ele já perdeu seu outro melhor amigo.

SJ abre a boca para responder...

A porta do banheiro feminino se abre.

— Justin, podemos ir pa... — começa a mãe dele, mas não termina a frase. — Ah, desculpa. Não sabia que tinha outra pessoa com você.

— Mãe, essa é Sarah-Jane — apresenta Jus, sem tirar os olhos de SJ.

— É um prazer conhecê-la.

— Igualmente, sra. McAllister.

A mãe se volta para Justyce.

— Vamos indo?

— Vai você na frente — responde ele. — Vou acompanhar a SJ até o carro dela.

— Não, não precisa. Meus pais estão me esperando. Também estamos indo para o cemitério.

— Ah, é. Então tá. Tchau.

— Tchau, Jus.

Assim que ela se afasta, a mãe de Jus faz uma cara intrigada.

— Sarah-Jane... É da escola, essa moça?

— É minha dupla de debate, mãe. Já falei dela mil vezes.

— Hum. Não pense que não reparei em como ela te olha. Essa menina tem muito mais que *debate* na cabeça...

— Mãe, estamos no enterro do meu melhor amigo. Por favor, não começa.

— Não estou começando nada, Justyce. Só te avisando para tomar cuidado com essazinha. Só isso.

Essazinha.

— Ela é uma boa amiga, mãe.

— E é bom que continue assim. Só uma amiga.

Jus quer argumentar. Quer falar sobre todas as vezes que SJ o fez se sentir valorizado, enquanto o resto do mundo tentava diminuí-lo. Quer repreendê-la por fazer esse tipo de distinção. Quer dizer que, a seu ver, ela está agindo igual ao cara que atirou nele e em Manny.

Não dá tempo.

No instante em que saem da igreja, eles são cercados por uma horda de repórteres.

Justyce, como é ser o Garoto Que Sobreviveu?

Justyce, você acha que a justiça será feita nesse caso?

Como se sente sabendo que podia ser VOCÊ naquele caixão?

Esta última o tira do sério. Ele responde:

— E como VOCÊ se sente sendo um babaca?

— Não diga mais nada — ordena sua mãe. — Meu filho não tem nada a declarar. Agora, por favor, nos deem licença...

Com o braço, ela afasta de seu caminho um jornalista baixinho e puxa Justyce para aproveitarem a brecha na multidão. O pai de Melo grita alguma coisa e aponta para eles, e de repente Jus e a mãe se veem entre homens que só podem ser guarda-costas.

Um dos brutamontes — um sujeito troncudo, loiro, que tem cara de se chamar Lars — esbarra no braço lesionado de Justyce. A dor irradia de seu ombro e atravessa o corpo inteiro como a descarga elétrica de um raio, mas ainda assim não é nada comparada ao que ele sente por dentro.

TISON É INDICIADO
UM PASSO EM DIREÇÃO À JUSTIÇA OU ERRO DO JÚRI?

Por Tobias D'Bitru
colunista

Ontem à tarde, o júri do Tribunal Estadual da Geórgia decidiu pelo indiciamento de Garrett Tison, ex-policial de Atlanta envolvido no caso em que dois adolescentes foram baleados. O indiciamento é um contraste marcante em relação aos casos em Nevada e na Flórida, que terminaram na morte de Shemar Carson e Tavarrius Jenkins, e duas das acusações — lesão corporal qualificada e homicídio qualificado — deixaram em polvorosa muitos moradores locais.

"Ele estava se defendendo dos marginais", declara uma vizinha de Tison, April Henry. "Conheço Garrett há vinte e cinco anos. Se ele disse que os rapazes estavam armados, é porque eles estavam armados." Outro policial, que pediu para não ter seu nome divulgado, alega que o indiciamento não passa de um golpe de marketing à custa de Tison. "Eles querem usá-lo como exemplo. O promotor foi oportunista e lançou esse discurso de racismo, e o júri caiu como um patinho."

Muitos concordam. Num protesto feito em homenagem a Tison, manifestantes usavam camisetas que diziam CALÚNIA É CRIME, CHEGA DE HIPOCRISIA e exibiam cartazes com o rosto de Tison e as palavras NÃO QUEREMOS UM BODE EXPIATÓRIO.

A data do julgamento ainda será anunciada.

CAPÍTULO 16

Dois dias depois de ser liberado da tipoia, Justyce está dirigindo seu carro novo. Ken Murray, dono de sete concessionárias da Honda espalhadas pela cidade, é pai de um colega de classe de Jus. No dia em que Jus saiu do hospital, deparou com um Civic novinho na porta de casa, com um cartão de condolências da "família Honda Murray" preso no limpador de para-brisa.

A princípio, ele quis devolver — considerando tudo que acontecera, era repugnante pensar em sair por aí dirigindo um carro que ganhara de um cara branco. Porém, depois de passar duas semanas olhando para ele e relendo a mensagem do sr. Murray ("Vocês não mereciam o que aconteceu"), Jus acabou decidindo aceitar o presente.

Já faz um mês e meio desde o crime, mas a ideia de ir à casa de Manny é tão difícil quanto se tivesse acabado de receber a notícia da morte do amigo. Os pais dele convidaram Justyce para jantar e "comemorar" o indiciamento de Garrett Tison, mas Jus não está nem um pouco a fim de ficar perto deles. Ainda mais dentro daquela casa. Quanto mais pensa no assunto — coisa que tem feito muito —, mais sente que aquele era um segundo lar para ele, mas não pela casa em si, apenas por causa de Manny.

Ao chegar à casa dos Rivers, Jus institivamente guia o carro até a terceira porta da garagem, que tem capacidade para quatro veículos. Ele se lembra de todas as vezes que ele e Manny ficaram esperando o portão se abrir e depois guardaram o carro, e sente o estômago embrulhar e um nó na garganta.

Ele pensa em engatar a ré e parar em outro lugar, mas o portão se ergue, e lá de dentro o sr. Rivers gesticula para Justyce ir em frente. A vaga está vazia, é claro — o Range Rover se foi há

bastante tempo —, mas Justyce não tem condições de ocupá-la. Ele estaciona na calçada mesmo.

— Valeu, sr. Julian, mas eu não consigo.

O pai de Manny dá um sorriso triste e olha para o espaço desocupado.

— É que fica tão vazio, sabe? Venha, vamos entrar.

Quando passa pela porta e é envolvido pelo aroma de frango à caçadora, Justyce tem cem por cento de certeza de que não quer estar ali. Não quer se sentar à mesa, uma peça antiga de carvalho, e comer na louça para "ocasiões especiais", geralmente guardada na cristaleira. Não quer falar sobre amenidades com os pais de seu finado melhor amigo enquanto eles comem a comida preferida *dele*, Jus, não a do próprio filho.

É demais para suportar. Ele quer ir embora e não voltar nunca mais.

Mas mesmo assim ele segue até a sala de jantar.

— Obrigada por ter vindo, meu querido — diz a dra. Rivers.

Ela o puxa para o abraço mais emocionado que ele já recebeu na vida. Chega a contar dezessete longos segundos até que ela o solte.

— Obrigado pelo convite — responde ele.

— Venha, sente-se — diz o sr. Rivers. — Vou buscar algo para a gente beber.

Um minuto depois, o sr. Rivers volta com três bebidas: uma taça de vinho tinto para a esposa, um copo de chá gelado para Justyce e, para si mesmo, um copo baixo de fundo grosso com o que Jus presume ser uma dose de Jack Daniel's Single Barrel; era o que Manny tinha na frasqueira quando afanava bebida do pai.

Só de ver aquilo, Jus tem ânsia de vômito.

— Então, como vão as coisas, Justyce? — pergunta o sr. Rivers, depois de se sentar. — Já voltou à escola?

— Ainda não. Volto para o alojamento no domingo e começo as aulas na segunda.

— Entendi.

A mãe de Manny chega com luvas térmicas, trazendo uma travessa oval, que põe na mesa. As coxas e os peitos de frango

besuntados de molho apimentado com cogumelos encaram Justyce.

— Você se sente preparado para voltar? — pergunta ela.

— Na medida do possível — responde ele, dando de ombros. — Tá puxado, mas, se eu não quiser atrasar minha formatura, é agora ou nunca.

Ela faz mais uma viagem à cozinha e volta com uma travessa de arroz de jasmim com três nacos de manteiga derretendo em cima.

— Me passe seu prato.

Jus obedece.

— Estamos muito felizes por você ter vindo jantar com a gente — afirma o sr. Rivers. — Significa muito para nós.

Ela devolve o prato de Jus abarrotado de comida que ele não tem o menor apetite para comer.

— Não esperamos que você esteja falante — diz ela. — É bom ter sua presença aqui, só isso.

— Obrigado. Digo o mesmo.

É mentira, mas parece o certo a dizer.

Os três caem num silêncio pesado, quebrado apenas pelo tilintar dos talheres e pelo raspar na porcelana fina, e as bebidas vão aos poucos reduzindo nos copos. Para Justyce, o silêncio é um alívio; sem Manny já é difícil respirar, que dirá manter uma conversa.

Quando terminam a refeição, o sr. Rivers pigarreia e começa:

— Sabe, Justyce, chamamos você aqui hoje por alguns motivos.

Justyce pega o copo e engole avidamente todo o restante de chá.

— O primeiro, claro, é comemorar o indiciamento — prossegue o sr. Rivers. — Não vamos nos prolongar no assunto, mas, para nós, assim como para você, isso é motivo de comemoração.

— É claro que ainda não é uma condenação — diz a dra. Rivers —, mas é um começo. É mesmo um alívio saber que o que aconteceu está sendo tratado como um crime.

Jus não tira os olhos da borda dourada do prato.

— É — diz ele. — Um alívio.

— Vamos ao segundo motivo — prossegue a dra. Rivers. — Não sei se você se lembra do Quan, Quan Banks, primo do Emmanuel?

Justyce ergue o olhar no mesmo instante.

— Ele disse que vocês foram colegas de turma no ensino fundamental. É verdade?

— Sim. Mas eu só fui descobrir que ele era primo do Manny quando... — Ele hesita. — Quando Quan foi preso.

— Bem — continua ela, assentindo —, é que o Quan gostaria de ver você. Ele incluiu seu nome na lista de visitas.

— Ah. Tá...

— A morte do Emmanuel está sendo muito difícil para ele. Você não precisa ir se não quiser, é claro... — Ela e o marido fazem aquela coisa que só as pessoas casadas sabem fazer, de se comunicar apenas com um rápido olhar. — Mas ele disse que você é a única pessoa com quem quer conversar no momento.

— Entendo.

Embora Jus não entenda.

— Se estiver disposto, eu te passo as informações daqui a pouco.

Jus não sabe o que dizer. Quan quer *vê-lo*?

— Então tá. Legal.

Outra mentira.

Por um minuto, ninguém diz nada. Jus sente o olhar do sr. Rivers, mas não consegue encará-lo de jeito nenhum. Manny teria ficado igual ao pai se tivesse tido a oportunidade de envelhecer.

— Só mais uma coisa — diz a dra. Rivers, com a voz vacilante. — Julian?

— Ah, sim.

O sr. Rivers se levanta e vai até a cristaleira, onde pega uma caixinha preta. Volta à mesa e a coloca na frente de Justyce.

— Pretendíamos dar isso a Emmanuel quando ele completasse dezoito anos — diz ele. — Não tenho a menor dúvida de que ele ia preferir que você ficasse com isso, dadas as circunstâncias. Portanto, seria uma honra para nós se você aceitasse isso em nome dele.

Jus só encara a caixa, com medo até de se mexer, que dirá tocá-la.

A dra. Rivers pigarreia, e ele ergue o rosto. Ela abre um sorriso, apesar das lágrimas nos olhos.

— Pode abrir.

Jus pega a caixa e abre a tampa articulada. É só por um milagre que ele consegue não derrubar tudo e sair dali correndo e gritando.

É um relógio. Um Tag Heuer com visor marrom e números dourados, com pulseira de couro preto. Jus não é muito conhecedor de relógios, mas tem uns 87% de certeza de que aquilo nas suas mãos é uma antiguidade e que custou bem mais que o maior saldo que a mãe já teve na conta bancária em toda a vida. Ele o tira da caixa com muito cuidado, virando-o na mão. Dentro da pulseira estão gravadas as letras EJR.

— Meu avô comprou este relógio nos anos 1940 — diz o sr. Rivers. — Ele tinha o mesmo nome de Manny, Emmanuel Julian Rivers. Este relógio vem sendo passado para o primogênito de duas gerações. Gostaríamos que você ficasse com ele.

Jus está estupefato.

— Eu... É... Eu nem sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada — afirma a dra. Rivers. — Só de saber que agora ele é seu já significa muito para nós.

Jus olha para a dra. Rivers, depois para o sr. Rivers, ambos sorrindo, ambos obviamente aguardando *alguma* reação dele.

Ele olha novamente para o relógio. Um nó imenso se forma outra vez em sua garganta. Não há como falar qualquer coisa sem sufocar com esse nó, então Jus faz a única coisa possível no momento.

Põe o relógio no pulso.

CAPÍTULO 17

A primeira coisa que Jus percebe ao chegar ao estacionamento de visitantes do Centro Regional de Detenção Juvenil de Fulton é que o prédio lembra uma escola. Isso faz seu estômago revirar. Parece uma brincadeira de mau gosto prender crianças consideradas *ameaças à sociedade* num lugar de aparência completamente normal, não fosse pelas cercas de arame farpado de quatro metros de altura. Tipo, *Olha só que colégio bacana... ARRÁ, TE PEGUEI! TÁ PRESO, OTÁRIO!*

Depois que estaciona, Justyce olha ao redor por um minuto, permitindo-se assimilar que realmente está ali. Que está prestes a entrar num reformatório juvenil e se sentar para conversar com o cara que matou Castillo, o policial racista que o prendeu e o levou a começar um "experimento social" fracassado no qual tentou ser como Martin Luther King.

É quase inacreditável.

Quando Jus entrou para a Escola Preparatória, Quan e todos aqueles outros rapazes se tornaram apenas lembretes da vida da qual ele estava tentando escapar. Ao contrário dos outros, Quan nunca zombava de Jus, mas mesmo assim ele achou um pouco suspeito o rapaz querer vê-lo.

Como não conseguia parar de pensar naquilo, no fim, a suspeita deu lugar à curiosidade, e ali está ele agora.

Assim que Jus entra, o guarda à porta o olha de cima a baixo antes de apontar para uma área com uma placa que diz VISITANTES. Jus é atingido por uma onda de desconforto que o faz suar frio. Ele deixa a identidade e as chaves do carro com a moça no balcão, e um segundo guarda o avalia com curiosidade quando ele se aproxima do detector de metais.

— Caramba, garoto — diz o guarda, observando a camisa de botão, a calça cáqui bem passada e os mocassins. — Você é mais limpinho que alguns dos advogados que vêm aqui.

— Hã... obrigado.

— Veio visitar quem?

— Quan Banks.

— Pode seguir. Mostre a esses meninos que eles poderiam muito bem ser como você, se tomassem jeito na vida, tá bom? Ela vai te levar — diz o guarda, e aponta para a senhora do balcão, que agora está esperando Justyce no longo corredor.

Jus segue a mulher, passando por uma porção de salas com paredes brancas (parecem salas de aula) até chegar a uma grande porta de aço com uma janela retangular de vidro que Jus presume ser à prova de balas. Na sala há uns seis ou sete rapazes de macacão laranja e seus visitantes. Depois que a moça do balcão digita um código no painel na porta, Jus avista Quan esperando por ele.

A porta se abre. As vozes vazam para o corredor. Quan ergue a cabeça. Os olhares deles se encontram. Um sorriso se abre no rosto de Quan, e Jus se lembra da última vez que viu aquele sorriso: no verão antes do quinto ano, quando Quan o venceu pela primeira vez no Banco Imobiliário. Ver Quan sorrindo desse jeito o deixa ainda mais nervoso.

— Cabeção! — diz Quan, levantando-se para receber Jus. — Que bom que você veio, irmão.

— Pois é. — Jus espia por cima do ombro a porta, que já se fechou. — Quanto tempo.

— Senta aí, parceiro. Senta aí.

Quan volta a se sentar, e Jus faz o mesmo. Ver os outros rapazes de macacão conversando com seus visitantes deixa Justyce ansioso para ir embora — principalmente porque a maioria dos caras ali se parece com ele.

É deprimente.

— E aí, Justyce, como é que vão as coisas? — pergunta Quan.

Jus coça a cabeça.

— Na real? Já tive dias melhores, cara.

— Foi bizarro o que aconteceu com o Manny.

— É. Foi bizarro. — Dizer isso em voz alta de alguma forma tira um peso dos ombros de Jus. — Num minuto, a gente estava dirigindo e, do nada... — Jus suspira, balançando a cabeça.

— Mas e você, parceiro? Tá se recuperando bem, coisa e tal?

— Bom, meu braço já está bom, se é disso que você está falando.

— Cara, quando eu vi a cara daquele policial no noticiário... — Quan deixa a frase pela metade. — Esquece.

— Que que tem ele?

Quan olha Jus no fundo dos olhos. Então se inclina para a frente, fazendo sinal para Jus se aproximar.

— Sabe o policial que eles dizem que eu apaguei?

Como Justyce poderia esquecer?

— Sei. Sei, sim.

— O filho da puta que encheu você e o Manny de tiro era parceiro daquele cara.

Jus quase cai da cadeira.

— O Castillo? Tomás Castillo era *parceiro* de Garrett Tison?

— Aham.

— E como você sabe disso?

— Tison estava lá na noite em que... Hã...

— Na noite em que você atirou no Castillo.

— Supostamente.

Jus se recosta na cadeira, digerindo aquela informação.

— Tu tá bem, cara? — pergunta Quan.

— Hein?

— Você parece que tá meio bolado.

Será que Jus conta tudo a ele? Não tem nada a perder, não é mesmo?

Jus dá uma olhadela ao redor e se aproxima.

— Posso te contar um negócio doido?

— Manda.

— Bom, uma semana antes de você... antes do Castillo morrer, ele me prendeu. Minha ex estava bêbada, eu estava tentando levar

ela para casa, mas ele achou que eu estava sequestrando ela. Me algemou e nem me deixou abrir a boca.

— Então o filho da puta teve o que mereceu — diz Quan, estalando os dedos.

Justyce observa bem a cara de durão de Quan, enquanto o macacão laranja, o poder de suas palavras e sua aparente falta de remorso lhe gelam os ossos.

Jus se inclina outra vez e pergunta:

— Conta pra mim: por que você fez isso, cara?

Quan fica sério.

— Por que eu fiz o quê?

— Quan, eu sei que você confessou. Não precisa bancar o inocente comigo.

— Não sei do que você tá falando, cara — diz Quan, cruzando os braços.

Ok, melhor mudar de tática.

— Beleza, deixa eu perguntar outra coisa, então: por que alguém faria o que você foi acusado de fazer?

Ele dá de ombros.

— É simples. Se o cara recebe uma ordem, ele vai lá e cumpre. Pronto.

— Mas quem teria dado essa ordem?

Quan desvia o olhar, e Jus percebe que está correndo o risco de perder a boa vontade dele outra vez. Mas ele precisa muito saber a história toda, porque agora tem uma pergunta nova na jogada: e se a rapidez com que Garrett Tison puxou o gatilho foi causada por ter visto o parceiro ser alvejado por um rapaz negro? É claro que não é desculpa, mas Jus *sabe* que o trauma tem efeitos reais: ele mesmo passou anos vendo o pai descontar tudo na mãe.

— Esquece essa última pergunta, mas é que eu preciso muito entender, Quan. Eu levei um tiro e Manny morreu porque Garrett Tison achou que *eu* estava armado. E agora você me diz que ele estava *lá* quando você ma... quando o parceiro dele foi morto?

Quan estreita os olhos.

— O que é que você tá insinuando, cara?

— Não estou insinuando nada, Quan, mas se coloca no meu lugar. Eu não estou acostumado com essas coisas.

Durante um minuto, ninguém diz nada, e Jus está convencido de que foi um erro ir até ali. Então Quan volta a falar.

— Tá, vou mandar o papo: de onde eu venho, resistir é existir, parceiro. Na minha área, eu acordava todo dia achando que podia ser meu último. Quer sobreviver? Arruma uns parceiros pra fechar contigo e faz o que for preciso pra ficar por cima, tá ligado? Meus parceiros... eles são a minha família. Eles cuidam de mim, e eu cuido deles. Se alguém te diz pra tomar uma atitude, você toma uma atitude. Sem questionar nada.

Jus balança a cabeça.

— Não estou acreditando nisso, cara. Não esquece que eu cresci no mesmo lugar que você, na sua esquina.

— É, mas se liga, você foi inventar de fazer as coisas do *seu* jeito e acabou levando um teco, e o Manny acabou debaixo da terra — devolve Quan.

Jus não consegue responder a isso.

— Sei bem que você tá tentando vencer na vida, Justyce, mas já tá na hora de encarar a realidade. Os brancos não têm o menor respeito pela gente, cara. *Muito menos* a polícia. “Proteger e servir” só os interesses deles. Você vai continuar abaixando a cabeça pra eles, mesmo depois que eles mataram seu melhor amigo, *provando* isso tudo que eu acabei de te falar?

Outra vez, Jus fica mudo.

— O pior é que eu nem fiquei surpreso quando soube, cara — continua Quan. — Você e o Manny são garotos bons, e *mesmo assim* aconteceu isso com vocês. É por isso que eu queria ver você. Pra gente trocar uma ideia. Eu tenho uma terapeuta aqui, mas eu não posso contar essa merda toda pra uma senhorinha branca. Ela não vai entender.

Jus assente.

— Sabe de uma coisa, Quan? Eu te entendo.

E é verdade.

— É uma merda, cara. Não dá pra escapar da MCP — diz Quan.

— MCP?

— Maldição do Cara Preto. Quando o mundo tem diarreia, caras que nem eu e você são a privada.

— Um ponto de vista interessante.

— Deixa eu te contar o que eu aprendi: da segunda vez que eu rodei, eu tinha quatorze anos. Lá tinha um menino branco e rico de dezessete, o Shawn. O maluco tava lá porque um dia acordou no meio da noite e esfaqueou o pai umas oito vezes.

— Cacete!

— Né? Eles tentaram enquadrar ele com uma acusação de tentativa de homicídio, mas o advogado dele arrumou um médico aí que veio e comprovou que o cara era sonâmbulo. E essa merda colou! O juiz diminuiu a acusação pra lesão corporal. O maluco passou sessenta dias num campus de reabilitação de jovens e depois se mandou pra casa.

— Tá de sacanagem.

— Não, cara. E, enquanto isso, eu passei um ano preso por causa de um furto de nada, porque eu já tinha “antecedentes”. Na audiência, o promotor chegou a me descrever como “criminoso de carreira”. — Quan suspira com força. — Acho que foi nessa hora que eu desisti. Pra que tentar andar na linha se as pessoas sempre vão olhar pra minha cara e esperar o pior?

Justyce não sabe o que dizer. Ele tem consciência de que Quan cometeu crimes de verdade, enquanto seu único delito foi se inclinar para abaixar a música, mas precisa admitir que ele próprio já pensou o mesmo: de que vale tentar fazer a coisa certa?

— Então o que é que eu faço, cara? — diz Jus, surpreendendo-se com a própria pergunta. — Qual é a alternativa?

Jus reprime o pensamento que lhe vem em seguida: *acabar na prisão não parece o melhor caminho.*

Quan dá de ombros.

— Bem, um cara uma vez me disse que a solução precisa de duas coisas. Primeiro, você tem que usar o poder que já tem. As pessoas têm medo de caras como eu e você. E quem tem medo não vai mexer com você, concorda?

Jus não concorda, mas assente mesmo assim.

— Segundo, você tem que entrar pra uma gangue. A união faz a força. Na verdade... dá uma ligada pro Martel — prossegue Quan. — Ele é tipo um irmão mais velho pra gente. Ensinou tudo o que a gente sabe.

Ao ouvir isso, o coração de Jus dispara. Ele sabe exatamente quem é Martel e qual é a dele (Jihad Negra, óbvio). A última coisa que Jus quer é se envolver com o líder de uma gangue.

— Não, cara, tá tudo certo. Já aprendi muito com você.

Ele olha de soslaio para a saída outra vez.

Quan dá um sorriso malicioso.

— Vou te dar o número do Trey. Ele te arruma um contato com o Martel.

— De verdade, não precisa, Quan. Eu tô de boa, juro.

— O mundo lá fora é difícil pra quem tá sozinho, cara. O Martel sabe das coisas. — Quan olha Jus no fundo dos olhos, e parece que uma pedra cai dentro do estômago de Jus. — Você vai ser muito bem aceito se quiser fechar com a gente.

— Sério mesmo, cara. Não precisa. Além do mais, eu nem tenho como anotar nada agora.

— Você vai lembrar do número até pegar seu celular de volta, tenho certeza. Posso falar?

No instante em que Quan recita o último dígito, um guarda que Jus não tinha visto anuncia:

— Acabou a visita!

Durante todo o caminho de volta até o carro, certas palavras de Quan ficam ecoando na cabeça de Jus: *resistir é existir... os brancos não têm o menor respeito pela gente... não dá pra escapar da Maldição do Cara Preto...* Era exatamente aquele tipo de raciocínio que Jus estava tentando combater quando começou suas cartas para Martin.

Só que ficar se perguntando “O que Martin faria?” não ajudou em nada, não é? Foi por isso que ele parou de escrever.

Tem uma coisa que Quan falou e que Jus até agora não conseguiu contra-argumentar: Jus tentou fazer as coisas do seu jeito, e ele e seu melhor amigo foram baleados. É, Quan está preso, mas pelo menos está vivo.

Ao contrário de Manny.

Antes de enfiar a chave na ignição, Jus pega o celular no painel do carro. Antes que mude de ideia, digita o número de Trey.

CAPÍTULO 18

No fim das contas, *não* ligar para o número é mais difícil do que ele esperava, ainda mais quando está sozinho, sem nada além das lembranças do melhor amigo. Um dia, depois da aula, Jus está matando tempo na sala de Doc para tentar se distrair e não ligar, quando SJ irrompe pela porta como se estivesse sendo perseguida por cães raivosos.

Ao vê-la, todo o ar escapa dos pulmões de Jus. Eles não chegaram a se falar desde o velório, semanas atrás, mas ver SJ sendo tão... *SJ*? Bom, isso o traz de volta ao presente de uma maneira que ele não esperava.

— Pessoal!

— Sim, Sarah-Jane — diz Doc, a calma em pessoa.

— Vocês fazem *ideia* do que está acontecendo?

— Parece que não — responde Doc.

— Cadê o controle da TV?

Doc pega o controle remoto na mesa e o passa para ela. Quando SJ liga o aparelho e sintoniza no canal, Jus fica sem ar por um motivo muito diferente.

A tela é preenchida por uma foto — gigante, gritante, contrastante, contundente — do dia em que o ato político de Jared no Halloween acabou virando um encontro inesperado com a morte. Claro que todas as outras pessoas (incluindo Blake, o garoto vestido de KKK) estão escurecidas na versão da imagem que chegou ao noticiário nacional. Só quem está exposto é Justyce McAllister, vestido de marginal.

— Já ouvimos bastante sobre as notas dele, seus resultados e sua admissão numa faculdade da Ivy League — diz o âncora —, mas uma imagem fala mais do que mil palavras. Esse rapaz cresceu

na mesma região que o jovem acusado de assassinar o parceiro de Garrett Tison, sem motivo comprovado.

— Não pode ser — murmura Jus.

Por todo o país, várias pessoas protestaram: usando camisetas que diziam JUSTIÇA PARA JEM (sigla para Justyce e Manny), e deixando a música do carro muito alta todo sábado entre 12h19 e 12h21, para marcar o momento da discussão entre eles e Garrett. Porém, se tem uma coisa que Justyce já aprendeu com os casos de Shemar Carson e Tavarrius Jenkins, é que uma foto pode ser o suficiente para mudar a opinião das massas.

SJ cruza os braços, e os três chegam mais perto da TV para ouvir a "análise" de um especialista em violência de gangues que aparece conversando com o âncora de outro lugar, a tela dividida em dois.

— Quer dizer, é óbvio que esse garoto leva uma vida dupla — diz o cara. — Sabe como é, Steven: você pode tirar o sujeito da criminalidade, mas não dá para tirar a criminalidade do sujeito.

SJ: Filho da mãe.

Doc: Shhhh...

SJ: Isso é uma flagrante difamação de caráter!

Especialista: Temos vários testemunhos de que Emmanuel Rivers era um bom garoto, mas se *esse* era o tipo de companhia que ele cultivava... Bem, aí eu não sei, Steven.

Jus: [*Balança a cabeça.*] Inacreditável.

Steven: Recebemos alguns relatos de que o outro jovem que você mencionou, Quan Banks, é parente de Emmanuel Rivers. Você sabe de algo a respeito?

Especialista: Não ficaria nada surpreso se ambos os garotos tivessem ligação com Banks. Quem pode dizer se Tison não viu um deles na cena do crime, na noite em que o parceiro foi assassinado bem diante dos olhos dele? É só fazer as contas, Steven: Garrett Tison e Tommy Castillo respondem a uma reclamação de música alta, tem um Range Rover parado na calçada da casa, e um marginal surge no banco de trás com uma escopeta. Agora que estamos descobrindo todas essas conexões, quem garante que esse Range Rover não era o mesmo que Emmanuel Rivers estava

dirigindo? Tison diz que esses meninos apontaram uma arma para ele, e, depois de ver essa foto, não boto a mão no fogo por ninguém.

O noticiário troca para outra matéria, e SJ desliga a TV.

Doc parece furioso demais para falar. Tudo o que Jus consegue fazer é enterrar a cabeça nas mãos.

— Maldito Jared — diz SJ. — Se aquele idiota não tivesse...

O celular de SJ toca, e Jus ergue o rosto. Quando ela olha para a tela, suas sobrancelhas vão parar no meio da testa.

— Quem é? — pergunta Jus.

SJ mostra o celular para ele, e o nome que aparece na tela é Babacão.

— É só falar no diabo que ele aparece.

— Jared? — pergunta Jus.

— É. Vou atender ali fora.

Assim que SJ fecha a porta, Jus ouve a amiga gritando, combativa:

— JÁ LIGOU A TV HOJE, BABACA?

Doc passa o braço pelos ombros de Jus e dá uma sacudidela reconfortante.

— Quer conversar?

— Isso é uma palhaçada, Doc!

Jus dá um chute na carteira, que tomba ao seu lado.

— É — concorda Doc.

— Já não basta que o Manny tenha *morrido*, cara? Essas pessoas querem *muito* que o Garrett saia impune dessa! — Jus balança a cabeça. — Eu *sabia* que não devia ter aceitado a ideia do Jared. Muito menos ter deixado ele tirar aquela foto... Mas eu ignorei os meus instintos porque estava tentando agir como...

Ele trinca os dentes.

— Como Martin?

Jus assente.

— Ainda está escrevendo as cartas?

— Não.

— Por quê?

Jus dá de ombros.

— Pra quê? É óbvio que o meu experimento não deu certo. Não quero mais pensar nisso.

— Entendo.

— Sabe o que é mais louco, Doc?

— O quê?

— Eu tenho uma única lembrança daquele dia: uma dor aguda no peito e no ombro, e ficar sem conseguir respirar. *Naquele* momento, quando pensei que estava morrendo, a ficha caiu: apesar de ser um cara sensacional, eles mataram o Martin mesmo assim.

— Pois é. Mas acho que ele não voltaria atrás em tudo que fez mesmo se soubesse que seria morto, Jus. Ele desafiou o *status quo* e ajudou a promover alguma mudança. Tenho certeza de que esse era o objetivo dele. Não acha?

— Tudo o que sei é que ele e Manny estão mortos e que *eu* estou sendo pintado como vilão.

— Eu entendo. Sabe, Jus, as pessoas precisam tentar encontrar algum sentido na loucura que é o mundo. Aquele "especialista" imbecil prefere aceitar que você e Manny eram marginais a acreditar que um policial veterano com vinte anos de serviço seria capaz de fazer esse julgamento premeditado com base na cor da sua pele. Ele se identifica com o policial, e, se o policial é capaz de cometer assassinato, isso quer dizer que ele também é. Ele não consegue aceitar isso.

— Problema dele! Eu não tenho nada a ver com isso, pô.

— Eu sei. Mas você tem a ver com isso, sim, porque te afeta. Eu sei que é uma merda, com o perdão da palavra, e não é nem um pouco justo, mas essas pessoas têm a necessidade de justificar a atitude do Garrett. Elas *precisam* acreditar que você é um bandido que teve o que mereceu, para que o mundo delas continue girando do jeito que sempre girou.

— E isso me ajuda *como*, Doc?

— Não ajuda.

O número de Martel aparece na mente de Jus outra vez.

— Então de que serve tentar ser "bom"?

— Não podemos controlar como as outras pessoas pensam e agem, mas temos o controle total sobre nós mesmos. No fim das

contas, a única questão que importa é: se nada no mundo mudar, que tipo de pessoa você prefere ser?

Um silêncio incômodo se instaura na sala, mas no instante em que Jus faz menção de falar, SJ volta. Durante um momento ela fica imóvel, encostada no umbral da porta e com uma expressão angustiada.

— SJ? — chama Doc. — Está tudo bem?

Ela desperta do torpor.

— Parece que o idiota do Jared está tentando se redimir da própria escrotidão, pessoal.

— *O quê?* — indaga Jus, surpreso.

SJ se aproxima, largando-se na carteira ao lado dele. Ela se vira e olha no fundo dos olhos de Jus.

— Ele quer esclarecer essa situação toda.

— Peraí. — Jus balança a cabeça. — Vai com calma. Estou confuso.

— Jared. Foi ele quem me ligou agora.

— Essa parte eu entendi.

— Bom, ele está furioso com o que fizeram com a foto do Halloween. Disse que o pai dele está fazendo algumas ligações para que a foto inteira seja divulgada, incluindo aquela babaquice da KKK do Blake.

Jus está sem palavras. Esse não é o mesmo cara que ia prestar queixa contra Manny por ter batido nele? Por que, de repente, ele resolveu ser uma pessoa decente?

— Qual é a dele? O que você acha?

— Sinceramente, não sei. Ele parecia um pouco... decepcionado? Tipo, eu já atendi o celular chamando ele de babaca, e parece que ele meio que desmontou. “Nem tenho como discordar de você, SJ”, disse ele. “Isso tudo é culpa minha.” Eu tive até que olhar a tela do celular de novo para ver se estava mesmo falando com ele.

Jus trinca os dentes.

— Então agora ele quer pagar de herói...

— Me corrija se eu estiver errado — interrompe Doc —, mas Manny e Jared não eram bons amigos?

Jus dá de ombros.

— É, acho que sim.

— Ocorreu a algum de vocês que talvez ele não queira que sujem o nome do amigo dele, assim como vocês?

Nem SJ nem Jus respondem.

— Gente, pega leve com o Jared. Ele também está sofrendo pelo amigo — continua Doc.

Os olhos de Jus varrem a sala até pousarem nas carteiras em que Jared e Manny costumavam se sentar, lado a lado, na aula de Sociologia.

— Hum, tá bem.

— Vou ao banheiro. — Doc se levanta. — Com licença.

Quando ele sai, Jus fica um pouco mais ciente da presença de SJ. Olha as mãos dela em cima da carteira e vê que suas unhas estão pintadas de verde. Isso o faz sorrir: um dia, quando estavam na casa dela praticando para o torneio, eles fizeram uma pausa para ir à lanchonete. Já estavam quase no caixa quando SJ perguntou a Jus qual era a cor preferida dele. Quando ele disse que era verde, ela saiu correndo e voltou com o vidrinho de esmalte.

Justyce pigarreia.

— Então...

— Espera. Eu preciso te dizer uma coisa.

— Tá.

Ela se vira e o encara.

— Eu te devo desculpas. Por... por ter sumido. — Ela mexe nas unhas. — Depois do torneio. Sem a menor explicação. Desculpa.

— Ah.

Uma emoção que ele não consegue distinguir surge em seu peito. Jus está entrando em território perigoso, e sabe muito bem disso — ainda mais considerando a forma como SJ está olhando para ele.

— Você... hum... e agora você pode me explicar o que aconteceu? — pede ele.

— Eu entrei em pânico...

— Você entrou em pânico.

— Bom, tinha a Melo... e eu não sabia em que pé as coisas estavam entre você e ela, e eu não sabia como eu me encaixava nisso... Enfim. O que importa é que não vai acontecer de novo.

— Ok.

— Estou falando sério, Jus. Quero que você saiba que pode contar comigo. Para o que precisar. Se quiser uma amiga, se quiser um abraço, qualquer coisa.

— Valeu. — Jus bate de leve com o ombro no dela. — De verdade.

— Então... amigos?

— Sim. — Jus abre um sorriso. — Amigos.

VICE-PRESIDENTE ENTREGA CARGO POR ENVOLVIMENTO EM PROTESTOS

por Sonya Kitress
Para o jornal The Tribune

Julian Rivers, vice-presidente da corporação financeira Davidson Wells, deixou seu cargo após relatos sobre seu envolvimento no movimento “Justiça para JEM”. De acordo com o CEO, Chuck Wallace, fotografias de Rivers na linha de frente de uma marcha em Atlanta que parou o trânsito por horas na semana passada levaram à perda de vários clientes essenciais, que movimentam cerca de oitenta milhões de dólares em transações, para a empresa de administração de ativos.

Em um comunicado divulgado ontem à tarde, Wallace afirmou: “Embora respeitemos a gravidade da perda trágica de um filho, envolver-se em atividades que provoquem perturbação pública é motivo para inquérito interno e potencial demissão. O sr. Rivers foi um colaborador inestimável para a Davidson Wells por mais de dezenove anos, e, embora lamentemos sua saída, o encerramento do vínculo profissional foi de comum acordo.”

O filho de Rivers, Emmanuel, foi morto a tiros durante uma briga no trânsito no fim de janeiro. Ainda não há data para o julgamento do autor dos disparos, que foi indiciado no mês passado.

CAPÍTULO 19

Nos últimos tempos, Jus já não tem mais tantas certezas, mas sabe que não deveria estar ali, no fundo daquele ônibus da linha 87. Se não fosse pela matéria de jornal em seu bolso, estaria estudando para as provas finais ou fazendo alguma coisa com SJ, mas nos últimos dias não tem conseguido pensar em nada além da tristeza estampada no rosto dos pais de Manny quando o convidaram à casa deles para contar que estavam de mudança.

Doc deu a Jus uma cópia da matéria sobre o sr. Julian estar "deixando o cargo" no dia em que saiu no jornal. A primeira coisa que ele pensou foi que o nome da autora do artigo deveria ser Sonya Kent — "kent" perguntou alguma coisa? Os pais de Manny eram meio que patronos da filial de Atlanta do movimento Justiça para JEM, então é claro que eles participariam das marchas. Não é culpa deles que o protesto em que foram fotografados tivesse tanta gente que acabou sobrando para a via expressa, bloqueando as pistas nos dois sentidos.

No dia em que os Rivers anunciaram seus planos de se mudar de cidade, também contaram que o sr. Julian tinha recebido um ultimato: *cortar todas as relações com o dito movimento ou esvaziar sua mesa e sua sala* (nessas palavras exatas). O sr. Julian contou a Jus que explicou "com muita calma o significado de *desobediência civil*" antes de tirar da parede todos os seus diplomas e certificados.

Jus está no 87, o último ônibus do trajeto de Oak Ridge para Wynwood Heights, porque o que Quan falou — "não dá para escapar da Maldição do Cara Preto" — está ecoando em sua mente desde que ele saiu da casa dos Rivers. Não sabe mais para onde ir nem a quem recorrer. Por mais que SJ seja ótima, não seria a pessoa ideal para isso, e, embora *pudesse* procurar Doc, ele não

quer mais ouvir nenhum conselho *para ser bom mesmo que o mundo cague na cabeça dele*.

Sua mãe o fuzilaria se soubesse aonde ele está indo — *todos* no bairro sabem bem quem é Martel —, mas, sinceramente, ela não tem ajudado em nada nos últimos tempos: toda vez que Jus liga para a mãe ou a visita, ela só quer falar de SJ.

Jus só sabe que está se sentindo um lixo, como se alguém tivesse passado um ralador de queijo no seu estômago. Ele tem que dar um jeito de se livrar dessa sensação. Conversar com alguém que *entende* o que está sentindo, porque já sentiu isso na pele.

Sabe quem entende? O Deuce Diggs. Desde o dia em que acordou sem um melhor amigo, Jus tem ouvido muito o rapper e tem escutado a mesma música sem parar desde que leu a matéria no jornal:

Deu a notícia de outro preto assassinado na televisão
Mas eles dizem “Tudo certo, nem adianta vir com reclamação
Não foi por preconceito, para de usar a desculpa da raça”
Mas aí eu tenho que ver um desenho do Obama indo pra forca e achar graça.
Dizem: “Cor da pele não importa, você não é preto pra mim
Se eu te cortar, teu sangue é igual ao meu, cor de carmim
Para de ver racismo em tudo, não tem nada a ver
A segregação acabou... isso não basta pra você?”

Porém, é claro que Jus não tem como chegar a Deuce Diggs; não dá para pegar o celular, ligar para o cara e dizer: “Ei, cara, eu sinto o mesmo que você. A gente pode levar um papo?”

Jus se lembra do que Quan disse sobre as pessoas da área dele serem “uma família”. Que Martel *entenderia*. Que ele seria bem-vindo, se quisesse.

E é por isso que ele está naquele ônibus: não aguenta mais se sentir sozinho.

* * *

A primeira coisa que passa pela cabeça de Jus ao saltar do ônibus é a ironia de ir buscar alento no lugar que ele não via a hora de deixar para trás. Quando uma Mercedes novinha passa por ele, também sente uma pontada de culpa por decidir não ir com o carro novo para a casa de Martel. Como pode ficar irritado quando as pessoas fazem pré-julgamentos sobre ele, se está fazendo a mesma coisa? “Tranque bem a porta... esconda seus bens de valor...” Até deixou em casa o relógio de Manny.

É isso que tem que mudar.

Ele dobra à esquerda na rua Wynwood e logo vê o Range Rover cinza-cobalto que Trey disse que estaria na porta da casa. Embora fosse um modelo mais velho do que o que Manny tinha, só de ver o carro Jus já quer sair correndo dali.

Ele deveria dar meia-volta. Deveria mesmo. Dar meia-volta e ir para “casa”, para sua mesa de mogno e seu MacBook fornecido pela escola.

Mas não vai.

Só quando chega à calçada da casa é que Jus percebe os três caras sentados na varanda. Um deles é Trey, e os outros são Brad Branquelo e o cara que estava armado no fatídico dia do Halloween.

— Olha só, se não é o geniozinho! — diz Brad.

O da arma (Jus não lembra o nome dele) sorri.

— Qual é, Justyce? — cumprimenta ele. — Que bom te ver por aqui, cara!

Os outros caem na gargalhada.

O olhar de Jus desce no mesmo instante para o cós da calça do cara. Por baixo da camiseta dá para ver o volume do cabo da arma, e isso lhe causa arrepios.

Ele tenta se recompor.

— Fala, pessoal.

E eles riem de novo.

Trey olha Jus de cima a baixo, da mesma maneira como fez na festa de Halloween, tantos meses atrás. Abre aquele sorriso agressivo meio assustador, e Jus torce para não se mijar de medo.

— Ô, Martel, tem visita pra você — grita Trey por cima do ombro, para a porta.

No instante em que Jus sobe os degraus da varanda, uma voz chama lá de dentro:

— Pode entrar, irmãozinho!

Embora seu coração esteja prestes a sair pela boca, Jus abre a porta e entra na casa para a qual ele sempre olhou torto por causa de todos os boatos sobre as drogas e armas que estariam escondidas ali dentro. Segue por um corredor curto enfeitado por objetos que parecem ser relíquias africanas: máscaras tribais, hieróglifos emoldurados e uma pintura da silhueta de Nefertiti — ele reconhece pelo adereço de cabeça cilíndrico que lembra o corte de cabelo que alguns jogadores da NBA estavam tentando fazer voltar à moda.

As paredes da sala são cobertas pelo mesmo tipo de arte. Jus tem certeza de que essa casa poderia bater o recorde mundial de maior coleção de parafernália do Egito Antigo. O olhar dele vaga pelo espaço até chegar a um homem negro, barbado e de aparência jovem, vestindo um *dashiki* e um chapéu *kufi*. Está sentado de pernas cruzadas numa cadeira *papasan* com uma almofada de tecido Kente. No entanto, o objeto mais notável é a tornozeleira eletrônica de monitoramento — e é por isso que ele não poderia encontrar Jus num café ou algo assim.

— Bem-vindo — diz o cara. — Você deve ser o Justyce.

— Aham. Eu mesmo.

— Martel. — Ele estende a mão, e Jus se aproxima para cumprimentá-lo. — Prazer.

— Igualmente.

Jus olha ao redor outra vez e enfia as mãos nos bolsos. Embora tenha ouvido falar do líder da Jihad Negra desde criancinha, Martel é *bem* diferente do que ele esperava. Na verdade, ele não faz a menor ideia do que dizer ao cara. O silêncio está começando a se transformar em algo ostensivamente ameaçador.

— Curti as artes.

Martel abre um sorriso.

— Gosto de me cercar de lembretes da antiga fé kemética, para a gente nunca esquecer as nossas raízes imperiais. Você sabe alguma coisa disso?

Jus dá de ombros.

— Já estudei um pouco, mas não conheço quase nada. Desculpa.

— Não tem por que se desculpar. — Martel une a ponta dos dedos sob o rosto e encosta o queixo nos indicadores. — Você vai aprender, irmãozinho. Vai aprender. Os europeus conseguiram humilhar e escravizar os povos de descendência africana, mas temos sangue real correndo nas veias, tá ligado?

Justyce aquiesce, engolindo em seco.

— Sim, senhor.

— As vítimas da diáspora passaram tanto tempo sendo tratadas como inferiores que a maioria das pessoas se acostumou com a mentira da superioridade branca. Mas nunca esqueça que seus ancestrais sobreviveram a uma jornada transatlântica, ergueram esse país do nada e ainda conseguiram preservar a humanidade, mesmo vivendo em condições que gritavam que eles eram menos que humanos. “Jihad” significa se empenhar, perseverar. *Esse* é o nosso legado, irmãozinho. Esse país pertence a *você*.

Ouvindo a voz de Martel, Jus percebe que está ficando mais relaxado. Ele não sabe se é a voz ou o que ele está dizendo, ou a arte, ou o incenso, ou o ambiente, mas algo em Martel e em sua casa faz com que Jus se sinta tranquilo como não se sente há muito tempo.

Ele olha para Martel — e dá para perceber que o homem o está observando e analisando desde que Jus entrou na sala — e... sim. Martel entende mesmo. Quan disse que Jus seria bem-vindo, e é exatamente assim que ele se sente. Esse efeito desarmador chega a dar vertigem.

— Mas e aí, o que é que eu posso fazer por você, Justyce? — pergunta Martel.

Antes que perceba, Jus começa a contar a Martel todas as coisas sobre as quais não pôde conversar com mais ninguém: como foi horrível ser alvo de preconceito pelo policial, o experimento de ser como Martin e como não deu certo, como se sente sozinho e revoltado, como sente falta do melhor amigo.

Martel escuta com atenção, coçando a barba, abaixando a cabeça quando Jus menciona a morte de Manny, estreitando os olhos ao ouvir que o sr. Julian perdeu o emprego. Quando Jus termina, está esparramado no *ankh* gigantesco no centro do tapete egípcio. Sente-se esvaziado... no bom sentido.

Martel se levanta sem dizer uma palavra e desaparece dentro do cômodo que parece ser a cozinha. Jus deixa a cabeça pender para a esquerda. E é nesse momento que vê a escopeta de cano cerrado que está escondida embaixo da mesinha de centro.

Então a certeza o atinge como um coice: não deveria estar ali. Por mais que Martel pareça ser gente boa, o cara é um criminoso (alô? Tornozeleira de prisão domiciliar?). Os caras do lado de fora... são os mesmos que ameaçaram *atirar* nos amigos de Manny.

O que Jus está fazendo ali?!

Alguém cutuca seu pé, e ele abre os olhos. Martel está agachado ao lado dele com um copo na mão.

Jus se senta e toma um gole — grande demais: ele deveria ter adivinhado que era álcool. Ele tosse, e parece que as chamas do inferno estão se alastrando do esôfago para o peito, e depois para a barriga.

Martel ri. E então Jus percebe que é uma risada de divertimento, alegre, viva. Faz muito sentido que os meninos sem pai da vizinhança venham em bando para a casa dele, que se sintam acolhidos.

— Então a ilusão se desfez, não é? Está vendo algumas verdades agora? — diz ele.

Jus assente, e a derrota volta a pesar no peito, agora que o fogo da bebida se foi.

— Pronto para revidar?

Justyce sabia que essa pergunta estava por vir. Mas não estava preparado para o medo que parecia ter aberto caminho a cotoveladas e se postado na frente de sua fúria. Ele está pronto para revidar? Será? Com certeza não seria isso que Manny ia querer.

Só que Manny está morto, e é exatamente por isso que ele está ali.

Justyce ergue os olhos para Martel. Não há nenhuma angústia no rosto do cara. Nenhuma pressão. Nenhum medo. Jus leva o copo aos lábios de novo...

Trey irrompe na sala, com o Cara Armado e Brad Branquelo atrás.

— Ei, se liga só nisso — diz ele, passando um celular para Martel, e todos se reúnem em volta do aparelho.

— Brad, esse é o merdinha que você comeu de porrada no Halloween, não é? Com aquela roupa escrota da KKK? — pergunta o da arma.

— É — diz Brad. — Ele mesmo.

— O maluco tá dizendo que você desceu o cacete nele uns meses atrás, Justyce.

Martel passa o celular para Jus.

Ali, em letras garrafais, acima de uma foto de Blake Benson, está: O PASSADO VIOLENTO DE JUSTYCE MCALLISTER: VÍTIMA SE PRONUNCIA.

— Que isso, geniozinho! — diz Trey, cumprimentando Jus com uma sacudidela no ombro. — Não sabia desse seu lado!

— Firmeza, cara! — diz o Cara Armado. — Se você bate que nem esse merdinha tá dizendo, pode andar com a gente sempre que quiser.

— Pode crer, não sabia que você era dos nossos! — declara Brad.

É a gota d'água.

— Tenho que ir.

Ele tropeça nos próprios pés para se levantar e sai correndo, recusando-se a se virar quando eles o chamam.

— Deixa ele ir — Jus ouve Martel dizer enquanto ele vai embora.

CAPÍTULO 20

A sra. Friedman parece tão chocada ao ver Justyce ali, na porta dela, que ele chega a se virar para ver se tem alguma assombração logo atrás dele.

— Justyce?

— Oi, sra. Friedman, a Sarah-Jane está?

— Está, sim. Entre, entre.

Vendo a mulher ali, os olhos prestes a saltar das órbitas, Jus percebe que não deveria ter aparecido do nada. Não que tenha sido uma decisão consciente... Ele voltou à escola ao sair da casa de Martel, entrou no carro, e seus instintos o guiaram.

E foi parar ali.

— Eu devia ter ligado antes de vir — diz ele. — Desculpa...

— Não, não, imagina, é só que... Bom, a gente estava com saudade de ter você aqui em casa.

Estavam com *saudade*?

— Sarah está no quarto, mas você pode passar antes e dar um oi para o Neil? Ele vai ficar muito feliz em te ver.

— Hã... claro.

Ela o conduz à sala, onde o sr. Friedman está largado na poltrona assistindo a uma reprise de uma final de basquete universitário.

— Neil, olha só quem apareceu — anuncia ela.

Quando vê Jus, o sr. Friedman se endireita na poltrona no mesmo instante.

— Grande mestre!

— Oi, sr. Friedman.

— Caramba, que bom te ver! — Ele se põe de pé num salto para abraçar Jus, que até se encolhe um pouco com o peso. — Como você está? Estamos muito felizes que você tenha aparecido, filho!

— Estou vendo.

Os Friedman riem.

Jus engole em seco. Sente-se um pouco sobrecarregado com todo esse... amor.

— A Sarah está no quarto dela, Justyce. Pode ir lá, se quiser — diz a sra. Friedman.

— Obrigado. E obrigado também por me receberem tão bem. Da próxima vez, prometo que ligo antes de aparecer.

— Ah, para de bobeira.

Jus sorri, virando-se para subir.

— Ei, mestre, se precisar de alguma coisa... qualquer coisa mesmo, falando sério... não pense duas vezes antes de ligar, está bem? — diz o sr. Friedman.

A princípio, Jus se retrai. Se tem uma coisa que ele não seria capaz de suportar neste momento é pena.

No entanto, quando ele olha para os pais de SJ, percebe algo diferente no rosto deles.

Ele pigarreia.

— Obrigado. Significa muito para mim, de verdade.

— Imagina, meu garoto.

— Ok, já estamos passando vergonha suficiente — diz a sra. Friedman. — Pode subir.

Ao subir a escada, Jus começa a ficar nervoso. E se, ao contrário dos pais, SJ não ficar tão alegre com a presença inesperada dele? E se ela estiver ocupada? E se estiver dormindo? Que raios ele vai dizer?

A porta está entreaberta, e ele ouve o que parece ser a rádio pública nacional tocando junto com Carrie Underwood.

Típico.

Ele bate.

— Entra!

Ela está deitada na cama, com uma camiseta e o short de lacrosse da escola, um livro de matemática aberto no colo. Quando o vê, ela se senta muito ereta, repetindo o movimento que o pai acabou de fazer, e a expressão em seu rosto é igual à da mãe.

Isso faz Jus abrir um sorriso.

— Oi — diz ele.

— Oi! Hã...

SJ olha ao redor por um segundo, como se não soubesse o que fazer. Ela fecha o livro, deixa-o de lado e joga as pernas para fora da cama, ficando sentada na beirada.

— Ah!

Ela pega o controle remoto na mesa de cabeceira e o aponta para as caixas de som conectadas ao computador, silenciando tanto a rádio quanto a música.

— Então... hã... você apareceu.

Jus dá uma risada.

— Seus pais chegaram à mesma conclusão.

— Ai, meu Deus, não me diga que eles te atacaram. Mil desculpas — diz ela, balançando a cabeça. — Eles *só* falam de você nos últimos dias. Mesmo! Eu teria avisado, se soubesse que você vinha.

Jus dá outra risada.

— Tudo bem. Na verdade, foi bem legal.

Ela abre um sorriso.

— Quer sentar? — convida ela, apontando para o espaço vazio ao lado.

Jus se senta tão perto de SJ que os ombros e pernas deles se tocam. Ela está quente.

— Então... o que o traz à casa dos Friedman, sr. McAllister? — Ela cutuca com o joelho a perna dele.

Ele se vira para ela.

— Você.

— Eu?

— É, eu... hum... — Ele desvia o olhar. — Bem...

— Está tudo bem, Jus?

Ela toca o braço dele, logo acima do pulso, e Jus é dominado pela lembrança das algemas, mesmo tantos meses depois.

Ele desce o olhar para as mãos de SJ, observa-as, e sente um peso ser tirado de seus ombros. As unhas dela, mesmo descascadas, ainda estão pintadas daquele mesmo verde, sua cor preferida.

Jus se levanta, puxa SJ e a abraça tão forte que chega a tirá-la do chão.

— Hã... certo — diz ela.

Ele respira fundo, inalando o cheiro de frutas do shampoo dela.

— Hoje eu quase entrei para uma gangue — diz Jus.

— Hein?

— Quase entrei para uma gangue. — Ele a solta. — Lembra dos caras que eu falei, aqueles da festa do Halloween?

— Aqueles que ameaçaram *atirar* em vocês?

— É. Eu fui falar com o líder deles.

— Você *o quê*?

— Eu estava pensando, hum... bem, em entrar pra gangue deles.

Ela só o encara, boquiaberta.

Eles se sentam na cama outra vez, e Jus conta sobre a visita a Quan no centro de detenção juvenil e a sequência de eventos que o levou até a porta de Martel. Em algum momento, ele começa a chorar, o que normalmente o deixaria constrangido. Dessa vez, porém, isso não acontece, porque ele se sente bem pela primeira vez desde... Nem lembra desde quando.

Para ser justo, essa sensação boa certamente tem a ver com o fato de estar nos braços de SJ, com a cabeça no ombro dela. Jus nem percebeu quando isso aconteceu, mas lá estão eles.

Ele consegue imaginar Manny o chamando de “frouxo” por deixar que ela o abrace enquanto ele chora como um bebezinho, mas, em vez de deixá-lo triste, o pensamento o faz sorrir — e ele também consegue imaginar Manny dizendo “Antes tarde do que nunca, seu idiota”.

Depois de alguns minutos de silêncio, SJ o solta, e ele se ajeita.

— Obrigado — agradece, sorrindo para ela.

SJ não sorri de volta.

— Você está bem? — pergunta ele.

— Justyce, você gosta de mim?

— *Hein?*

SJ entrelaça os dedos, deixando as mãos no colo.

— Tipo... eu sei que você está passando por uma barra agora...

— Mas...?

Ela o encara.

— Eu não posso mais continuar fazendo isso comigo mesma, Jus.

— Do que você está falando?

Ela suspira.

— Ok, vou falar de uma vez: eu sou a fim de você desde o primeiro ano.

— Sério?

— Sério. No início, era só isso, e eu não esperava que desse em nada, mas aí, no semestre passado, a gente começou a conversar mais e passar mais tempo juntos, e as coisas meio que... *evoluíram*.

Jus não sabe como reagir.

— O problema é que eu não consigo entender você por nada nesse mundo — continua ela. — Às vezes parece que você é a fim de mim, mas outras vezes você meio que se afasta. Às vezes você me olha de um jeito que me faz querer te dar o mundo, mas outras vezes você nem me encara.

— Nossa, SJ!

— Por mais que eu goste da sua amizade e companhia, não posso mais continuar com essa esperança de que algum dia a gente vire algo mais. Eu preciso saber o que você sente. Então me diz a verdade. — Ela olha bem no fundo dos olhos dele. — Você gosta de mim, Jus?

Ele engole em seco.

— Hã... Eu, hum...

— Ai, meu Deus, você não quer nada comigo.

— Hein? Eu não di...

— Você hesitou!

Jus volta os olhos para as mãos e vê o relógio de Manny.

— Quer saber? Tudo bem — diz ela. — Ainda podemos ser ami...

— SJ, eu gosto de você.

Ela o encara com frieza.

— Não fala isso só para me fazer calar a boca, Justyce.

— Não! Eu gosto *mesmo* de você, juro! Mais do que de *qualquer* outra garota de que eu já gostei!

— Por que estou sentindo que tem um “mas” vindo por aí?

Ele dá um suspiro.

— É por causa da Melo, não é? — diz ela.

— O quê? Não! Eu e a Melo terminamos de vez. De vez mesmo.

— Então qual é o problema? Sou eu?

— Não! É só que... — Ele olha ao redor, para qualquer lugar que não seja para ela. — É complicado.

Ela fica cabisbaixa.

— Esquece.

— Espera! Não!

"É agora ou nunca", diz Manny dentro da cabeça de Jus.

Ele se vira e a encara.

— SJ, me desculpa. Por deixar você confusa. Você tem razão. Eu nunca falei o que sentia porque tinha medo.

Ela remexe as mãos, sem responder.

Jus respira fundo e continua:

— A questão é que... a minha mãe... bem, ela não curte muuuito a ideia de eu arrumar uma namorada, hum... que não seja da nossa cor.

SJ recua e inclina a cabeça de lado.

— É sério, isso?

— Pois é. Na verdade, sempre foi assim, desde que eu era pequeno. Mas ela ficou bem mais inflexível desde... — A voz dele morre.

— Desde o tiroteio — completa SJ.

— É.

Ela suspira.

— Mas eu não me importo mais com isso — diz Jus.

— É?

— Não me importo mais com o que ela acha. Ou deixa de achar.

SJ ergue a sobrancelha e cruza os braços.

— E eu sou o coelhinho da Páscoa.

Jus dá uma risada.

— Tudo bem, eu me importo, sim, mas... — Jus observa o rosto dela, e olha bem para tudo de que estaria abrindo mão. — Não posso deixar que isso me impeça — conclui ele. — A vida é muito curta.

Ela morde o lábio. O que deixa Jus completamente enlouquecido.

— Que fique bem claro — continua ele. — Eu *gosto* de você, Sarah-Jane. Independentemente da opinião da minha mãe, você significa muito para mim, e, se você estiver interessada, eu adoraria levar você para sair um dia desses.

Ela estreita os olhos.

— Tipo, num encontro — esclarece ele.

— Eu *sei*, idiota — diz ela, revirando os olhos. E sorrindo. — Você nunca me chamou de Sarah-Jane antes.

Ele abre um sorriso maroto.

Ela enrubesce.

— Não vou mentir: é *muito* legal deixar você vermelha.

— Para! — Ela dá um soquinho nele.

Isso o faz rir... e querer beijá-la.

— Então, é isso mesmo? Vai rolar?

Ela cobre o rosto com as mãos.

— Dá pra parar de me deixar vermelha?

— Nem pensar.

— Argh! — Ela bufa, abaixando as mãos. — Tem *certeza*?

— Absoluta, gata.

Ela estreita os olhos por um instante, e então:

— Ok.

Ela sorri outra vez. Jus balança a cabeça.

— Você teve mesmo que me fazer suar a camisa, não é?

— Só estava retribuindo o favor.

— *Touché*.

Um instante se passa, e então...

— Posso te dizer uma coisa? — começa ela.

— Como assim, tem *mais*?

— Fica quieto, é sério.

— Ok... — E agora ele está nervoso.

Ela respira *muito* fundo, e seu olhar se perde pelo quarto.

— Acho que ver você com todos aqueles tubos enfiados no corpo foi o momento mais desesperador de toda a minha vida, Jus. E pensar que passei tanto tempo sendo idiota e quase te perdi...

— Eu senti o mesmo quando te vi no enterro.

Silêncio.
E então:
— Justyce?
— Sim, Sarah-Jane?
— Vamos combinar de deixar de ser idiota?
Ele sorri e envolve os ombros dela com o braço.
— Acho um ótimo plano.

Transcrição do jornal da noite, 21 de maio

Âncora: Boa noite. Está começando agora o *Jornal da Noite* do Canal 2.

Nosso assunto principal hoje é o incêndio na casa do ex-policial de Atlanta Garrett Tison, que investigadores acreditam ter sido criminoso.

Investigador: Nossa primeira suspeita foi de incêndio criminoso, devido ao grande número de ameaças que a sra. Tison vem recebendo desde que o marido foi preso. Agora, conseguimos confirmar que o fogo começou no lado de fora da casa.

(Corte para imagens dos restos carbonizados da casa.)

Âncora (em off): A polícia apreendeu três menores que foram vistos na área na noite do incidente. Beverly Tison, esposa de Garrett, sofreu queimaduras de segundo grau e se encontra em estado grave.

Âncora (cont.): O julgamento de Tison por envolvimento no tiroteio em janeiro, que deixou um adolescente morto e outro ferido, está previsto para começar em cinco semanas.

Fique conosco para saber mais notícias sobre o caso.

CAPÍTULO 21

Jus não fica muito surpreso quando dois policiais abordam ele e sua mãe depois da cerimônia de formatura da escola. Desde que a palhaçada de “Justyce me agrediu” de Blake não deu em nada — até os supostos especialistas tiveram o discernimento de não dar trela a um garoto que foi fotografado usando uma roupa da KKK —, Jus já sabia que era só uma questão de tempo até ser acusado de mais alguma coisa.

E ele acertou: não fazia nem doze horas do anúncio de que o incêndio na casa de Garrett Tison fora criminoso, e o mesmo jornal que transformara o caso num escândalo sensacionalista já estava especulando se Justyce não teria envolvimento no incidente. Apesar de não ter nada a ver com isso, ele passou quatro dias esperando alguém — policial, repórter, turba ensandecida — ir atrás dele.

É um saco que ele ainda esteja de capelo e beca, cercado de colegas de turma e seus respectivos familiares, quando chegam os alguéns.

— Justyce McAllister? — diz a mulher da dupla de policiais.

Ela é negra. Calça social e blusa de botão. Distintivo preso no cinto.

— Sou Rosalyn Douglass, e este é Troy — prossegue ela, apontando para um policial branco uniformizado. — Podemos fazer algumas perguntas?

A mãe dele se adianta, cruzando os braços.

— Sou mãe dele, e ele é menor de idade. O que posso fazer por vocês?

— Senhora, não queremos fazer nada contra seu filho — diz Troy.

— Só temos algumas pergu...

— Eu não autorizo.

— Senhora, seu filho tem dezessete anos — diz a investigadora — e, de acordo com a lei criminal da Geórgia, já responde como adulto...

— Meu filho não é um criminoso, então essa lei não se aplica a ele.

A investigadora suspira e olha ao redor, antes de dar um passo à frente e baixar a voz:

— Senhora, sabemos que hoje é um dia importante para seu filho. Preferimos não chamar atenção. Se ele estiver disposto a cooperar e responder a algumas perguntas, podemos evitar que a situação vá mais longe do que deve.

— Deixa eu adivinhar — diz a mãe. — Você é a policial boazinha, e o branquinho aí é o malvado.

— Mãe, *para* — pede Jus. — Vamos ouvir o que eles têm a dizer para podermos ir...

— Por acaso os senhores policiais têm alguma noção do inferno que meu filho sofreu nas mãos de gente como vocês? Ele foi acusado de maneira injusta e preso em condições legalmente *questionáveis*. Ele perdeu o melhor amigo. Foi *baleado*...

Detetive: Nós conhecemos bem o histórico de seu filho, sra. McAllister. Nosso objetivo é que isso seja o menos doloroso possível.

Jus: E do que se trata?

Mãe: Eu *não* deixei você falar com essas pessoas, Justyce!

Jus: Mãe, se eles querem me tratar como adulto, é assim que eu vou me comportar.

Ela não diz nada.

Jus se coloca na frente dela e olha nos olhos de cada um dos policiais.

— O que a senhora dizia?

Ela assente, e o policial branco pega um bloco de notas.

— Agradecemos pela sua colaboração, sr. McAllister.

Jus precisa conter um riso sarcástico.

A investigadora começa:

— Na noite do dia 20 de maio, houve um incêndio na casa de Garrett e Beverly Tison. As chamas começaram por volta das 23h45. O que você sabe a respeito disso?

Jus dá de ombros.

— Só o que vi na TV.

Ela estreita os olhos, e Justyce se pergunta se está agindo de forma casual demais. É claro que está dizendo a verdade, mas os policiais obviamente não sabem disso.

Rosalyn perscruta o rosto de Justyce, o que faz com que ele se sinta uma barata sob uma lupa.

— Pode nos dar licença por um instante? — diz ela, chamando o outro policial.

— É claro.

Assim que eles se afastam, a mãe cerca Jus.

— Não gostei nada do jeito como você falou comigo na frente desses policiais. Você devia ter me deixado cuidar disso.

— Com todo o respeito, mãe, eu acho que você não tem como "cuidar disso".

— Se você tivesse ficado de boca fechada...

— Por acaso te ocorreu que, uma vez que eles disseram que eu não precisava do seu consentimento, seria muito suspeito se eu me recusasse a falar com eles? Faço dezoito anos em três semanas, e daqui a dois meses vou para a faculdade. Você não pode me proteger para sempre.

A mãe fica boquiaberta, mas antes que possa responder, os policiais voltam.

— Tudo bem, Justyce — diz a investigadora. (Então agora ele é só *Justyce*? Tá bom.) — A situação é a seguinte: prendemos três jovens que foram flagrados por câmeras de segurança roubando gasolina num estacionamento do Walmart perto da casa dos Tison. Dois deles... — Troy passa o bloco para ela. — ... Trey Filly e Bradley Mathers, citaram seu nome como cúmplice.

Jus balança a cabeça. Só podia mesmo ter sido coisa da Jihad Negra. Jus não consegue *acreditar* que chegou a considerar se juntar àqueles desmiolados.

— Juro que não tive nada a ver com isso, senhora.

Ela aquiesce.

— Bom, na verdade, hesitamos em acreditar neles. Para começo de conversa, não é a primeira vez que ambos tentam incriminar pessoas inocentes. Além disso, o terceiro jovem *não* mencionou você, o que, considerando as circunstâncias, é um pouco suspeito.

— Entendo...

— Vou te fazer uma série de perguntas, e peço que você responda “sim” ou “não”. Só seja sincero, e isso vai acabar logo.

Jus assente.

— Você tinha ciência do plano de incendiar a residência de Garrett Tison?

— Não.

— Você teve algum contato com Trey Filly ou Bradley Mathers nos últimos dois meses?

— Sim.

A mãe dele fica pasma (Jus tem certeza de que ela conhece de nome aqueles dois palermas), e os policiais trocam outro olhar.

— Quantas vezes você esteve em contato com qualquer um dos dois rapazes nos últimos dois meses?

— Uma vez.

— E qual foi a natureza desse contato?

Justyce engole em seco.

— Fui encontrar uma pessoa, e eles estavam lá.

— Quem você foi encontrar?

— Se essa pessoa não estiver ligada ao incêndio, isso faz alguma diferença? — intervém a mãe.

A investigadora pigarreia. Jus fica tão aliviado que poderia beijar a mãe.

Rosalyn prossegue:

— Você teve algum contato com Trey Filly ou Bradley Mathers na noite do dia 20 de maio?

— Nenhum. Não vi nem falei com nenhum desses caras desde o dia 20 de abril.

Troy ergue as sobrancelhas.

— Bem específico, não?

— Foi um dia memorável.

— Por que foi um dia memorável? — pergunta a detetive.

— Nada relacionado ao assunto em questão.

Jus sente o olhar calcinante da mãe sobre ele.

— Onde você estava na noite do dia 20 de maio? — prossegue a detetive.

— Eu posso garantir que estava muito longe tanto desses caras quanto do incêndio.

— Tem alguém que possa confirmar seu paradeiro?

— Si...

— Eu posso — diz a mãe. — Ele estava comigo.

Jus poderia deixar passar. Ele sabe bem disso. Sim, dá para ver que os policiais suspeitam dele, mas ele sabe que, para ir mais a fundo, precisam de um mandado.

Porém... mentir para a polícia depois de tudo que passou?

Nem a pau.

— Você está se confundindo, mãe. Eu não estava com você. Foi no dia 21 que fomos visitar o túmulo do papai, não no dia 20.

E isso é verdade.

— Mas...

— No dia 20, eu estava na casa da minha namorada. Estávamos comemorando vinte anos de casados dos pais dela.

A mãe fica muda.

— Sei — diz a investigadora. — Por acaso sua namorada está por aqui para confirmar sua alegação?

Justyce olha além dos policiais, vasculhando a multidão, que se dispersa.

— Está, sim — diz ele. — Está vindo com a mãe agora mesmo.

* * *

A mãe de Justyce não diz uma única palavra durante todo o trajeto para casa. Quando eles chegam e ela faz menção de sair do carro, Justyce se estica por cima da mãe e fecha a porta.

Depois a tranca.

— Então agora eu virei refém? — pergunta ela.

— Tem alguma coisa que você quer me dizer, mãe?

— Não mesmo.

— Tem certeza?

— Eu não tenho *nada* a dizer para você, Justyce.

— Que pena, porque eu tenho muitas coisas para te dizer...

— Curioso isso, porque eu acabei de descobrir mais coisas sobre meu filho em duas horas do que nos últimos quatro anos, e agora ele quer me dizer coisas.

— Mãe...

— Fala para mim... *algum dia* você pretendia me contar sobre essa sua "namoradinha"?

— Mãe...

— Eu até *entendo* que você não quisesse mencionar seu contato mais recente com os marginais da vizinhança, mas se você gosta *mesmo* dessa garota, seria de se pensar que iria ao menos *mencionar*...

— Você sabe por que eu não disse nada, mãe!

Ela não responde.

— Não digo que esconder foi a melhor decisão, mas eu *sabia* que, por mais que eu estivesse muito feliz, você teria algo negativo a dizer. Olha o jeito que você reagiu no estacionamento, olhando a mão estendida do sr. Friedman como se ele tivesse uma doença contagiosa!

— Eu é que não vou apertar a mão de um branco, Justyce. Não depois do que aquele outro fez com você.

— E isso ajuda *em quê*, mãe? O sr. Friedman e Garrett Tison são pessoas completamente diferentes.

A mãe cruza os braços e vira o rosto para a janela.

Jus balança a cabeça e diz:

— Você passou toda a minha vida me incentivando a dar o meu melhor em tudo. E isso é o que a SJ faz comigo, mãe. Ela faz de mim uma pessoa melhor.

— Você lave a sua boca antes de dizer a si mesmo essa mentira, Justyce.

— Não é mentira!

— Claro que é. Eu já te ensinei há muito tempo que o único que pode fazer de você uma “pessoa melhor” é você mesmo.

Justyce agarra com força o volante.

— Mãe, se não fosse por ela, eu não sei como teria sobrevivido a esse último ano. Já faz dez meses que todo mundo está tentando me derrubar. A SJ se esforçou mais do que *qualquer* outra pessoa para que eu continuasse de pé.

— Humpf.

— Você pode não acreditar, mas ela estimula o melhor que há em mim. Quando estou com ela, tenho *vontade* de superar tudo.

— Entendo, meu filho, mas tem várias mulheres negras que são brilhantes e que poderiam fazer o mesmo...

Jus suspira. Ela não entende nada mesmo.

— Mãe, a SJ é *judia* — diz ele. Manny usou esse argumento, e ele é válido, não é? — Sei que você tem problemas com gente branca, mas o povo dela também penou muito.

— Não importa, meu filho. A cor da pele dela não grita “judia”. Você tentou *ajudar* aquela outra garota e acabou algemado. E olha que o pai dela é preto, não é? Se parece branco, o mundo vai dizer que é branco, e ponto.

— Não é assim tão *simples*...

— É, sim. Você só está se recusando a acreditar. Eu te mandei para aquela escola pra você ter a melhor educação possível, mas se essa é a bobajada que você tem na cabeça agora, fico pensando que não foi uma boa ideia.

— Então você está me dizendo que, depois de passar a vida inteira sendo discriminado por causa da cor da minha pele, eu devo fazer o mesmo com a garota que eu amo?

A mãe se vira na mesma hora.

— Ama? Garoto, você tem dezessete anos. Não sabe nada de *amor*.

— Você tinha dezoito quando casou com o papai...

— E olha só no que deu.

Jus se recosta no banco e fecha os olhos. Durante um minuto, nenhum dos dois diz nada.

Então a mãe dá uma fungada.

— Aaah, mãe! Não *chora*...

— Eu tenho medo, meu filho. Esse mundo já é difícil o suficiente para um garoto como você. Aquele homem quase te *matou*, Justyce! E a troco de quê? O que você estava fazendo de errado? Ouvindo uma música que o sujeito não gostava?

Jus não responde.

Não consegue.

— Eu sei que você acha que estou sendo irracional, mas... eu não posso te dar a minha benção — diz ela. — Sei que você já é adulto e que vai fazer o que quiser, mas vai ser por sua conta, meu bem.

— Poxa, mãe...

— Como você mesmo deixou muito claro mais cedo, eu não posso te proteger para sempre, não é?

Ela destranca a porta e sai do carro.

CAPÍTULO 22

Sentado no banco das testemunhas, Jus queria *muito* poder voltar aos dias em que sua maior preocupação era o fato de a mãe não gostar de sua namorada. O interrogatório do promotor público, sr. Rentzen, está transcorrendo com tranquilidade, e sua mãe, Doc, os Rivers e os Friedman estão todos assistindo da galeria para dar apoio. No entanto, ter que testemunhar enquanto o assassino do melhor amigo está a seis metros, olhando para ele o tempo todo, é uma das coisas mais difíceis que Jus já fez na vida.

Ao fim do interrogatório do sr. Rentzen, o tribunal ouviu a história trágica de dois jovens afrodescendentes que estavam contando os dias para irem para a universidade quando foram alvejados num cruzamento por um homem branco cheio de raiva que usou xingamentos racistas e abriu fogo contra os rapazes quando eles não obedeceram às suas ordens.

Jus, com lágrimas nos olhos, narra os últimos minutos de vida de Manny. Por um segundo, fica tentado a relaxar, principalmente quando Doc faz um sinal de joinha para ele.

Porém, a advogada de defesa, uma loira branca e baixinha de nariz empinado, sobe ao púlpito. Ela e Jus se encaram.

Ele logo percebe que a mulher não está ali para brincadeira.

— Sr. McAllister — começa ela, calma, tranquila e contida —, não é verdade que, no início de sua história, o senhor declarou que estava só “dando uma volta de carro” com Emmanuel Rivers?

— Sim.

— Só que essa não era a intenção inicial de vocês, era?

— Acho que não entendi a pergunta — responde Jus.

— Quando o sr. Rivers o buscou em seu dormitório no dia 26 de janeiro, o senhor não tinha ideia de que estava entrando no carro

para “dar uma volta”, tinha?

— Não.

— E quais eram os seus planos?

— Íamos fazer uma trilha.

— Mas os senhores *não* foram fazer a trilha, não é mesmo?

— Não.

— Emmanuel Rivers tinha perdido a *vontade* de fazer a trilha, correto?

— Hã...

— Permita-me lembrá-lo, sr. McAllister, que o senhor está sob juramento.

Jus pigarreia.

— Não. Manny não queria mais fazer a trilha.

— Ele mencionou o motivo?

— Sim.

— Ele tinha recebido um telefonema naquela manhã, certo?

— Sim.

— E o senhor sabe a finalidade daquele telefonema?

Jus suspira, baixando a cabeça.

— Sei.

— Desculpe, mas é difícil entender o que o senhor diz quando não fala no microfone. Poderia repetir?

— Eu disse que *sei*.

— Sabe *o quê*, sr. McAllister?

— Sei o motivo daquela ligação.

— Esclareça para nós, por favor.

Jus olha para o sr. Rivers, que está com o maxilar tão trincado que não ficaria surpreso se os dentes do pai do amigo estivessem rachando.

— Ele recebeu uma ligação do pai do amigo dele — explica Jus.

— Isso é um tanto vago. Tenho certeza de que o senhor consegue ser mais específico. O que o pai desse “amigo” poderia ter dito para deixar o sr. Rivers tão aborrecido a ponto de ele desistir de ir fazer trilha?

Jus trinca os dentes também.

— Um desentendimento.

— Um “desentendimento” que envolvia quem?

— Manny e o amigo dele.

— Interessante. — Ela mexe em seus papéis. — Meritíssima, quero incluir como evidência um boletim de ocorrência feito no dia 26 de janeiro, que aponta que Emmanuel Rivers perpetrou *agressão física* contra um certo sr. Jared Christensen na segunda-feira, 21 de janeiro.

Os olhos do sr. Rivers disparam adagas na advogada.

— Não foi bem assim — diz Jus.

As sobrancelhas da advogada se erguem.

— Ah, não?

— Não.

— Que parte da ocorrência está incorreta?

— Manny não atacou Jared.

— Então o senhor foi testemunha ocular desse “desentendimento”?

Jus baixa o rosto de novo.

— Não.

— Não escutamos, sr. McAllis...

— Eu disse que não.

— Então o senhor não pode ter certeza absoluta de que o sr. Rivers não atacou o sr. Christensen.

— Manny não era desses.

— Desses quem?

— Desses que atacam as pessoas sem serem provocados.

— Então o senhor está sugerindo que houve provocação.

— Sim, houve.

— Como o senhor pode ter tanta certeza?

— Porque Manny me contou... — Jus vê SJ cerrando os olhos e percebe que cometeu um erro. — Quer dizer...

— Então o sr. Rivers relatou ao senhor que, de fato, agrediu Jared Christensen?

Jus não responde.

— Sr. McAllister?

Justyce só a encara.

— Meritíssima? — diz a mulher.

— Responda à pergunta, sr. McAllister — diz a juíza.

Justyce pigarreia.

— Sim. Manny me disse que Jared fez uma piada desrespeitosa, então ele bateu nele.

— Quem bateu em quem?

— Manny bateu no Jared.

— Hum. — A advogada aquiesce. — Parece um conjunto de circunstâncias um tanto *familiar*, não é, sr. McAllister?

— Objeção — diz o sr. Rentzen. — A pergunta é ambígua.

— Mantida — responde a juíza.

— Vou reformular — diz ela. — O senhor se envolveu num incidente similar na noite do dia 18 de janeiro, correto?

— A senhora terá que ser mais específica — diz Jus.

Ela não se abala.

— Tenho aqui uma declaração de um certo sr. Blake Benson alegando que você, sr. McAllister, agrediu Benson *e* Jared Christensen sem qualquer motivo, na casa do sr. Benson, no dia 18 de janeiro.

SJ morde o lábio.

— O senhor nega a acusação, sr. McAllister?

— Não foi sem motivo.

— O senhor está dizendo que *não* agrediu Blake Benson em sua própria festa de aniversário?

— Não...

— Então o senhor agrediu, de fato, Blake Benson e Jared Christensen.

— Bom, sim, mas fui provocado.

Ela chega a sorrir.

— O senhor chegou à casa de Blake Benson com Emmanuel Rivers e, em dez minutos, iniciou uma discussão com o sr. Benson, correto?

— Não comecei a discussão, foi ele.

Ela olha seus papéis.

— Diz aqui que o sr. Benson pediu ao senhor e ao sr. Rivers para ir com ele até uma jovem em quem ele estava interessado. Isso é verdade?

— Não.

— Ah, não?

— Ele não estava “interessado” nela. Só queria levá-la para a cama.

— O sr. Benson usou essas palavras em específico?

— Não... mas ficou subentendido.

— Entendo. Então a jovem era uma amiga sua e o senhor estava defendendo a honra dela?

— Eu não a conhecia, mas...

— Então o senhor ficou com ciúme?

— O quê? Não!

— Por um motivo *qualquer*, o senhor não gostou de saber que Blake Benson queria levar a moça para a cama. Então o senhor o atacou?

— Não foi assim que aconteceu.

— Ah, sim, está certo. Jared Christensen veio defender Blake Benson, que estava sendo ameaçado pelo senhor em sua própria festa de aniversário, e então o senhor agrediu os dois.

— Não foi isso que aconteceu!

— Controle-se, sr. McAllister — diz a juíza.

Jus respira fundo e olha para SJ. Ela assente, incentivando-o.

— Diga-me uma coisa — retoma a advogada. — Depois que o senhor atacou Jared Christensen e Blake Benson, Emmanuel Rivers repreendeu *o senhor*, correto? Ele ficou do lado da vítima que o senhor agrediu sem motivo...

— Já disse que eu não ataquei ninguém.

— Bem, não parece que o senhor estava desejando um feliz aniversário ao sr. Benson, não é mesmo?

— Houve um bate-boca que levou à briga.

— Pode ser mais específico, sr. McAllister?

Jus olha para Garrett.

— Desde aquele dia, aconteceu muita coisa. Não me lembro muito bem.

— Hum... está tendo dificuldades de se lembrar devido a acontecimentos mais recentes ou porque o senhor havia consumido álcool ilegalmente?

— Objeção, meritíssima! — diz o sr. Rentzen.

— Negada.

— O senhor consumiu álcool na noite do dia 18 de janeiro, sr. McAllister? — insiste a advogada.

Jus suspira.

— Sim.

— E o senhor bateu em Jared Christensen *e* Blake Benson, certo?

— Eles estavam fazendo comentários racistas...

— Atenha-se a responder “sim” ou “não”.

Jus sente o olhar da mãe sobre ele.

— Sim.

A advogada de defesa assente.

— Sr. McAllister, agora que já estabelecemos que tanto o senhor quanto Emmanuel Rivers tinham um histórico de reagir com violência a supostos insultos verbais, vamos voltar ao dia 26 de janeiro do corrente ano. O senhor conhece o Código Civil da cidade de Atlanta?

— Não muito.

— Meritíssima, gostaria de adicionar isto às evidências. — Ela pega um papel de sua pilha e vai até as testemunhas. — Sr. McAllister, leia em voz alta para todo o tribunal, por favor, a seção 74-33 do artigo 4º. Está destacada para o senhor.

Jus olha para os ouvintes. Tanto a mãe quanto a sra. Friedman parecem prestes a pular a grade e partir para cima da advogada de Garrett.

Ele lê:

— “Acima de determinados níveis, barulho ou poluição sonora são prejudiciais à saúde e ao bem-estar dos cidadãos, e o gozo pacífico e silencioso é direito do indivíduo. Portanto, fica declarado que as normas da cidade proíbem distúrbio sonoro originado em qualquer fonte.”

— O senhor diria que sua música alta era uma violação deste decreto, sr. McAllister?

— O que isso tem a ver com o fato de que o seu cliente *alvejou* a mim e a meu melhor amigo?

— Meritíssima, por favor, oriente a testemunha a se lembrar de que sou eu que faço as perguntas.

Agora até mesmo Doc parece furioso.

— Controle-se, sr. McAllister — adverte a juíza.

— Meu cliente é um agente da lei, sr. McAllister. Ao se recusar a abaixar o volume da música, os senhores estavam resistindo a uma ordem policial.

— Não sabíamos que ele era policial. Ele não mostrou o distintivo...

— E, no entanto, o decreto afirma claramente que distúrbio sonoro viola o direito de terceiros à paz e à tranquilidade, mas é claro que o senhor e seu amigo não dão a mínima para os direitos das *outras* pessoas, não é?

Jus não responde.

— Sr. McAllister, seu amigo, Emmanuel Rivers, *aumentou* a música quando foi pedido que ele a abaixasse?

— Sim.

— A música que os senhores estavam ouvindo continha o verso “Lá vem o tiro, vai começar a diversão”?

— Sim, mas isso está fora de contexto...

— O sr. Rivers usou linguagem chula e fez um gesto obsceno na direção do meu cliente que o *senhor* poderia interpretar como uma ameaça?

— Não sei o que seu cliente pensou, não estou na cabeça dele.

— O senhor tem ciência de que meu cliente testemunhou o parceiro ser assassinado por um jovem que tem a mesma aparência que você?

— Isso não tem nada a ver comigo...

— Ah, mas tem, sim — diz ela. — Porque o senhor teve contato com esse jovem em específico no mês de março do ano corrente, não é mesmo?

Jus suspira. A dra. Rivers fecha os olhos, balançando a cabeça.

— Tive, mas...

— E esse jovem... que se chama Quan Banks, se não me engano... o conectou a um grupo de outros jovens com vastas fichas criminais e notória associação a gangues, não foi?

— Sim, mas...

— E o senhor se encontrou com esses jovens pouco tempo antes de eles deliberadamente atearem fogo à casa de meu cliente, correto?

— Sim, mas eu não tive nada a ver com isso...

— Sem mais perguntas, meritíssima.

GARRETT TISON: ASSASSINO?
O JÚRI AINDA NÃO CHEGOU A UMA DECISÃO.

Por Ariel Trejetty

Na manhã de ontem, o ex-policial Garrett Tison foi considerado, por um júri da Geórgia, culpado de três das quatro acusações contra ele, decorrentes do incidente em janeiro em que teria atirado contra dois adolescentes depois de um desentendimento sobre música alta.

Após vinte e sete horas de deliberação, Tison foi condenado por duas contravenções — conduta desordeira e disparo de arma de fogo próximo a rodovia pública — e lesão corporal qualificada, o mais severo dos dois crimes de que foi acusado. O júri não conseguiu chegar a um consenso a respeito da acusação de homicídio qualificado e, portanto, o julgamento foi anulado.

Em seu testemunho, Tison alega que temeu pela própria vida, valendo-se de vinte e sete anos de serviço como policial para comprovar que é qualificado para detectar uma ameaça genuína. Tison declarou que os adolescentes estavam armados, embora isso tenha sido desmentido pelas evidências; apesar disso, o adolescente que sobreviveu ao incidente, Justyce McAllister, mostrou ter conexões com notórios membros de gangue, incluindo Quan Banks, o jovem de dezesseis anos condenado por assassinar o parceiro de Tison em agosto do ano passado, o que lançou uma sombra considerável sobre o caso.

Tison será julgado novamente pela acusação de assassinato e, numa data posterior, sentenciado por todas as condenações.

CAPÍTULO 23

Faz dois dias.

Dois dias inteiros, e as palavras “não conseguiu chegar a um consenso”, “julgamento anulado” e “data posterior” continuam quicando dentro da cabeça de Jus.

Desde que voltaram do anúncio do veredito, ele e SJ têm assistido aos programas do canal National Geographic quase sem parar, mas a cada piscar de olhos Jus vê o terceiro jurado da direita para a esquerda na última fileira, observando-o como se *ele* é que devesse estar sendo julgado por assassinato, não Tison.

Um júri em impasse.

Sem veredito.

Sem condenação.

Outro julgamento.

SJ suspira, como se pudesse ler a mente de Jus. Está estirada no sofá, com a cabeça no colo dele e o olhar fixo num documentário sobre a migração das borboletas-monarcas, mas ele duvida muito que ela esteja prestando atenção. Nada no mundo deixa Sarah-Jane Friedman mais frustrada que um “erro judicial”.

É tudo uma grande droga. Em duas semanas, Jus e sua namorada incrível vão entrar no carro dele e dirigir juntos até a Costa Leste. A primeira parada vai ser Yale, para que ele se instale no alojamento — a mãe queria ir, mas tem que trabalhar, então vão ser só ele e SJ. Quando Jus estiver acomodado, eles pegarão o trem de New Haven para Nova York, onde encontrarão o sr. e a sra. Friedman; dali, vão ajudar SJ a se acomodar na Universidade de Columbia.

Eles deveriam estar seguindo em frente. Virando a página. Partindo sem olhar para trás.

No entanto, em algum momento nos seis próximos meses, ele terá que voltar ali. Terá que reviver a tarde em que foi baleado e perdeu Manny.

Outra vez.

— Está pensando em quê? — pergunta SJ.

Ele poderia até dizer a verdade, mas, a julgar pelas olheiras da namorada, ela já tem coisas demais na cabeça.

— Que você é a melhor coisa na minha vida.

— Ai, meu Deus, Jus! Tirou isso de uma comédia romântica? Eca.

Ele gargalha, ela sorri; por um momento, está tudo bem.

É claro que não dura muito.

— Jus, acho que eu odeio tudo — declara ela. — Por que não conseguimos viver em paz como as borboletas?

Ele prende uma mecha de cabelo dela atrás da orelha e tenta se concentrar na TV, que mostra sucessivas camadas de borboletas-monarcas cobrindo as árvores de uma floresta mexicana qualquer. Embora compartilhe do sentimento dela, Jus se pergunta se SJ percebe que as borboletas são *todas* da mesma cor.

O celular dele toca. É o sr. Rentzen.

Ele recusa a chamada. Quanto mais tempo conseguir ficar sem falar com o promotor, melhor.

Agora não consegue parar de pensar em como o sr. Rivers parecia exausto quando eles se despediram do lado de fora do tribunal. Se Jus já odeia que a morte de seu melhor amigo tenha sido minimizada pela incapacidade do júri de chegar a um acordo, não consegue nem imaginar o que os pais de Manny estão passando.

Uma notificação de correio de voz.

Então uma mensagem: “Justyce, me ligue assim que puder.”

Ele a apaga.

O telefone toca de novo.

— Ai, quem é, hein? — pergunta SJ, impaciente.

— Rentzen.

Jus recusa a segunda chamada.

— Céus — diz SJ. — Vamos trocar seu número?

Nesse momento, a sra. Friedman vem da cozinha, segurando o celular entre o ombro e a orelha.

— Justyce, o sr. Rentzen está tentando entrar em contato com vo... peraí, o quê? — diz ela para o aparelho, e seus olhos se arregalam. — Você não pode estar falando sério, Jeff.

Isso não pode ser coisa boa.

SJ se senta.

— Mãe, o que foi?

A sra. Friedman ergue o indicador para interromper a filha e continua falando.

— Aham... Ai, meu Deus... isso é... e os criminosos? Não estou conseguindo acreditar nisso, Jeff...

Justyce mal consegue respirar. Ele deixa a cabeça pender para trás, no encosto do sofá, e fecha os olhos.

— Mãe, pode ir lá para fora? — pede SJ, pousando a mão no joelho de Justyce. — Assim a gente vai acabar tendo um ataque do coração!

— Jeff, eu já te retorno. Preciso conversar com os meninos... sim... estritamente confidencial, entendi.

Será que tem como as coisas ficarem piores?

A sra. Friedman desliga.

— Mãe?

— Não haverá um segundo julgamento.

Jus se endireita de imediato, e SJ segura sua mão.

— *O quê*?

A sra. Friedman olha o telefone em suas mãos. E depois para os dois.

— Garrett Tison foi morto.

Transcrição do jornal da manhã, 9 de agosto

Bom dia. Está começando o *Bom Dia, Atlanta*, na Fox 4.

Como destaque de hoje, apenas quarenta e oito horas após o anúncio da anulação de seu julgamento, o ex-policial Garrett Tison foi encontrado morto em sua cela na Penitenciária Estadual do Condado de Clarke.

O incidente está sendo investigado e os detalhes ainda são confidenciais, mas três homens tiveram envolvimento no caso, dois dos quais já estão aguardando julgamento por homicídio.

A advogada de Garrett Tison deu um depoimento à polícia alegando ter recebido um telefonema de seu cliente. O sr. Tison teria informado que os guardas estavam se recusando a deixá-lo em isolamento, apesar de ele ter reclamado que estava recebendo ameaças.

A penitenciária também está conduzindo um inquérito administrativo interno.

Fique conosco para saber mais sobre o caso em breve.

25 de agosto

MEU CARO MARTIN,

Ora, ora. Aqui estou eu.

Na ilustre Universidade Yale.

Estou escrevendo sob o olhar de uma foto sua que a SJ pendurou acima da minha mesa. Foi um presente de despedida do Doc.

Sinceramente, Martin: sua foto está me deixando um pouco desconfortável.

Mentira, não é bem isso. Retiro o que disse. Não é a sua foto. É estar aqui, nesta universidade.

Aconteceu muita coisa desde a última vez que escrevi para você, e ainda não tive tempo de assimilar a maior parte. É difícil acreditar que a essa altura do ano passado eu estava começando este experimento.

O que percebi de mais interessante ao reler minhas cartas é que ainda não consigo entender o que eu esperava conseguir com isso. Sim, eu queria “ser como Martin”, mas a troco de quê? Não estava tentando mover as montanhas da injustiça nem lutar por direitos iguais para o povo...

Então o que exatamente eu estava tentando conseguir? Já faz dias que estou pensando nisso e ainda não cheguei a uma conclusão.

Por um lado, sinto que devo agradecer a você: embora tenha havido estudantes negros em Yale desde 1850, duvido que <u>eu</u> estaria aqui se não fosse por tudo o que você fez para “desafiar o status quo”, como diz Doc.

Por outro lado, me sinto absurdamente deslocado. Estou num alojamento para quatro pessoas, com sala e dois quartos. Hoje eu estava aqui arrumando minhas coisas quando meu futuro companheiro de quarto chegou, e parecia que ele tinha acabado de sair de um anúncio da Ralph Lauren. Um cara branco de olhos

azuis, com cabelo loiro partido de lado, vestindo uma camisa polo ofuscante de tão branca enfiada por dentro de uma bermuda de alfaiataria e um par de mocassins. Depois de olhar para a sua foto por alguns segundos e me encarar de cima a baixo de um jeito que, de onde eu venho, já seria motivo para um soco, o cara finalmente estendeu a mão.

"Roosevelt Carothers", disse ele.

Olha, Martin, eu tento não julgar as pessoas pela aparência, mas aquele cara de nariz em pé me olhando com desdém me fez preferir ter o Jared Christensen como companheiro de quarto (ele também veio para Yale). Pelo menos eu já saberia o que esperar.

Mas esse tal de Roosevelt? Sei, não.

"Então, de onde você vem, como fala mesmo seu nome? É tipo Justáice?"

Sério, Martin...

"É igual 'justice', cara, só que se escreve com y. Eu sou de Atlanta."

A coisa só degringolou a partir daí, porque ele ligou o nome à pessoa. Até coisa de uma semana atrás, meu rosto e meu nome estavam em todos os noticiários de TV. Então, quando SJ voltou do banheiro e eu a apresentei como minha namorada, a atitude do cara ficou cem por cento negativa. Sei que eu não estava imaginando coisas porque, assim que ele foi embora, SJ disse: "Nossa, qual é a desse cara?"

Martin... tipo... isso nunca vai acabar, não é? Não importa o que eu faça, pelo resto da minha vida, continuarei me vendo em situações como essa, não é? Era exatamente disso que o sr. Julian estava falando naquela conversa que teve comigo e com Manny, mas tem uma parte de mim que ainda se recusa a acreditar.

E tudo bem, vamos dar o benefício da dúvida: talvez eu esteja enxergando um problema de racismo onde não existe. Admito que meu filtro ficou um pouco comprometido depois dos últimos oito meses... quer dizer, depois do último ano inteiro.

Mas essa é a questão, Martin. Eu NÃO CONSIGO deixar de perceber quando alguém me olha como se eu fosse inferior, e aí

minha cabeça automaticamente presume que é por causa da minha cor.

Não tenho a menor ideia de como parar com isso.

O que me leva de volta ao que eu estava dizendo antes: qual era meu objetivo com essa parada de “Ser Como Martin?” Eu estava tentando conquistar mais respeito? (Não rolou.) Estava tentando ser “mais aceitável”? (Não rolou.) Achei que isso fosse me ajudar a evitar problemas? (Não rolou mesmo.) Sério, qual era o propósito disso tudo?

Só o que eu sei é que acabei de deixar de ser um dos três alunos negros numa turma de oitenta e duas pessoas para ser um de... bem, pouquíssimos em meio a um número muito, muito maior. Sim, Garrett Tison pode ter morrido, mas, como disse o sr. Julian, o mundo está cheio de gente que sempre vai me ver como inferior. O coleguinha Roosevelt acabou de provar isso.

Acabo sempre me lembrando de algo que Doc disse quando eu estava chateado com a cobertura do caso Tison: se nada no mundo mudar, que tipo de pessoa eu prefiro ser? Estou há dias ruminando sobre isso, e comecei a achar que o experimento falhou porque eu estava fazendo a pergunta errada.

A cada desafio que enfrentei, a pergunta era “O que Martin faria?”. Eu nunca consegui responder a isso de verdade, mas, se seguirmos a lógica de Doc e perguntarmos “Quem Martin SERIA?”, aí é fácil responder: você seria você mesmo, o eminente Martin Luther King: uma pessoa não violenta, difícil de ser desencorajada, firme em suas crenças.

Talvez o meu problema seja o seguinte: ainda não descobri quem eu sou ou no que acredito.

Encontrei a carta que você escreveu para o editor do jornal “Atlanta Constitution” em que dizia: “Nós (os negros) almejamos e temos direito aos direitos e oportunidades básicas de todos os cidadãos americanos...” A carta é de 1946, o que quer dizer que você tinha dezessete anos. A mesma idade que eu tinha quando tive esse pensamento pela primeira vez.

Não sei se aos dezessete você já era o Martin que o mundo conheceu (provavelmente não, né?), mas saber que você teve a

minha idade me dá certa esperança de que eu talvez ainda tenha um tempo para entender melhor as coisas.

Pelo menos é o que eu espero. Senão, esses quatro anos vão demorar muito a passar. Digo mais: o resto da minha vida vai demorar muito a passar.

Enfim, tenho que ir. Eu e SJ temos que pegar o trem. Obrigado por tudo.

Até a próxima,
Justyce

QUATRO MESES DEPOIS

Já tem uma pessoa de pé na frente do túmulo de Manny quando Justyce se aproxima. Ele sente o impulso de dar meia-volta e ficar no carro esperando a pessoa ir embora, mas sabe que não é isso que Manny ia querer que fizesse.

— Fala aí, cara — cumprimenta Jus ao se aproximar.

EMMANUEL JULIAN RIVERS
FILHO AMADO
"VÓS AGORA TENDES TRISTEZA; MAS OUTRA VEZ VOS VEREI; O VOSSO CORAÇÃO SE ALEGRARÁ."

Jared volta o olhar para Justyce e então fita a lápide.

Ele enxuga os olhos.

— Tudo bem, cara?

— Desculpa interromper — diz Jus.

— Imagina, cara. Na verdade, é bom ter outra pessoa aqui. A propósito, feliz Natal.

— Igualmente.

Jared respira fundo e solta o ar com força, gerando uma pequena névoa à sua frente.

— Eu ainda sinto *tanta* falta dele, cara — diz Jared, a voz falhando. — Já faz quase um ano, e eu *ainda* não consigo... Foi mal, cara, sei que você não quer ouvir nada disso.

— Não, tudo bem. — Agora os olhos de Jus também estão cheios de lágrimas. — Eu entendo, cara. De verdade.

— Sabe, ele nunca vai me visitar na faculdade, não vai poder ser meu padrinho de casamento... — Jared balança a cabeça. — Assim que eu cheguei no alojamento, meu colega de quarto já tinha terminado a mudança. O cara olhou para mim e disse: "Qual é, irmão? Meu nome é Amir Tsarfati, mas todo mundo me chama de AT."

A imitação de Jared faz Jus rir. Por acaso, AT e Jus foram parceiros de laboratório de química no semestre anterior.

— Enfim, ele estava ouvindo música e, sem sacanagem, Justyce, a playlist do cara ia de Deuce Diggs a Carrie Underwood.

— Sério mesmo?

— Sério, cara. Pensei que o Manny ia adorar aquele cara. — Jared suspira outra vez. — É difícil, só isso. Minha avó morreu quando eu era criança, e minha mãe me disse: “Ela continua viva dentro do coração de todos que a amavam.” Provavelmente vai parecer idiota, mas eu desejo muito que isso seja verdade com o Manny. É por isso que eu sempre dou um pulo aqui quando venho visitar meus pais. Ele foi meu primeiro amigo de verdade. Sempre achei que íamos envelhecer juntos e tudo mais, sabe?

Jus não responde. Não há nada a dizer.

Eles ficam em silêncio durante alguns minutos. E então:

— Muito bom te ver, cara — diz Jared.

— Digo o mesmo. — E Jus está falando a verdade.

— Você não acha estranho que a gente quase nunca se esbarre em Yale?

Jus dá de ombros.

— É um lugar grande pra caramba.

— Verdade. Como você acha que se saiu na aula do Marroni?

— Acho que fui bem, devo ter fechado com A-, na pior das hipóteses.

— Sua cara — afirma Jared, olhando para Jus e abrindo um sorriso.

O que faz Jus sorrir também. Só um pouquinho.

— Então... — diz Jus, pigarreando. — Já decidiu a área que vai escolher?

— Já — responde Jared. — Resolvi estudar Direito Civil em vez de Administração...

— Sério?

— Sério. Meu pai quase teve um troço quando contei. Enfim, peguei uma matéria de Introdução aos Estudos Afro-Americanos, e minha cabeça explodiu, cara. Estou pensando em me especializar nisso também.

— Caramba. Que irado, cara — diz Jus. — Mas e aí, tá curtindo Yale?

— Demais. E você?

— No geral, sim. Meu companheiro de quarto é meio babaca, mas acho que não dá para ter tudo.

— Carothers, né?

— Ele mesmo.

Jared assente.

— Fizemos Cálculo juntos. Ouvi umas histórias sobre ele. Mas e seus outros companheiros de apartamento? São legais?

— São, são ótimos. Acho que eu não teria sobrevivido sem eles.

Jared dá uma risada.

— Que ótimo, então. Os meus também são bem legais.

— Que bom, cara.

— Como está a SJ?

Jus não consegue conter o sorriso.

— Ela está ótima. Amando Nova York.

— Vocês estão firmes, né?

— Pode crer. Eu quero ter filhos com aquela garota.

Jared chega a gargalhar.

— Maravilha.

— Só não fala para ela que eu te disse isso, ou ela vai gastar meus ouvidos para sempre.

— Pode deixar.

— E você, está saindo sério com alguma garota?

— Não, cara. Muito peixe no oceano da Ivy League. Não posso me limitar.

Jus dá uma risadinha curta.

— Agora você está parecendo o Manny.

— *Pfff*, quem dera. O sujeito era o rei das mulheres.

— Era mesmo.

Um silêncio confortável recai sobre os dois enquanto observam a lápide. Uma brisa fresca os rodeia, e é como se Jus conseguisse sentir o EJR na correia de seu relógio pulsando contra sua pele, bem no local que ficou inchado tantos meses atrás.

— A gente podia marcar de se ver um dia desses — diz Jus. — Você podia vir comigo para Nova York um fim de semana, sei lá.

Passa-se um instante, e então:

— Eu adoraria, Justyce. De verdade.

Jared se volta para Jus e sorri.

Jus lê as palavras na lápide de Manny: “Mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará.”

— Eu também, Jared — responde ele. — Eu também.

AGRADECIMENTOS

Não preciso nem dizer que este projeto demandou muito tempo e esforço. Esta é minha lista de agradecimentos aos que se envolveram de forma mais direta:

1. A Deus — por tudo.
2. A Nigel — por acreditar em mim e cuidar das crianças.
3. A Pop, Marcus, Jeff, Jason, Jordan, Rachel W., Tanya, Shani, Becky, Reintgen, Michael, Ange, Jay, Wesaun, Elijah, Sarah H., Brandy, Dhonielle, Brendan — por lerem e me encorajarem.
4. A Jodi — por... sinceramente, tenho tanta coisa para listar que prefiro só dizer “por VOCÊ”.
5. A Dede — pelo incentivo e pelas orações.
6. A Jordan (de novo) — por me tirar da zona de conforto.
7. A Rena — por ser minha agente-madrinha E minha amiga, e por nunca me deixar meter os pés pelas mãos. E por me deixar ser uma pentelha. E teimosa.
8. A Elizabeth — por ajudar Phoebe a me dar uma bronca.
9. A Phoebe — por me ajudar a cortar isso pela metade e por me fazer desistir de me jogar de várias janelas. E por continuar me amando mesmo quando eu fui escrota (falando sério, não poderia ter pedido a Deus uma agente melhor).
10. Aos meus pais — por terem me criado.
11. A Kiran e Milo — por serem o motivo para eu estar fazendo isto.
12. Ao reverendo dr. Martin Luther King Jr. — por ter gerado a faísca. Espero ter atiçado as chamas para que o fogo continue queimando.

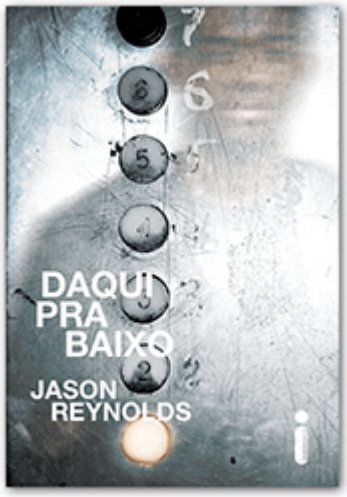
SOBRE A AUTORA



© Nigel Livingstone

NIC STONE é uma das vozes mais celebradas da literatura jovem atual. Seu romance de estreia, *Cartas para Martin*, foi best-seller do *The New York Times* e lhe rendeu sucesso internacional. Nascida e criada em um subúrbio de Atlanta e formada na Spelman College, foi aos vinte e três anos, numa temporada em Israel, que ela descobriu sua verdadeira vocação: contar histórias. Tendo crescido em contato com uma gama diversa de culturas, religiões e contextos sociais, seu maior objetivo é trazer essas diferentes vozes para seu trabalho.

LEIA TAMBÉM



Daqui pra baixo
Jason Reynolds



Território Lovecraft
Matt Ruff



Fantasma
Jason Reynolds



Quase uma rockstar
Matthew Quick